PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Processos Psicossociais

Luciene Aparecida Silva

SINTHOMA E DESENCADEAMENTO:

Um estudo sobre o desencadeamento da neurose a partir da histeria rígida e da neurose ordinária

Belo Horizonte
2020

Luciene Aparecida Silva

SINTHOMA E DESENCADEAMENTO:

Um estudo sobre o desencadeamento da neurose a partir da histeria rígida e da neurose ordinária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Profa. Dra. Ilka Franco Ferrari

Área de concentração: Processos Psicossociais.

Belo Horizonte
2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Silva, Luciene Aparecida
S586s *Sinthoma* e desencadeamento: um estudo sobre o desencadeamento da neurose a partir da histeria rígida e da neurose ordinária / Luciene Aparecida Silva. Belo Horizonte, 2020.
118 f. : il.

Orientadora: Ilka Franco Ferrari
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981. 3. Psicanálise. 4. Neuroses. 5. Histeria. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.26

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Luciene Aparecida Silva

SINTHOMA E DESENCADEAMENTO:

Um estudo sobre o desencadeamento da neurose a partir da histeria rígida e da neurose ordinária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais.

_____

Profa. Dra. Ilka Franco Ferrari – PUC Minas (Orientadora)

_____

Profa. Dra. Cristina Moreira Marcos – PUC Minas (Banca Examinadora)

_____

Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina - UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 06 de abril de 2020

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Ilka Franco Ferrari, por acolher a proposta da pesquisa, por me manter com os pés no chão e, especialmente, por me incentivar a confiar na minha versão do trabalho apresentada aqui.

Á Márcia Rosa e à Cristina Marcos pelas sugestões preciosas na banca de qualificação e por estarem, agora, na defesa.

Ao meu pai, Osvaldo, e em sua memória, por me ensinar quase sem intenção, que não importa onde você está e quem você é, a coragem deve ser a marca de sua vida. À minha mãe, Lourdes, por suas imperfeições, por estar presente de forma tão particular ao longo de tantos anos em que moramos distantes. Devo a ela o aprendizado de que o essencial são os detalhes e o inusitado. Obrigada por achar minha profissão "a coisa mais bonita do mundo!".

Ao Henrique, por ser "a sorte de um amor tranquilo" e tornar leve o que poderia ser um peso. Ao Dante pela alegria, pelas perguntas inesperadas que me fazem rever o que parecia definitivo.

Aos meus irmãos, Maria, Teresinha, Gaspar, Balta, Belchior e Sônia pela companhia em todos esses anos. Por todas as conversas que tivemos e teremos.

Aos amigos, todos, do passado e do presente! Foi por muitas conversas com vocês que me mantive caminhando e que não cedi do meu desejo.

Aos estagiários, do Cadism e do Ambulatório de psicologia do Ipsemg, para os quais fiz função de supervisão: agradeço a alegria diária e o desejo que faz manter a clínica viva!

Aos amigos do Cadism que dividem as manhãs permeadas pela loucura: Bel, Vânia, Rafaela, Márcio, Fernando, Luiz e Kátia, aos residentes e colegas psiquiatras.

À Cristina Moura, por estimular novas versões da minha vida.

[...] O inconsciente é que, em suma, se fala (…) sozinho. Fala-se sozinho, porque fala-se apenas uma única e mesma coisa – exceto se nos abrirmos para dialogar com um psicanalista. Não há meios de fazer de outra maneira, senão receber de um psicanalista o que perturba sua defesa.

Lacan, 11-01-1977

"[...]
- Luciene, ocê trabáia é cum cunversa, né?
- É, pai. É uma forma de conversa.
(Pensativo)
- Mais ... é divera que cunversá sara?".

Osvaldo, *in memorian*

RESUMO

Este trabalho trata a questão do desencadeamento das neuroses e tem como guia a noção de *sinthoma* em psicanálise, considerado como o quarto elo que enlaça o nó borromeano. O tema é tomado como relevante a partir de apresentações neuróticas contemporâneas que se diferenciam das neuroses clássicas. Para tanto, a histeria rígida e a neurose ordinária são tomadas como referências para a pesquisa, pois em ambas o *sinthoma* toma formas diversas do modelo neurótico borromeano. Na primeira há uma hiperutilização do *sinthoma* que impede o desencadeamento franco da neurose, na segunda há uma ausência do *sinthoma* que torna rígido o nó borromeano. Nos dois casos destaca-se que há sofrimento, mas não uma pergunta em direção ao Outro, há um rechaço à palavra e à interpretação analítica, expressos por um empobrecimento subjetivo ou por uma marca de repetição do mesmo. Nesses casos o desencadeamento não parece tão evidente. Por fim, ancorados no argumento de que a neurose, mesmo no contexto da clínica apresenta-se, mais frequentemente, em sua forma não desencadeada discute-se a função e o lugar do analista como perturbador da defesa e do *sinthoma.*

Palavras-chave: Desencadeamento. Sinthoma. Neurose ordinária. Histeria rígida.

ABSTRACT

This work deals with the question of the triggering off neuroses and has as a guide the notion of *sinthome* in psychoanalysis, considered as the fourth link that links up the Borromean knot. The theme is taken as relevant from contemporary neurotic presentations that differ from classic neuroses. For this, rigid hysteria and ordinary neurosis are taken as references for research, since in both the *sinthome* takes different forms of the Borromean neurotic model. In the first, there is an overuse of the *sinthome* that prevents the full triggering off neurosis, in the second, there is an absence of the *sinthome* that makes the borromean knot rigid. In both cases, it is highlighted that there is suffering, but not a question towards the Other, there is a rejection of the word and the analytical interpretation, expressed by a subjective impoverishment or by a repetition mark of the same. In these cases the trigger does not seem so evident. Finally, anchored in the argument that neurosis, even in the context of the clinic, presents itself, more frequently, in its not unchained form, the function and the place of the analyst as a disturber of the defense and of the *sinthome* are discussed.

Keywords: Triggering off. Sinthoma. Ordinary neurosis. Rigid hysteria

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trançamento borromeano com os seis pontos de cruzamento 29
Figura 2 - Nó borromeano com os seis pontos de cruzamento..... 29
Figura 3 - Nó borromeano planificado completo 31
Figura 4 - Consistência, buraco e ex-sistência, adaptado de Lacan 31
Figura 5 - Esquema de três retas explicativa da ex-sistência 32
Figura 6 - Nó borromeano com destaque para as ex-sistências dos campos de gozo 34
Figura 7 - Os campos da ex-sistência em reta infinita: do real (Φ), do simbólico (Ics) e do imaginário (Pcs)..... 34
Figura 8 - Inibição, sintoma e angústia como intrusão dos campos nos registros simbólico, real e imaginário. 35
Figura 9 - Nó de quatro elos com destaque do Complexo de Édipo ou a realidade psíquica ..40
Figura 10 - Nós das duas nominações simbólicas: sintoma-metáfora e sintoma-letra..... 45
Figura 11 - Nós das duas nominações imaginárias: inibição com efeitos no simbólico e no real 45
Figura 12 - Nós das duas versões da nominação real: angústia-letra e angústia-corpo..... 46
Figura13 - Nó de Joyce..... 49
Figura 14 - Os pontos de cruzamento do nó..... 51
Figura 15 - Reparação dos lapsos dos pontos ‘b’ do nó 52
Figura 16 - Exemplos de nominações reais ou angústias-sinthoma 53
Figura 17 - Lapso do nó, interpenetração de R e S e reparação do nó de James Joyce..... 54
Figura 18 - Ampliação do campo do ordinário para as neuroses proposta por Schejtman 64
Figura 19 - Nó com *sinthoma* em Dora, proposto por F. Schejtman..... 68
Figura 20 - Soltura dos registros do nó de Dora ao se cortar o registro R, S ou o *sinthoma*, respectivamente. 69
Figura 21 - Nó de Dora com o corte do registro do I e sua simplificação..... 69
Figura 22 - Exemplos de cadeias polireparadas de neuroses ordinárias com 5 e 6 elos, respectivamente 70
Figura 23 - Nó borromeano da histeria rígida 78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 A NEUROSE NA TOPOLOGIA BORROMEANA 23
2.1 Introdução ao nó borromeano 25
2.2 A estrutura do ser falante como um nó 27
2.2.1 A planificação do nó e seus elementos 30
2.2.1.1 A inibição 35
2.2.1.2 O sintoma 36
2.2.1.3 A angústia 39
2.2.2 O quarto elo: da realidade psíquica ao sinthoma 39
2.2.2.1 A nominação 42
2.2.2.2. As Seis versões da nominação 44
2.2.2.3 O Sinthoma 46
2.2.3 Reparação sinthomatica , não sinthomatica e interpenetração 49

3 DUAS VARIAÇÕES DA NEUROSE A PARTIR DO MODELO BORROMEANO 55
3.1 O discurso capitalista e seus efeitos 55
3.1.1 Neurose ordinária: o caráter inabalável de algumas neuroses 60
3.1.1.1 Uma aproximação com o conceito de caráter 65
3.1.1.2 A polireparação e a polissinthomatização na neurose 67
3.2 Histeria rígida: a histeria pelo avesso 72
3.2.1 O retrato da histeria de Dora por Hélène Cixous 73
3.2.1.1 Do corpo em cena ao acontecimento de corpo 80
3.2.1.2 O falo: da significação à falácia 83

4 SOBRE O DESENCADEAMENTO NAS NEUROSES 87
4.1 A pertinência do desencadeamento no campo da neurose 87
4.1.1 Desencadeamento em Freud 90
4.1.2 Duas leituras do desencadeamento em Lacan 93
4.1.2.1 Dora e o Homem dos ratos revisitados 96
4.1.3 O Sinthoma, o sintoma e suas relações com o desencadeamento. 99
4.2 Função e lugar do analista na clínica hoje 103
4.2.1 Perturbar a defesa 104

5 CONCLUSÃO 109

REFERÊNCIAS 113

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce dos impasses e questionamentos, vividos pela autora, no cotidiano de seu trabalho no campo da Saúde Mental, como psicóloga e supervisora do Centro de Atenção Diária e Integral em Saúde Mental, CADISM, ao longo de alguns anos. Trata-se de um serviço, ligado à Clínica de Psiquiatria do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais – Ipsemg - que faz parte dos estágios obrigatórios na formação dos residentes em psiquiatria do Instituto. É um serviço intermediário entre a internação na enfermaria do Hospital Israel Pinheiro e o ambulatório, que oferece atendimentos de crises subagudas, mas que não adota critérios assistenciais de hospital-dia.

Para além das questões estruturais, presentes no trabalho diário em saúde mental que acontece num hospital geral, a exemplo da inadequação de espaço físico e falta de profissionais especializados, ali também são enfrentados impasses na operacionalização da clínica. Há dificuldades em lidar com a situação da urgência e de sua resolução, isto é, com a gravidade do caso e a necessidade de estabilização rápida.

Dado que todo discurso opera sobre o real, é impossível pensar os modos de adoecimento fora da cultura. A subjetividade atual é marcada por algumas mudanças culturais, já assinaladas por Lacan (1969-1970/1992), a exemplo do declínio da função paterna e a predominância do discurso capitalista. O discurso, para Lacan, é o instaurador do laço social, construindo relações estáveis e fundamentais a partir da linguagem. O estatuto discursivo do discurso capitalista é questionável, pois este apresenta um funcionamento sem perdas, recusa a necessidade de renúncia ao gozo, essencial ao laço social, pois nele não há espaço para o reconhecimento da falta. Ao ser percebida ela é escamoteada com um objeto fabricado pela ciência e a tecnologia, propondo a busca da completude por meio do consumo. Nesse cenário a clínica se modifica, mudam os modos de funcionamento dos sujeitos, tanto no campo das neuroses quanto das psicoses.

Atualmente, não há como negar mudança significativa nas formas de sofrimento que chegam aos consultórios e serviços de saúde mental. Se antes havia formas de adoecimentos psíquicos facilmente reconhecíveis - uma psicose com delírios e alucinações presentes, ou uma neurose com sintomas conversivos - hoje apresentam-se muitos casos de toxicomania, de transtornos alimentares, depressões, patologias do ato, crises de pânico que parecem flutuar entre várias possibilidades de diagnóstico e de direção de tratamento. Ainda que as psicoses e neuroses clássicas não tenham desaparecido, esses modos atuais de adoecimento têm uma lógica particular e, logo, interpelam o psicanalista de outras formas, sempre pela demanda de

urgência, com necessidade de desaparecimento sintomático imediato, obedecendo à lógica do discurso contemporâneo de obturação da falta.

Mesmo em situação de crise, muitos sujeitos se colocam em posição de puro desconhecimento sobre o que lhes passa ou de nenhuma implicação no sofrimento que vivenciam. Muitos casos de neuroses que chegam a esse serviço apresentam resistência à formação de um sintoma psicanalítico clássico, tido como uma formação do inconsciente e, como tal, de portarem um sentido latente sob o manifesto. A resposta ao sofrimento se localiza disjunta da palavra e mais próxima aos atos. É como se houvesse uma busca imediata pela satisfação, num curto-circuito em que o sujeito se poupa de se dirigir ao grande Outro, na busca de gozo. Busca-se, desse modo, uma satisfação que não passa pelo Outro e sim pelo próprio corpo. São casos de difícil diagnóstico e, não raro, exigem mais tempo de permanência no CADISM, ou retornam logo após a alta, indicando uma insuficiência do tratamento medicamentoso e a possibilidade de cronificação, já que muitas vezes se faz necessário recorrer à internação.

Pode-se dizer que, embora as apresentações sintomáticas na atualidade pareçam não se sustentar no caráter defensivo do recalque, elas não apresentam os critérios diagnósticos das psicoses, anteriormente estabelecidos, nem das perversões. Ainda que lhes sejam atribuídos a definição de serem 'novos', já em Freud é possível encontrar indicações de sua existência, como se pode verificar nas neuroses atuais e nos quadros relativos ao caráter, cujo sofrimento psíquico se instala externamente ao conflito psíquico e ao sentido, de modo a não se apresentarem na perspectiva do sintoma, como formação do inconsciente. Assim, a partir do encontro da pesquisadora com a noção de neuroses ordinárias, propostas por analogia às psicoses assim nomeadas, nasceu o interesse pela questão do desencadeamento na neurose, pois tal como afirma Miller (2012a), tem sido lugar comum colocar na conta das neuroses, tudo que não pareça desencadeado na forma de delírios e alucinações. Ele, contudo, alerta que há signos discretos nas psicoses de maneira que estas podem ser ordinárias. Do mesmo modo, pode haver construções subjetivas que não se parecem com uma neurose clássica, mas uma vez que não são psicoses, devem ser mantidas no campo da neurose e pesquisadas para além das referências conceituais conhecidas.

Nessa direção, o psicanalista argentino, Fabián Schejtman (2011, 2013, 2015, 2016), destaca a existência de um caráter "ordinário", possível de ser encontrado em casos que podem se colocar do lado da neurose, de forma muito empobrecida ou não desencadeada, indicando a importância de se discutir sobre o desencadeamento nas neuroses. Para Laurent (2013), nos últimos anos de seu ensino, Lacan lança novas proposições para psicanálise,

dentre as quais, uma reformulação sobre a histeria formulada por Freud, a partir da "histeria rígida", apresentada por Lacan (1975-1976/2007) como uma histeria que se sustenta sozinha, sem o intérprete que dá sentido ao seu sintoma. Se na histeria clássica o amor ao pai é o elemento central, na histeria rígida tal elemento não se apresenta o que provoca indagações sobre a possibilidade de existirem histerias que estejam além do Édipo e do pai.

Surge aí, a decisão da pesquisadora de tomar a neurose ordinária e histeria rígida como modos de estudar o desencadeamento na neurose. Como ambas estão no registro da clínica borromeana, o conceito de *sinthoma* foi escolhido para ser o guia da pesquisa. Desse modo, a partir da constatação da prevalência de formas de adoecimento psíquico que fazem vacilar o já estabelecido, apoiada nas proposições de Schejtman (2013), Lacan (1975-1976/2007) e Laurent (2013), surgiu a pergunta para esta dissertação: as neuroses ordinárias e a histeria rígida podem ser referências para se pensar o desencadeamento das neuroses na clínica contemporânea?

A partir daí foi estabelecido, como objetivo geral, a partir do conceito de *sinthoma,* analisar a "histeria rígida" e a "neurose ordinária" como referências para pesquisar a noção de desencadeamento na clínica da neurose na atualidade. Estabeleceram-se como objetivos específicos: circunscrever a concepção lacaniana da neurose a partir da topologia borromeana; delimitar as considerações acerca da "neurose ordinária", estabelecidas por Fabian Schejtman (2013) e da histeria rígida proposta por Lacan (1975-1976/2007) e por Laurent (2013) e, por fim, discutir a noção de desencadeamento da neurose relacionando-o ao lugar a à função do analista na clínica contemporânea.

O *sinthoma*, tal como se constata, é conceito-chave do último ensino de Lacan, é elemento norteador dessa dissertação, considerado como ele o apresenta, no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007): aquilo que repara os erros do enodamento. Esse conceito é abordado, nessa pesquisa, a partir de contribuições de Schejtman.

Essa dissertação, a partir da pergunta levantada e dos objetivos propostos, está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, recuperar-se-á a concepção lacaniana de neurose na perspectiva borromeana. Utilizar-se-á a indicação de Schejtman (2011), de que a distinção e oposição, que propõe Lacan, no primeiro tempo de seu ensino (LACAN 1955-56/1988) e 1958/1998a), entre neurose e psicose - a partir da presença ou não-presença do Nome-do-Pai - são retomadas no último período de seu ensino (LACAN 1974-1975/inédito; 1975-1976/2007), a partir dos enodamentos borromeanos para a neurose e não borromeanos para a psicose.

Serão abordados, nesse capítulo, a constituição do sujeito como um nó borromeano e seus elementos constituintes. Em seguida, como foi feita a passagem, por Lacan, do nó de três elos ao nó de quatro elos, passando pelas definições da nominação estabelecida no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito)[1] e do *sinthoma* no *Seminário 23*. Neste registro, serão considerados o modelo do nó neurótico e as funções de encadeamento e desencadeamento relacionadas ao sintoma e ao *sinthoma*.

No segundo capítulo a neurose ordinária, estabelecida por Schejtman, e a histeria rígida (Lacan, Laurent) serão objetos de análise. Em ambas o *sinthoma* é o elemento central, sendo que na neurose ordinária há uma hiperutilização das reparações *sinthomáticas* e na histeria rígida, o *sinthoma* como Nome-do-Pai, está ausente.

Em relação às neuroses ordinárias, será discutida a construção do conceito a partir de sua relação com o "caráter inabalável da neurose", sublinhado por Lacan *no Seminário livro 21: os não tolos erram* (1973-1974/inédito)[2]. O inabalável da neurose articula-se, do ponto de vista topológico, à forma do nó olímpico que ao contrário do nó borromeano, não se desenlaça pelo corte de um dos registros. Do ponto de vista fenomenológico, relaciona-se à proposta freudiana da existência do neurótico comum e guarda certa aproximação com o caráter. O neurótico comum tem seu sintoma, mais como uma solução do que como problema. Nessa direção, o seu sofrimento é sintônico ao seu Eu, de forma que o sujeito torna-se incomovível, inabalável. A seguir, será apresentado o modelo topológico das neuroses ordinárias indicando os motivos de sua resistência ao desencadeamento que é sustentada na presença de mais de uma reparação no nó borromeano.

Na sequência do capítulo será a vez da histeria rígida, que foi apresentada por Lacan no *Seminário 23* (1975-1976) e, posteriormente, objeto de análise de Eric Laurent (2013). O ponto de partida será a proposta, de Laurent, de que a histeria rígida pode ser tomada como uma releitura da histeria freudiana. Nesse sentido, ele destaca o termo "ao avesso" para indicar que, com esta histeria, vários conceitos devem ser revistos. A peça *O retrato de Dora*, de Hélène Cixous, a partir da qual Lacan propõe a histeria rígida, será apresentada por meio de alguns fragmentos, comentados em trabalhos de Márcia Rosa (2019) e Fernando Vitale (2014), para introduzir as noções de materialidade e rigidez, marcas dessa histeria. A materialidade sustenta-se na apresentação de uma histeria sem o aparelhamento de sentido

[1] Como não há tradução oficial deste seminário, utilizaremos a versão em francês disponível em Staferla: *Séminaire 22: RSI* com o título em português *O seminário livro 22: RSI* nesta dissertação.

[2] Como não há tradução oficial deste seminário, utilizaremos a versão em francês disponível em Staferla: *Séminaire 21: Les non-dupes errent* com o título em português: *O Seminário livro 21: Os não tolos erram,* nesta dissertação.

organizado em torno do parceiro intérprete, aquele que dá sentido ao gozo da histérica. Sobre a rigidez, Lacan parte do modelo topológico para a histeria rígida, no qual não há o quarto elo, o Nome-do-Pai ou o *sinthoma*. A histeria rígida se mantém sozinha pela repetição do Um sozinho, sem se dirigir a um suposto saber no Outro.

O terceiro capítulo tratará do desencadeamento na neurose e de suas consequências. Tomar-se-á como primeira questão a pertinência desse tema no campo da neurose, já que esta guarda relação com a ideia de normalidade. Nessa direção, a partir da discussão de Dunker (2002), destaca-se a diferença da ideia do desencadeamento na neurose para Freud e Lacan. O primeiro considera a neurose como um evento que eclode: o sujeito torna-se neurótico a partir de variações na quantidade de libido que ele consegue suportar, associadas a eventos contingentes da vida adulta do indivíduo. Nesse sentido, para Freud a neurose é uma nosologia. Para Lacan, entretanto, "a neurose é uma estrutura do falasser", nos dizeres de Dunker (2002), o que coloca em questão a proposta freudiana. Utilizar-se-á, entretanto, das referências ao desencadeamento na primeira clínica lacaniana, sustentado no modelo de desencadeamento na psicose para argumentar, juntamente com Leibson (2012) e Dunker (2002), que o desencadeamento na neurose é um fato clínico para Freud e, também, para Lacan. Além disso, será feita outra leitura do desencadeamento neurótico, a partir da segunda clínica lacaniana, a dos nós borromeanos. Serão apresentadas releituras dos casos de Dora e do Homem dos Ratos e, em seguida, uma proposta de como os conceitos de sintoma e *sinthoma* se relacionam ao desencadeamento utilizando a leitura lacaniana feita por Schejtman (2013). Este autor argumenta que o sintoma traz a marca do desencadeamento enquanto o *sinthoma*, como o elemento responsável pela reparação dos erros do nó, é o que sustenta o enodamento.

Por fim, ancorados no argumento de que a neurose, mesmo no contexto da clínica apresenta-se, mais frequentemente, em sua forma não desencadeada discute-se a função e o lugar do analista nesses casos. Primeiro, recupera-se a noção de defesa proposta por Lacan como a primeira reação contra o real, para relacioná-la ao conceito de *sinthoma* e, assim, propor que a defesa, assim como o *sinthoma*, são resistências ao tratamento analítico. Em seguida, a partir de Lacan (1976-1977/inédito)[3] e Miller (2004a), discute-se o lugar do analista como perturbador da defesa e do *sinthoma* e, portanto, que uma das funções do

[3] Como não há tradução oficial deste seminário, utilizaremos a versão em francês disponível em Staferla: *Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre.* Utilizaremos o título em francês nesta dissertação

tratamento é provocar o desencadeamento, cabendo ao analista decidir sobre quais defesas é preciso perturbar.

O caminho metodológico escolhido é a pesquisa qualitativa, com o referencial de Pesquisa em Psicanálise (ELIA, 2000). Conforme as indicações de Freud (1923/1975a), a pesquisa se impõe à prática - a um só tempo, clínica e teórica - do psicanalista, em função de sua articulação intrínseca com o inconsciente. Para Miller (2006), há duas vertentes da produção do conhecimento, por meio da pesquisa. Na primeira, a vertente da acumulação, que encerra algo da repetição, respeitando o que foi produzido e teorizado anteriormente, procurando selecionar, a partir daquilo que implica o pesquisador, conceitos e referências para uma atualização sobre o tema, como também para estabelecer linhas de trabalho e possibilitar seu desenvolvimento. Na segunda vertente, a da investigação, pesquisa-se o novo, rompe-se com a repetição e dispõe-se a acolher os efeitos de surpresa.

Considera-se que esta pesquisa se justifica pela carência de estudos sobre a clínica da neurose, na atualidade, especialmente no campo da saúde mental, ao contrário da ampla produção encontrada em relação à psicose. Tal carência revela como a neurose fica deslocada, no contexto de tratamento dos dispositivos de saúde mental, e como a sua existência e insistência, muitas vezes, é tratada como irrelevante. Assim, acredita-se que investigar o campo da neurose contribuirá para as discussões acerca desse modo de funcionamento do sujeito, na atualidade e, principalmente para a construção do diagnóstico e direção de tratamento. O estudo poderá ter valor considerável para o trabalho de formação que se desenvolve no CADISM, beneficiará os usuários de saúde mental que, em tese, seriam melhor acolhidos, e os trabalhadores que contarão com estudo que os possa instrumentalizar em "saber-fazer" nesse campo teórico-prático que tem exigido reflexões. Os resultados dessa pesquisa também estarão disponíveis a outros interessados nesse assunto ainda pouco explorado.

2 A NEUROSE NA TOPOLOGIA BORROMEANA

Na obra freudiana a ideia do Pai, circunscrita sob o enredo edípico, sempre foi uma categoria central na preeminência da constituição da realidade psíquica, de modo que toda a psicopatologia psicanalítica se sustentou em torno de seus efeitos para o sujeito. Do mesmo modo, temos em Lacan na sua primeira clínica[4], a herança freudiana sob o conceito de Nome-do-Pai, cuja presença ou ausência também nortearam a clínica e a psicopatologia.

Na primeira clínica de Lacan, a metáfora paterna dá consistência ao Outro, mostra a força do simbólico, pois trata-se de um Outro prévio, que reserva um lugar ao qual o sujeito irá alienar-se e a partir do qual será constituído. Este Outro é testemunha da verdade, é um Outro não barrado. Se há foraclusão do Pai, abre-se um furo no simbólico, que o delírio visa reparar. É o campo da psicose, compreendida a partir da neurose e pela falta do significante paterno. Assim, essa clínica se nomeia descontinuísta, dada a diferença marcante entre as estruturas. Durante muito tempo a psicanálise se sustentou na solidez da referência estrutural, pois esta permitiu distribuir a clínica em dois campos distintos: de um lado a neurose, de outro, a psicose.

A introdução do significante de uma falta no Outro S(Ⱥ) (Lacan, 1960/1998b), signo de sua incompletude e inconsistência, do objeto *a* e de suas relações com o gozo e com o Nome-do-Pai (Lacan, 1962-1963/2005b), são avanços teóricos fundamentais que provocarão a virada no ensino lacaniano. Este se conduzirá a reduzir o Nome-do-pai a um nome entre outros, esvaziado da referência edípica; à constatação de que nem todo o gozo pode ser negativizado pelo Nome-do-Pai e à consideração, cada vez mais evidente, do real para o sujeito. Na mesma direção, a formalização da tábua de sexuação (Lacan, 1972-1973/1985a) e os impasses colocados pelo gozo feminino, levarão Lacan a formular a inexistência do significante dⱥ Mulher e da relação sexual para todos os seres falantes. Tais formulações direcionaram Lacan a constituir um outro modo de abordar a clínica, a partir do *Seminário livro 19: ... ou pior* (1971-1972/2012) com a introdução dos nós borromeanos no seu ensino.

[4] Serão utilizadas nessa dissertação duas periodizações. A primeira trata da periodização do ensino lacaniano proposto por Miller, nas Conferências Caraquenhas (2002): o primeiro ensino data de 1953- primeira cisão do movimento psicanalítico francês e publicação *de Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* até o ano de 1963; o segundo ensino data de 1964 com menos referências a textos freudianos a partir do *Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) até o período de 1972. O terceiro e último ensino inicia com a publicação do *Seminário livro 20: mais, ainda* (1972-1973/1985), com o destaque para a categoria do Real. A segunda periodização, apresentada por Mazzuca, Schejtman e Slotinik (2000), diz respeito à existência de duas clínicas, a primeira com uma marca estruturalista e a segunda marcada pelo uso dos nós borromeanos,.Os autores acolhem a divisão estabelecida por Miller e localizam a primeira clínica no primeiro e no segundo ensinos de Lacan e a segunda clínica a partir do último ensino.

O Outro inconsistente também sustentará a generalização de uma falta para todo ser falante, permitindo a Lacan proferir em 1978 a máxima “todo mundo é louco, isto é, delirante” (Lacan, 1978/2010, p. 31). Nesse registro, a neurose passa a não ser mais a norma da subjetividade. Na neurose e na psicose a barra do Outro implica a falta de um significante para nomear por completo o gozo e é aí onde a foraclusão se generaliza. Ela é transestrutural e implica a perspectiva de uma clínica continuísta, isto é, uma fluidez na demarcação dos campos da neurose e da psicose.

A partir de *Joyce, o sintoma* (1975/2003) e das elaborações sobre o *sinthoma* no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007) abre-se uma nova concepção da psicose que poderá permanecer sem seus sintomas característicos: alucinações e delírios. Acompanhando a declinação do Nome-do-Pai e a ascensão ao zênite social do objeto *a*, na prática clínica se constatava um aumento de casos nos quais não se encontravam os elementos precisos e definidores de uma psicose. A partir de três reuniões clínicas (Miller 1999; 2012b) para a discussão de casos que desafiavam a referência diagnóstica até então, esses novos desenvolvimentos teóricos permitiram a Miller (2012b) inaugurar o campo do ordinário na psicanálise, fato que propiciou o acolhimento, no campo da psicose, de casos não desencadeados que se apresentavam, muitas vezes, com vestimentas neuróticas e que receberam a referência de ‘psicoses ordinárias’. Todas essas teorizações trouxeram consequências para as neuroses. Se antes ela era a regra, isto é, estava vinculada à ‘normalidade’, ao habitual para a vida subjetiva, as psicoses eram extraídas desse campo como aquilo que não se normalizou, como um registro ligado a um déficit do significante Nome-do-Pai. Na virada do ensino lacaniano, as neuroses, assim como as psicoses, necessitam ser demonstradas a partir de critérios clínicos. A neurose deixa, então, o seu posto de pano de fundo da psicose, isto é, o lugar relacionado à normalidade.

O *sinthoma* (1975-1976/2007) é chave do último ensino de Lacan, no qual temos uma concepção borromeana da neurose: ela é apenas uma das formas de responder à inexistência da relação sexual que afeta todo falasser. Este não se referencia ao sujeito, mas ao corpo vivo: é um termo que condensa o sujeito do significante com a substância gozante pois inclui o corpo na noção de sujeito. O *sinthoma* guarda uma relação com o pai, pois trata-se de uma *père version*, uma versão do pai, dado que a sua pluralização em nomes do pai (Lacan, 1974-1975/inédito) o esvazia da referência edípica e o destitui da primazia da função da nomear.

2.1 Introdução ao nó borromeano

Depois de uma vasta experiência clínica, na qual vinha se aproximando do real e do gozo como aquilo que não era revestido pelo sentido como efeito de significação, Lacan chega ao nó borromeano, não a partir de uma invenção sua, mas por empréstimo. Ele toma emprestado, do matemático Guilbaud, o nó que era um dos símbolos usados no brasão da família italiana dos Borromeo, do século XV. Segundo Jeanvoine (1997, p.169), o brasão dos Borromeo inscrevia o pacto de três famílias "tal que o laço entre elas seria rompido se apenas uma e qualquer uma delas viesse aí a faltar." A existência do pacto entre as famílias Borromeo dá o fundamento sobre o qual se sustenta a função, dita borromeana: se um dos três registros - o simbólico, o real ou o imaginário - se romper, ocorrerá o desenlace do nó.

Em sua conferência *O simbólico, o imaginário e o rea*l (1953/2005a, p.12), Lacan define esses registros como "três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana". Mesmo articulados como equivalentes quanto às suas posições, no nó de RSI, os registros são diferentes em suas funções. O real é aquilo que retorna como impensável, irrepresentável, da ordem do impossível, que o sujeito não tem acesso. O simbólico é o lugar do representável, mas que opera pelo equívoco existente entre o sujeito e a linguagem. O imaginário, por sua vez, é o lugar do sentido e da imagem que dá alguma garantia ao sujeito.

A introdução do nó borromeano no ensino lacaniano aconteceu no *Seminário livro 19: ... ou pior* (1971-1972/2012), na aula de 09/02/1972, mas não conduziu Lacan, imediatamente, a estabelecer relação entre o nó e os três registros real, simbólico e imaginário. Tal relação foi sendo aprimorada nos seminários sucessivos consolidando-se no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito) com a introdução do quarto elo chamado nominação[5] e no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007), que serão apresentados mais adiante nesta dissertação.

No *Seminário livro 19: ... ou pior* (1971-1972/2012) Lacan fará uma primeira utilização do nó, mas sem a referência aos três registros. Neste seminário, os nós são aplicados à cadeia significante. O seu interesse pela exposição de Guilbaud vem da fórmula, então presente em seu ensino: "eu te peço que me recuses o que te ofereço" (Lacan,1971-

[5] Diante da imprecisão das traduções para o termo *nomination* ora traduzido por nomeação, ora por nominação optou-se por acatar as indicações de Guerra e Vorcaro (2018) que salientam que "[...] enquanto o termo nomeação diz respeito a dar nome a qualquer objeto, [...] a nominação veicula uma significação que escapa ao sentido e delimita, pelo vazio, o nome próprio. Trata-se de uma invenção não passível de tradução, sinônimo ou equivalência." (p. 12), ou significa, dar nome ao que não tem nome (p. 220). Assim, nesta dissertação será utilizado o termo nominação.

1972/2012, p.88). O tipo de ligação paradoxal que o nó trazia indicava, também, a relação das frases que só podem ser entendidas em relação com as demais.

> [...] é esse o caso daqueles tipos de círculos flexíveis que constituem meu *peço-te que me recuses o que te ofereço*. Cada um é uma coisa fechada e flexível, que só se sustenta por estar encadeada nas outras. Nada se sustenta sozinho. Essa topologia, por sua inserção matemática, está ligada a relações de pura significância, como demonstrou meu último seminário. É na medida em que esses três termos são três que vemos que pela presença do terceiro, se estabelece entre os outros dois uma relação. É isso que significa o nó borromeano" (Lacan, 1971-1972/2012, p. 92).

A partir do aforismo explicitado pelos três verbos, Lacan indica como é necessário que *pedir-recusar-oferecer* estejam enodados borromeanamente para que haja produção de sentido. Ele sublinha a função do terceiro elo em relação aos outros dois: é somente pelo enodamento do terceiro elo que o nó se faz existir, neste caso, que o sentido do aforismo se revela. Disso resulta que a primeira utilização do encadeamento borromeano por Lacan diz respeito à relação entre significantes: estes se encadeiam de forma borromeana.

No *Seminário livro 20: mais, ainda* (1972-1973/1985a), Lacan ainda mantém as relações do nó com a cadeia significante. Ele utiliza as frases interrompidas de Schreber para exemplificar como a interrupção da cadeia significante se dá pelo corte de um dos anéis, de um elo que libera todos os demais. "Vocês querem um exemplo que lhes mostre para que pode servir essa fileira de nós dobrados que se tornam independentes se apenas cortarmos um só? Não é difícil encontrar um exemplo, e não à toa, na psicose" (Lacan, 1972-1973/1985a, p.173). Schejtman (2012) destaca que aqui, como consequência, a psicose é abordada como um desencadeamento da cadeia borromeana dos significantes. Neste vigésimo seminário, entretanto, ele já começa a manusear as cordinhas de barbante para produzir os nós de diversas maneiras.

Se desde o encontro com o nó borromeano, ele estava relacionado à cadeia significante, no *Seminário livro 21: os não-tolos erram* (1973-1974/inédito), na aula de 13/11/1973, Lacan estabelecerá a relação do nó com os registros real, simbólico e imaginário: o nó passa definitivamente a se relacionar com " [...] as três dimensões do espaço que defini como sendo o espaço habitado pelo ser falante". Neste seminário, ele nomeia suas rodinhas de barbante como RSI mudando, inclusive, a ordem de aparição destes registros, que anteriormente era SIR, o que já supõe uma mudança de perspectiva na sua teorização: da ênfase do Simbólico para a ênfase do Real (Mendonça, 2018). É fundamental salientar, entretanto, que para Lacan estas dimensões eram equivalentes, como ele mesmo propõe na primeira aula: "[...] ao qualificar essas três dimensões, especificando-as com os mesmos

termos em que me empenhei fortemente até aqui para diferenciar [...] o que estou propondo é que se pode torná-los estritamente equivalentes". (Lacan, 1973-1974/inédito), aula proferida em 13/11/1973).

Na terceira aula deste seminário, Lacan reconhece que os significantes não formam cadeia, que esta é apenas aparência. Ele retoma, inclusive, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998), para indicar o que, neste momento de seu ensino, ele considera um erro:

> [...] a linguagem é um efeito disto: que há do significante Um. Mas o saber não é a mesma coisa! O saber é a consequência de que há um outro, com o qual se faz dois, em aparência! Pois este segundo sustenta seu estatuto, justamente, nisto: que não tem nenhuma relação com o primeiro, que eles não fazem cadeia, mesmo se eu disse, em algum lugar, em meus manuscritos [...] em *Função e Campo* ... talvez eu tenha deixado que isso fizesse cadeia... É um erro, pois, para decifrar; é exatamente preciso que eu faça algumas tentativas, de onde essa babaquice. (Lacan, 1973-1974/inédito), aula proferida em 11/12/1973).

Schejtman (2012) destaca que, precisamente aí, Lacan sublinha a importância do significante solto, o S1 sozinho, ao mesmo tempo em que questiona a possibilidade mesma do encadeamento significante já que ele considera que a relação de um significante S1 a outro S2, qual seja, "[...] substituir o significante um pelo significante outro, aquele que só faz dois porque vocês aí acrescentam o deciframento" (Lacan,1973-1974/inédito), aula proferida em 11/12/1973), constitui um forçamento, isto é, se faz por um forçamento do deciframento. Lacan indica que não há relação entre Um e Outro, mas somente o Um sozinho e se não há relação entre os significantes, há um buraco no simbólico. Schejtman destaca a relevância deste momento teórico pois evidencia a restrição da relação borromeana ao enlaçamento dos registros que ganhará força nos seminários seguintes, nos quais haverá a formalização do nó neurótico.

2.2 A estrutura do ser falante como um nó

Como foi ressaltado acima, no *Seminário livro 21: os não-tolos erram* (1973-1974/inédito) os registros real, simbólico e imaginário já estão associados à cadeia borromeana que, a partir deste momento, Lacan vai aproximar à trança, como recurso que "[...] coloca em evidência o elemento temporal da constituição do sujeito, por meio de seis movimentos que revelam a sincronia e a diacronia dos deslocamentos em RSI." (Capanema e Vorcaro, 2017, p. 390). Embora a relação temporalidade-estrutura sempre estivesse presente na obra lacaniana, Schejtman (2013) argumenta que o nó não parece suficiente para tratar a

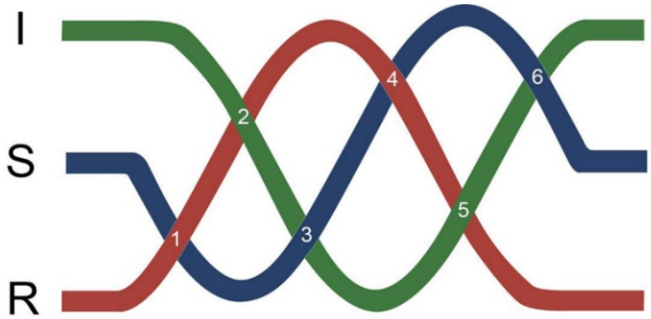
afetação da estrutura pelo tempo, pois ele traz apenas o registro da sincronia, os pontos de cruzamento que trazem a inscrição de momentos cruciais para o sujeito. Assim, segundo o autor, o recurso à trança pode recuperar os efeitos da diacronia no nó, que apresenta um outro modo de apreensão da temporalidade. Desse modo, o recurso à trança pode contribuir para esclarecer o resultado da temporalidade na estrutura, tornando mais claro como se dá a articulação entre nó e estrutura.

A partir da indicação lacaniana de que a finalidade da topologia "[...] é dar conta da constituição do sujeito" (Lacan, 1964/1988, p. 193), Vorcaro (2009) realiza uma operação de corte dos anéis do nó em linhas paralelas para abordar a constituição do sujeito como um nó feito a partir de sua disposição trançada, localizando cada cruzamento como um momento constituinte da subjetividade. A trança colocará em evidência o elemento temporal na constituição do sujeito, por meio de seis movimentos como indica Lacan:

> Para fazer um nó borromeano é preciso fazer seis gestos, e seis gestos graças ao que ... graças a que eles estejam da mesma ordem. Exceto que, justamente, nada permite reconhecê-los. É exatamente por isso que é preciso fazer seis, a saber, esgotar a ordem de permutações duas a duas e saber, antecipadamente, que não é preciso fazer mais, sem o que a gente se engana. (Lacan, 1973-1974/inédito, aula proferida em 15/01/74).

Inicialmente, tem-se três retas paralelas que indicam o momento zero do sujeito, em que o trançamento não foi iniciado. Cada cruzamento corresponde a um momento essencial da constituição subjetiva que parte do organismo do neonato que se apresenta como realidade psíquica para o outro materno. Este interpretará os apelos desse organismo vivo, alternando presença e ausência na resposta à manifestação da necessidade. A partir das descontinuidades nessa alternância que articula a tensão e o apaziguamento e "[...] que perfura a matriz simbólica, situamos o primeiro movimento da trança, em que o real incide no simbólico. Pela retroação da incidência da Metáfora Paterna pode-se distinguir aí a condição de possibilidade do recalque originário." (Vorcaro, 2009, p. 5). Os cruzamentos da trança passarão pelo tratamento imaginário das relações com o outro e terminarão pelo efeito simbólico oferecido pela intervenção paterna que organizará o gozo pela significação fálica.

Figura 1 - Trançamento borromeano com os seis pontos de cruzamento

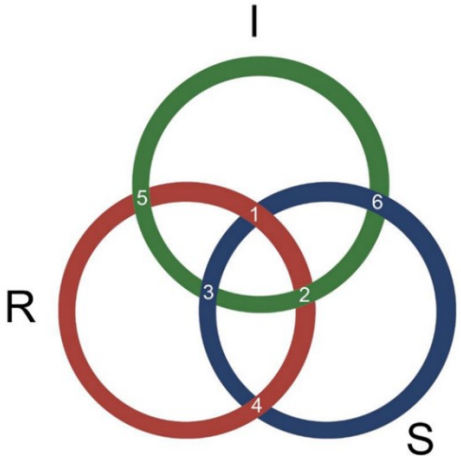


Fonte: Adaptado de Caparnema e Vorcaro (2017, p. 390).

O trançamento envolve uma lógica que parte do movimento de incidência do real no simbólico (cruzamento 1), posterior tratamento do imaginário à essa incidência do real (cruzamento 2) e, em seguida, a ação do simbólico que limita o imaginário (cruzamento 3) e, sucessivamente, alternando cruzamentos real-simbólico; imaginário-real e simbólico-imaginário.

> Nesse percurso ideal, o sujeito se inscreve no simbólico preexistente a ele. Entre a experiência em que a criança recebe atribuição fálica e a constituição da significação fálica, temos o lapso que a trança percorre, na estrutura temporal reversiva, na qual a castração retroage ao recalcamento originário para lhe conferir significância. Se com três fios realizamos seis cruzamentos numa trança, segundo a lei do "por cima e por baixo", e voltamos a unir as extremidades dessa corda, obteremos o nó borromeano. Este, de três elos é uma trança de seis cruzamentos não quaisquer. Da ordem de suas linhas R, S e I, podemos constatar que R passa duas vezes por cima de S; I passa duas vezes por cima de R; e S passa duas vezes por cima de I. (Capanema e Vorcaro, 2017, p. 391)

Figura 2 - Nó borromeano com os seis pontos de cruzamento



Fonte: Adaptado de Capanema e Vorcaro (2017, p. 391).

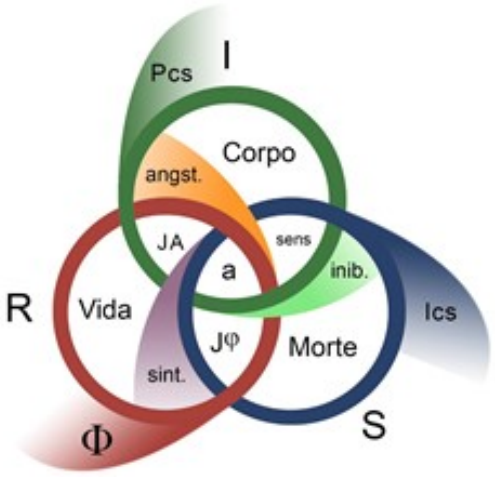
É digno de nota salientar a ressalva de Lacan no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito): a trança e o nó borromeano de três cordas não são a norma para a relação de R, S e I. O nó borromeano de três elos perfeitamente trançado não existe, pois ele situa apenas uma estrutura ideal do ser falante. A estrutura é sempre falha e comporta lapsos. Será necessário um quarto elo, no nó, para reparar os lapsos, como ressaltam Capanema e Vorcaro (2017, p.392) "a condição borromeana permanece sempre suposta como necessária para a constituição do sujeito, mas suas falhas só serão distinguíveis após o sujeito ter reparado os lapsos com o quarto elo." A introdução do quarto anel no nó será discutida no item 2.2.2 nesta dissertação.

No *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito), Lacan discute a natureza do nó: não o apresenta mais como uma metáfora ou modelo da estrutura e chega a postular que o nó é da ordem do real, "[...] o nó não é um modelo. E mais, o que faz nó não é o imaginário, não é representação, mas sua característica é justamente isso, é com o que escapa a uma representação. O nó não é o modelo, é o suporte. Ele não é a realidade, é o real" (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 15/04/1975). Já no início do seminário, Lacan propõe o achatamento ou a planificação do nó, isto é, a redução de três dimensões para duas. Esse processo permite verificar muitos dos elementos em jogo na estrutura do ser falante e facilita a visualização de uma ordenação a partir da posição de um dos elos como mediador dos outros dois, como destaca Capanema (2018).

2.2.1 A planificação do nó e seus elementos

A planificação do nó aparece em *A terceira* (1974/2011a) e no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito), com algumas pequenas diferenças. Na figura abaixo estão todos os elementos trabalhados por Lacan nos dois textos citados.

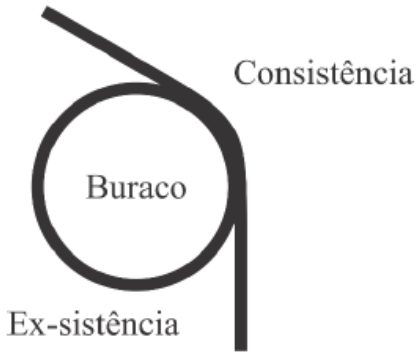
Figura 3 - Nó borromeano planificado completo



Fonte: Adaptado de Godoy, 2010 p. 136

Na lição do dia 18 de fevereiro de 1975, Lacan trabalha as categorias da consistência, do buraco e da ex-sistência relacionando-as com os registros do imaginário, do simbólico e do real, respectivamente. Estas categorias, entretanto, não estão, exclusivamente, vinculadas a um único registro, pois a "[...] corda do nó é o que dá consistência, assim como no interior deste nó teremos um buraco, e do lado de fora da corda há uma ex-sistência" (Mendonça, 2018, p. 105). Assim, cada registro tem seu buraco, sua consistência e sua ex-sistência.

Figura 4 - Consistência, buraco e ex-sistência



Fonte: Mendonça, 2018, p.105

A consistência, segundo Jeanvoine (1997, p.171) seria o que segura, o que 'siste' com. Consistir é segurar-se com, manter-se junto: "Trivialmente a consistência é a coesão, o caráter do que é sólido, do que se mantém, do que não depende de um concurso acidental de

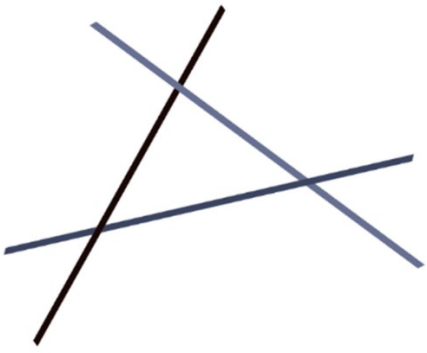
circunstâncias, do que é sem corte". A consistência se faz pelo próprio enodamento mínimo de três elos, de modo que o que dá a consistência de cada um é o fato de estarem enodados borromeanamente. É na categoria do imaginário que Lacan sustenta a consistência.

A ex-sistência, por oposição e afinidade etimológica com a consistência, é o caráter do que se mantém, mas estando fora (Jeanvoine, 1997, p.173). No nó, a ex-sistência é a natureza do que gira ao redor do consistente dando limite a ele. Enquanto os três registros são homogeneizados pela operação do enodamento, eles se diferenciam por sua ex-sistência.

Essa categoria refere-se ao cogito cartesiano: Descartes estabelecia a sua existência a partir do "eu penso", para Lacan ao esvaziar o "eu penso" de qualquer pensamento de si mesmo, Descartes fabrica um buraco ao redor do qual se sugere uma ex-sistência. É assim que Lacan (1974-1975/inédito, aula proferida em 17/12/1974) define a ex-sistência, como o que permite a cada um dos anéis, furar a consistência dos outros dois, confundindo-os ao fazer-lhes limite sendo, portanto, ponto de amarração externo entre os outros anéis. Na materialidade do nó, cada um dos registros ex-siste aos outros dois, ou seja, sustenta-se fora. É somente pela ex-sistência de um terceiro que esses dois se enodam, pois se os três fossem consistentes seria impossível o enodamento.

A ex-sistência se sustenta no que a topologia borromeana subverte da geometria: se para esta um ponto é definido por duas retas, para a primeira, o cruzamento entre duas retas não estanca o deslizamento infinito entre elas. Para a lógica borromeana, um ponto é definido por três retas, pois só o limite da terceira pode estancar o deslizamento infinito, colocando-se na posição de ex-sistência.

Figura 5 – Esquema de três retas explicativa da ex-sistência



Fonte: desenho da autora

Ao abrir um dos registros em reta infinita, a consistência deste registro é apagada, ficando em posição de ex-sistência aos outros dois, sendo esta a condição necessária para que

os outros dois registros se enodem, “algo ex-siste por ser suponível na escrita pela abertura em reta infinita” (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 18/02/75). É a noção de buraco, entretanto, que dá sentido à ex-sistência, pois sem o buraco de cada consistência seria impossível furar a consistência dos outros.

Lacan declara que para algo ex-sistir é necessário que haja buraco em alguma parte. “A ex-sistência como tal, define-se, suporta-se disso que em cada um dos termos R.S.I., faz buraco (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 17/12/1974). O primeiro buraco, no registro do Imaginário, é o *corpo*:

> [...] o que suporta o corpo é outra coisa, é a linha, a linha da consistência. Um corpo tal como esse com que vocês se suportam, é muito precisamente esse algo que, para vocês, tem o aspecto de ser o que resiste, o que consiste antes de se dissolver (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 18/02/1975).

A vida e a morte respondem como buracos do Real e do simbólico, respectivamente, e aparecem na seguinte fala de Lacan:

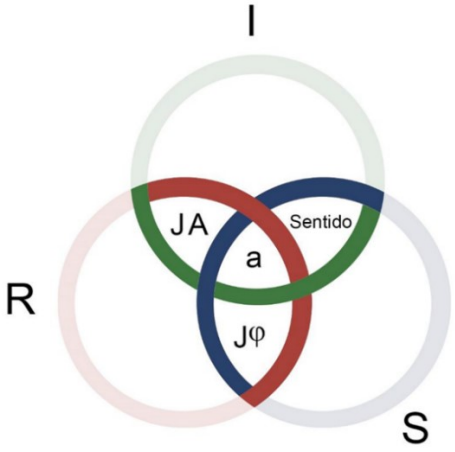
> [...] quais são os buracos que constituem, por um lado, o Real, e por outro, o Simbólico? É o que, seguramente, será preciso examinar de muito perto. Pois alguma coisa abre-se a nós que, de alguma forma, parece evidente: esse buraco do Real, a se designar como vida. Foi, igualmente, uma vertigem a que o próprio Freud não resistiu, opondo instintos de vida aos instintos de morte [...] é do lado da morte que se encontra a função do Simbólico. (Lacan, 1974-1975/inédito, 17/12/74).

Até aqui temos as seguintes relações: ao Real ligam-se a ex-sistência e a vida, ao Simbólico o buraco e a morte e ao Imaginário a consistência e o corpo. A consistência, por sua materialidade de corda e natureza imaginária, é necessária para que o nó borromeano se faça a partir de três consistências. Se o imaginário dá consistência aos elos do nó, ela só se suporta pelo real do nó. Quanto ao buraco, ele é estabelecido pelo simbólico, pois é o significante que faz buraco, conforme explica Lacan, “o Simbólico gira em torno de um buraco inviolável, sem o que o nó dos três não seria borromeano" (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 11/03/75).

O real, no ponto triplo do cruzamento dos três elos, é a medida comum que torna equivalentes três consistências com sentidos distintos, por estarem atadas em nó. O objeto *a,* como o lugar da falta, marca da incompletude do falasser e como o gozo *a mais* impossível de atingir, aloja-se no ponto central do cruzamento dos três elos, ponto em que o buraco de um se liga ao buraco dos outros dois, marcando o vazio da sua ausência. Assim, na planificação do

nó borromeano, o buraco central permite situar três campos de ex-sistência: o Gozo do Outro (JA), sem o simbólico, o Gozo fálico (JΦ) sem o imaginário, e o sentido, sem o real.

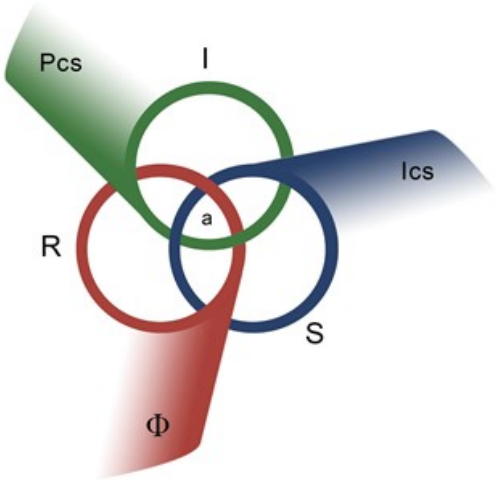
Figura 6 - Nó borromeano com destaque para as ex-sistências dos campos de gozo



Fonte: Adaptado de Lacan, 1974, p. 22

Como a possibilidade de enlaçamento de duas consistências é admissível apenas se a terceira se coloca como ex-sistente, pela abertura de uma das 'rodelas' em reta infinita, os campos da ex-sistência dos registros se projetam. Assim, o inconsciente é colocado como campo que ex-siste ao simbólico e que responde pelo sintoma e o falo ex-siste ao real, respondendo pela angústia. Em relação ao imaginário, Lacan não apresenta a ex-sistência deste campo no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito), mas a apresenta em *A terceira* (1974/2011a, p. 312), como 'representação' e 'Pré-consciente', que responderia à inibição.

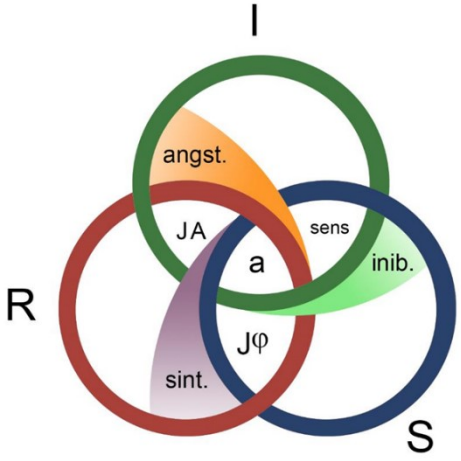
Figura 7 - Os campos da ex-sistência em reta infinita: do real (Φ), do simbólico (Ics) e do imaginário (Pcs)



Fonte: desenho da autora

A partir do centro do nó, isto é, do objeto *a* e das diferentes modalidades de gozo - gozo do Outro (JA) na intersecção real-imaginário, gozo fálico (JΦ) entre o real e o simbólico e o gozo do sentido, entre o imaginário e o simbólico - indica-se um movimento de onde acontece a intrusão, ou seja, o avanço de um registro sobre o outro. A partir dessa invasão, ou do deslizamento de um registro sobre o outro, Lacan localiza a inibição, o sintoma e a angústia, o mesmo trio trabalhado por Freud (1925/1976a)

Figura 8: Inibição, sintoma e angústia como intrusão dos campos nos registros simbólico, real e imaginário.



Fonte: desenho da autora

2.2.1.1 A inibição

O eu é onde se produz a inibição que provoca o impedimento de uma função, que no nó borromeano é a detenção produzida pela intrusão do imaginário no simbólico na produção do sentido: o impedimento de que a cadeia significante se desdobre infinitamente. Como observa Capanema (2018) a partir de Dafunchio (2013), tal detenção é fundamental para a construção da estrutura neurótica, pois é ela que permite o fechamento do simbólico em relação aos outros registros.

Lacan associa a inibição ao corpo e como o gozo fálico está localizado entre o real e o simbólico, ou seja, em posição de ex-sistência ao imaginário, a inibição é a tentativa de dar sentido ao gozo fálico fora do corpo. Os efeitos da inibição são experimentados no campo do simbólico.

2.2.1.2 O sintoma

O sintoma é apresentado em *O seminário livro 22: RSI* (Lacan, 1974-1975/inédito) como aquilo que não anda bem no real, pelos efeitos da intrusão do simbólico sobre esse registro. O sintoma, também, aparece como o que ex-siste ao inconsciente, já que este está no campo da projeção do simbólico (confira figura 8). Percebe-se, então, uma mudança radical na perspectiva do sintoma, antes ligado à substituição significante e à metáfora. Pela relevância dessa nova vertente do sintoma, será apresentado um pequeno percurso teórico de Lacan em direção ao sintoma como letra.

É no *Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963/2005b) que Lacan estabelece a dimensão real do objeto *a* e trabalha a diferença entre a repetição como *automatón*, que opera nas formações do inconsciente e *tiché*, repetição que tem como fundamento o encontro aleatório e traumático com o real. É assim que ele desnuda a vertente resistente do sintoma, já apontada por Freud. São os primeiros indícios de definições que excediam a dimensão metafórica do sintoma, em função da letra, segundo Schejtman (2013).

O primeiro aparecimento dessa versão do sintoma ocorre no *Seminário livro 10: a angústia* quando Lacan sublinha a diferença entre *acting out* e sintoma

> Por natureza o sintoma não é como o *acting out*, que pede a interpretação pois – esquecemos disso em demasia – o que a análise descobre no sintoma é que ele não é um apelo ao Outro, não é aquilo que mostra ao Outro. O sintoma por natureza, é gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto [...]" (Lacan, 1962-1963/2005b, p. 140).

O sintoma perde a dimensão de mensagem dirigida ao Outro, por isso não pede interpretação, mas supõe um gozo, que se dirige à Coisa, *das Ding*, como indica Lacan em *O Seminário livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960/1997). Disso se conclui que há algo no sintoma que aponta para o mais além do princípio do prazer, priorizando um modo de satisfação auto erótica, como fixação pulsional.

Após *O Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963/2005b), o sintoma como gozo é retomado em outros momentos, como no *Seminário livro 16: De um outro ao Outro* (1968-1969/2008)

> [...] o gozo está excluído ... desse modo o gozo se afirma como real último do mesmo sistema que o exclui. Do nada, estou aqui de novo em todos os lugares por causa dessa exclusão, que é tudo o que ele faz. A isso nossa prática é dedicada onde lidamos com o sintoma, desvelar, desmascarar o relacionamento com o gozo que é o nosso real, na medida em que é excluído. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 297).

É também a partir deste seminário que Lacan adota, definitivamente, o aforismo ‘não há relação sexual’: a partir da inexistência de um significante definidor d*A* Mulher, que a rigor permite-nos “[...] ver que o que falta ao conjunto dessa lógica é precisamente o significante sexual.” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 221). Esta falha na estrutura diz respeito ao fato de que há um gozo impossível, o da complementaridade dos sexos. O leque de gozo a que o ser falante tem acesso está no lugar do gozo impossível da não relação sexual, isto é, os gozos são uma suplência do gozo impossível. Assim, são gozos sintomáticos, sintomas da não relação.

No *Seminário livro 19*: ... ou pior (Lacan, 1971-1972/2012) Lacan apresenta outro axioma fundamental - ‘Há o Um’ (*il y a de l’um*) - que se soma ao ‘não há relação sexual’. O autor destaca a correlação existente entre eles:

> Quando o Um se articula, destaca-se exatamente isto: não há dois. Eu lhes disse, isto é um dizer. Vocês podem até encontrar aí, ao alcance da mão, a confirmação do que digo quando digo que a verdade só pode meio-dizer. Basta vocês decomporem a formulação. Para dizer isso, ele só pode dizer, ou bem há-e, como digo eu, Há-um -, ou bem não dois, o que se interpreta imediatamente por nós: não existe relação sexual. (Lacan, 1971-1972/2012, p. 177).

É imprescindível sublinhar a distinção: “Há Um” trata-se do S1 sozinho que não convoca o S2, portanto, que não provoca efeitos de significação, não se trata de um, feito da fusão de dois, pois a relação sexual não existe. No *Seminário livro 20: mais, ainda* (1972-1973/1985a, p. 174), Lacan faz um laço estreito entre o Um sozinho e o círculo de corda que suporta materialmente o nó: “[...] É nisto que o nó borromeano é a melhor metáfora do seguinte: que nós só procedemos do Um”. Segundo Schejtman, foi sobre estes dois axiomas, que se fez o lugar do sem sentido da letra do sintoma e esta letra no nó permite a Lacan fazer uma escrita precisa dos registros em direção à uma “clínica sintomática do significante sozinho” (Schejtman, 2013, p. 46).

O autor indica que no *Seminário livro 21: os não tolos erram* (1973-1974/inédito) as referências ao sintoma, que já contam com o nó e seus três registros amarrados borromeanamente, conduzem Lacan a localizar o sintoma não mais entre o imaginário e o simbólico, como o sintoma metáfora, mas entre real e simbólico, possibilitando o desenvolvimento da concepção de sintoma-letra em que se sublinha melhor os efeitos de gozo.

Como foi mostrado anteriormente (confira figura 08), essa nova vertente do sintoma será anunciada como uma abertura ou invasão de um registro no outro com duas possibilidades: localizada como avanço do real no simbólico, ou ao contrário, do simbólico

sobre o real. A primeira delas é apresentada em *A terceira* "[...] chamo de sintoma ao que vem do real" (Lacan, 1974/2011a, p. 17) sendo o real indicado como oposição ao discurso do mestre (S1-S2), aquele que faz as coisas andarem ao passo de todo mundo. Assim, o sintoma é precisamente como "[...] o que se põe em cruz diante da carreta, mais ainda, o que não deixa nunca de repetir-se para atrapalhar esse andar". (1974/2011a, p.18). Não se trata de qualquer avanço, pois o que está entre o real e o simbólico é o gozo fálico (JΦ), que é um gozo anômalo ao gozo do corpo, apresenta-se como traumático. É assim que a não relação sexual no sintoma vem quebrar o que andava bem, de acordo com o discurso do mestre. O sintoma aqui é uma irrupção, uma anomalia pois mostra a falha fundamental do ser falante.

Quarenta dias mais tarde, na primeira aula do *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito, aula proferida em 10/12/74), Lacan anunciará a segunda possibilidade: "[...] é no sintoma que identificamos o que se produz no campo do real [...] se somos capazes de operar sobre o sintoma, isto é tanto que o sintoma é o efeito do simbólico no real". O sintoma não vem mais do real, mas é sentido no real como um efeito da intrusão do simbólico. Independente das diferenças o sintoma já não se apresenta localizado entre o simbólico e o imaginário e, logo, sua face metafórica se perde. Ele aparece agora entre o real e o simbólico, ficando de modo explícito a via que terminará por concebê-lo a partir da fixação do gozo na letra.

Na lição de 21/01/75 Lacan estabelece mais uma definição do sintoma: "[...] o que deste inconsciente faz ex-sistência? É o que figurei aqui e o que sublinho no instante mesmo no suporte do sintoma" (Lacan, 1974-1975/inédito). O sintoma é o que faz ex-sistir o inconsciente, ele é abordado como função f(x), sendo o x o que do inconsciente pode traduzir-se por uma letra, pois no inconsciente todo um pode se inscrever como uma letra. Schejtman (2013) destaca que aqui não se trata do inconsciente da cadeia significante, mas um inconsciente de Uns soltos, compatível com o que foi introduzido por Lacan em 'há Um': trata-se do inconsciente enxame de Uns, (S1, S1, S1, S1,...). Aqui, a letra remete a ela mesma, pois os S1 não se articulam entre si.

O autor segue sua exposição sobre o sintoma indicando que a operação a partir da qual do inconsciente de Uns se produz o sintoma é definida, por Lacan, como tradução ou escritura. No nível da letra do sintoma se trata do Um sozinho, isolado, arrancado traumaticamente. A letra do sintoma é, assim, escritura selvagem desse Um que é um ponto sempre aberto a acolher o gozo. "Mas o estranho é que é isso que o sintoma opera selvagemente. O que não cessa de se escrever no sintoma vem daí." (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 21/01/1975). Por isso o sintoma torna-se sempre a sede de

uma fixação de gozo que é produto de um transtorno que *lalíngua* introduz traumaticamente na economia corporal, por isso pode-se afirmar que o sintoma é acontecimento de corpo, como Lacan definirá em 1975, e disso derivam sua firmeza e resistência. (Schejtman, 2013, p. 51). Ressalte-se que *lalíngua* é diferente da linguagem, pois não depende dos efeitos da significação e nem é instrumento de comunicação. *Lalíngua* constitui-se como sons não harmônicos - daí sua relação como o traumático - e que não se dirigem ao Outro. Diferentemente da linguagem que se constitui como uma defesa contra o real, *lalíngua* veicula o real e incide no corpo como forma de gozo.

É justamente esta fixação de gozo – causa da repetição – o que faz o sintoma ser chamado, então, de sintoma-letra-de-gozo (Colete Soler, apud Schejtman, 2013, p. 52) que acaba por se diferenciar da série de formações do inconsciente. O ato falho, o chiste, o sonho se caracterizam por sua fugacidade, não supõem a firmeza, permanência e repetição que caracterizam o sintoma. (Schejtman, 2013, p.52). É a partir desse real de Uns que o sintoma se estabelece, pela extração traumática de Um: escritura da letra e fixação de gozo a essa letra sintomática.

2.2.1.3 A angústia

É experimentada como efeito do real sobre imaginário. Na interseção destes registros, Lacan localiza o gozo do Outro (JA) um gozo sem limites, que indica a angústia como falta da falta. Os efeitos da angústia são sentidos no campo do imaginário e, logo, na relação com o corpo

Já no *Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963/2005b) Lacan apresentava a angústia como uma luva virada ao avesso, expondo o seu interior, para no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito, aula proferida em 17/12/74) ressaltar que "[...] a angústia é isso que, do interior do corpo, ex-siste quando há alguma coisa que o desperta, que o atormenta." O campo do gozo do Outro (JA) se coloca fora do simbólico e da linguagem. Na dimensão corporal da angústia o real do corpo suplanta as dimensões narcísicas da imagem corporal.

2.2.2 O quarto elo: da realidade psíquica ao sinthoma

Como se viu, embora Lacan teorize o nó a partir do *Seminário livro 19: ... ou pior* (1971-1972/2012) foi somente nos *Seminários livro 22: RSI* (1974-1975/inédito) e no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007) que ele trabalhou a passagem do nó de três

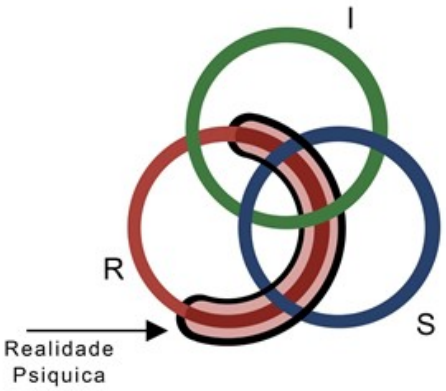
elos ao nó de quatro elos, que se estabelece como definitivo em seu ensino. Por que a necessidade de um quarto elo?

Em sua forma mais simples a cadeia capaz de captar a estrutura do sujeito é o enodamento de três elementos, que se enlaçam de tal forma que ao se cortar um dos elos os outros também se soltam. Até à primeira metade do *Seminário livro 22: RSI* o enodamento mínimo da cadeia era feito por três elos pois, segundo Lacan, era Freud que necessitava de um quarto elo. Para Lacan, Freud teria uma suspeita sobre a existência dos três registros, embora os pensasse independentes deixados um pouco à deriva, e a realidade psíquica viria a ser o quarto elo necessário à amarração dos outros três. Lacan fala da existência de uma disjunção concebida como originária, para a qual Freud julgou necessário acrescentar a realidade psíquica para atar estes três anéis.

> O que ele (Freud) chama de realidade psíquica, tem precisamente um nome. É o que se chama complexo de Édipo. Sem o complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta. (Lacan, 1974-1975/inédito), aula proferida em 14/01/1975).

Onde Lacan localiza o que ata, o que enlaça e estrutura os registros, ele se depara com o quarto termo, ou "quarta consistência", que Freud denominou de "realidade psíquica" e que ele localiza como sendo o "complexo de Édipo" (Guerra, 2017). Assim, realidade psíquica e complexo de Édipo aparecem como sinônimos.

Figura 9 - Nó de quatro elos com destaque do Complexo de Édipo ou a realidade psíquica



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p.71

Lacan, entretanto, ainda se mantém resistente ao quarto nó, insistindo que era possível enodar borromeanamente o nó de três elos, sublinhando não se tratar de negar o Édipo, mas sim, o modo dos cruzamentos do nó. Mendonça (2018) indica que neste ponto da teorização

lacaniana o enodamento mínimo é o de três elos, pois o Complexo de Édipo já estaria implícito, ou seja, ele seria a própria amarração: "[...] atar-se de outra forma, é o que faz o essencial do Complexo de Édipo" (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 14/01/1975). A *outra forma* aqui é claramente uma outra forma que não a freudiana, que seria com quatro elos. Por isso, conclui Mendonça (2018, p. 146)

> Isto nos leva à dedução de que, neste momento da teorização lacaniana, podemos pensar que o Nome-do-Pai (a realidade psíquica ou o Édipo) é a própria função de amarração quando pensamos a cadeia de três elos. Esta função estaria materializada no quarto elo freudiano, enquanto uma nova consistência.

Lacan chega a dizer que Freud tem uma necessidade religiosa do quarto nó:

> Freud instaura com o seu Nome do Pai, idêntico à realidade psíquica, ao que ele chama realidade psíquica, declaradamente a realidade religiosa, pois é exatamente a mesma coisa, que é por esta função, de sonho, que ele instaura o laço do Simbólico, do Imaginário e do Real (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 11/02/1975).

É importante destacar que o seu vigésimo segundo seminário nomeado *RSI* (1974-1975/inédito), em francês, é homofônico à *hérésie*, cujo significado é heresia. Ao mesmo tempo em que Lacan utiliza as letras para tratar as dimensões da realidade subjetiva, o real, o simbólico e o imaginário, *RSI* também traduz a heresia lacaniana do Complexo de Édipo freudiano.

No título do seminário supõe-se que a sequência de letras RSI indique uma homogeneização, efeito da amarração borromeana, entre os registros:

> Esses nós borromeanos vieram-me, então a calhar e desde logo eu soube ter nisso uma relação que punha o simbólico, o imaginário e o real numa certa posição, uns em relação aos outros, cujo nó incitava-me a enunciar algo que os homogeneizava. (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 18/03/75).

A homogeneidade trata de dar uma medida comum e diz respeito, também, à queda da primazia do simbólico para o real e o imaginário, que já havia sido estabelecida pelo matema S(Ⱥ), mas que se coloca, definitivamente, no registro borromeano pela postulação de que o real e o imaginário também são nominações, como se verá adiante.

Se, por um lado, Lacan se serve do nó de três procurando mostrar as diferenças entre os registros, como se imiscuem entre si, o que compartilham ou não, por outro lado, ele se depara com o fato de que, topologicamente, por sua própria constituição – dois superpostos e um que enoda – o nó é homogêneo. Uma vez constituído não se pode diferenciar aquele registro que enoda daqueles que são enodados. De acordo com Schetjman (2013), a

homogeneidade intrínseca que apresentam os registros em uma cadeia mínima, a de três elos, dificultava a distinção dos registros,

> [...] mesmo que sejam três, isso faz quatro, donde minha expressão mais-uma. E será retirando uma, real, que o grupo se desata […] Em três não se sabe nunca qual das três é real, e é por isso que é necessário que sejam quatro. (Lacan, 1974/1975/inédito, aula proferida em 15-04-75).

Assim, na aula de 15 de abril de 1975 do *Seminário livro 22: RSI,* o quarto nó se impõe como necessário ao estabelecimento da distinção dos registros, pois é o que introduz a dissimetria entre eles. Nesta aula, Lacan compreende a necessidade, assim como Freud, de estabelecer o quarto nó como o elemento que cuidará da costura borromeana da estrutura subjetiva.

2.2.2.1 A nominação

Na última lição do *Seminário livro 22: RSI*, Lacan apresenta o nó utilizando o trio freudiano inibição, sintoma e angústia (Freud, 1925/1976a), relacionando cada um deles, respectivamente, aos registros imaginário, simbólico e real e um quarto elo enodando-os borromeanamente. Este quarto elemento é chamado "nominação" e mostrará a dissimetria no nó. Esse elo apresenta-se como a duplicação, ou o reforço da inibição (imaginário), do sintoma (simbólico) ou da angústia (real). A nominação está em relação com a pluralização do Nome-do-Pai: a concepção lacaniana de função paterna vai passar do "Nome-do-Pai", estabelecido no primeiro ensino nos anos 50, para o "pai do nome" ou "pai nomeador", reconhecido na sua função de dar nome às coisas (Lacan, 1974-75/inédito, aulas proferidas em 11/03/75 e 15/04/1975). Isso significa que a função de nomear passa a não ser mais privilégio do Nome-do-Pai e do simbólico, ela se pluraliza em Nomes-do-pai que nomeiam e que passam a ser, também, função do imaginário e do real.

A entrada do pai no nó borromeano se faz pela necessidade de provocar a dissimetria entre os registros, para indicar qual registro está enodando o nó. Assim, a articulação entre o Nome-do-Pai e o quarto nó é o que mantém a sustentação do nó borromeano, pois para o "[...] atamento do Imaginário, do simbólico e do real, é preciso essa ação suplementar, em suma, de um toro a mais, aquele cuja consistência seria de referir-se à função dita do Pai", (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 11/02/1975). Para tanto, é necessário conceber os três registros como originalmente desatados "[...] num estado de suficiente dissociação para que só o Nome-do-Pai faça nó borromeano".

Neste seminário, Lacan reduz o Nome-do-Pai à sua "[...] função radical que é a de dar nome às coisas" (aula proferida em 11/03/1975), finalizando a transição do Nome-do-pai como significante da Lei e do simbólico para as versões do pai como aquilo que nomeia. Lacan vai afirmar que a nominação é "[...] a única coisa de que estejamos certos de fazer buraco" (aula proferida em 15/04/1975), pois ao fazer buraco, ela suporta o Simbólico daquilo que ele é feito, a saber, do Nome-do-Pai. É justamente o buraco do Simbólico que consiste na interdição do incesto como condição estrutural:

> Não consideramos o fato da interdição do incesto como histórico. Ele é estrutural. Por quê? Porque há simbólico. É no buraco do simbólico que consiste este interdito. É preciso o simbólico para que apareça, individualizado no nó, essa coisa que eu, não chamo tanto de Complexo de Édipo, chamo isso de Nome do Pai. O que só quer dizer o Pai enquanto Nome, não quer dizer nada de início, não só o pai como nome, mas o pai como nomeador (Lacan, 1974-1975/inédito, aula proferida em 15/04/1975).

A questão do buraco no simbólico será articulada ao Deus do Antigo Testamento que diz "Eu sou o que sou!" como resposta à pergunta de Moisés que prometera buscar os filhos de Israel e de se apresentar como enviado de Deus: "[...] Mas se eles perguntarem qual é o seu nome, o que lhes responderei eu?" (Porge, 1998, p. 171). Lacan (1974-1975/inédito) tomará essa resposta como uma recusa de resposta, que instala um furo, um vazio, uma barra. Há uma aproximação entre a resposta de Deus e aquela que o sujeito recebe do Outro ou do pai simbólico. Porge (1998) explica que essa resposta é impronunciável por um sujeito – o pai simbólico – pois é uma recusa de que seja uma resposta de uma pessoa, que revela uma forma de inexistência do Outro, traduzida por Lacan como Ⱥ.

A recusa do pai ou o "não" do pai é o furo no simbólico que sugere para Lacan as nomeações paternas e a diferenciação entre o pai como nome – como recusa – e o pai como nomeador ou nomeante – o que dá nome aos animais, como falado na Bíblia na época de Adão. Porge (1998) destaca que Lacan dá ao Nome-do-Pai a qualidade de Nome de Nome de Nome em *RSI* (1974-1975/inédito, aula proferida em 15/04/75). O Nome de Nome de Nome é ternário, indica uma estrutura tríplice do nome no singular do Nome-do-Pai.

> Mas por que este três, que representa ele? Fundamentalmente, se se quer ser esquemático, os três nomes se referem aos três registros colocados em evidência por Lacan. Primeiramente, ao pai nomeante, o pai do nome. Em seguida ao pai que responde à questão de seu nome: "eu sou o que sou". Finalmente ao pai nomeado pela mãe e que ocupa seu lugar na metáfora paterna. O Nome de Nome de Nome é uma maneira de dizer a intrincação e a solidariedade destes três registros. É o nome ao qual reponde, sem se identificar, aquele que, nomeado pela mãe, nomeia." (Porge, 1998, p. 183)

O quarto anel que Lacan identifica ao Nome-do-Pai é um Nome de Nome de Nome que promove a diferenciação entre o real, o simbólico e o imaginário. O quarto é um anel a

mais, é o Nome-do-pai, o pai como nome, nome inominável que faz evidenciar os nomes do pai de R, S e I. Nessa dimensão, ao fim de *O Seminário livro 22: RSI* Lacan cita três nominações no nó borromeano que responderiam ao que convém dar substância ao Nome-do-Pai. Ele apresenta o sintoma como a nominação do Simbólico, a nominação do Imaginário como inibição e a nominação do Real como angústia. Assim, o próprio da nominação é nomear.

É assim que a nominação, reconhecida como o quatro anel, conclui o caminho à pluralização dos nomes do pai. No nó borromeano ela não é mais privilégio do Nome-do-Pai nomeado, mas se pluraliza em Nomes-do-Pai nomeantes.

2.2.2.2. As Seis versões da nominação

Como se viu, nas aulas iniciais de *RSI*, Lacan apresenta a inibição, o sintoma e a angústia como intrusões ou avanços de um registro sobre o outro. Ao final do seminário, contudo, este trio freudiano é elevado à categoria da nominação: são nomes-do-pai, que pela duplicação ou reforço de um dos registros, constituem o quarto elo que vai enlaçar o nó borromeanamente.

Na última lição de RSI, em 13/05/75, Lacan vai estabelecer uma nominação imaginária (Ni) que é a inibição e que se dará pela duplicação do imaginário; uma nominação simbólica (Ns), o sintoma, pela duplicação do simbólico e uma nominação real (Nr), a angústia, pela duplicação do real. É assim que Lacan demonstra que o simbólico não tem mais a primazia de nomear, pois o real e o imaginário também têm função de nominação.

Conforme Schejtman (2012) sustenta, existem somente seis modos de combinações entre R, S e I, ou seis nominações. É pela operação chamada *n fatorial = n!* que é o produto de todos os números naturais entre 1 e *n* que chegamos a estas combinações, pois se temos 3 registros (real, simbólico e imaginário), logo: 3! = 1x2x3 = 6. Tem-se, assim, as seis sequências combinatórias possíveis: **S**IR, **S**RI, **R**IS, **R**SI, **I**RS, **I**SR. O autor junta a cada uma dessas sequências um dos elementos do trio freudiano. Tem-se, assim, seis sequências com os três elementos lacanianos, R. S. ou I. e mais um elemento freudiano, angústia, sintoma ou inibição, definidas por Schejtman pelas letras gregas: ι (iota), σ (sigma) e α (alfa), respectivamente.

Desse modo tem-se:

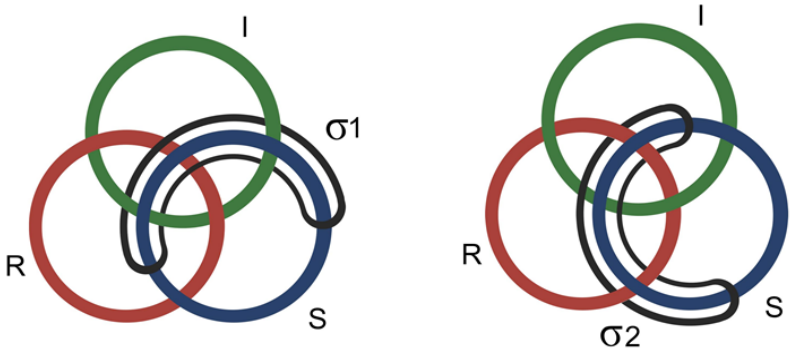
. 2 versões de sintoma descritas por: SσIR, SσRI

. 2 versões de angústia descritas por: RαIS, RαSI

. 2 versões de inibição descritas por: IιRS, IιSR

Essas nominações são apresentadas pelos seguintes nós borromeanos:

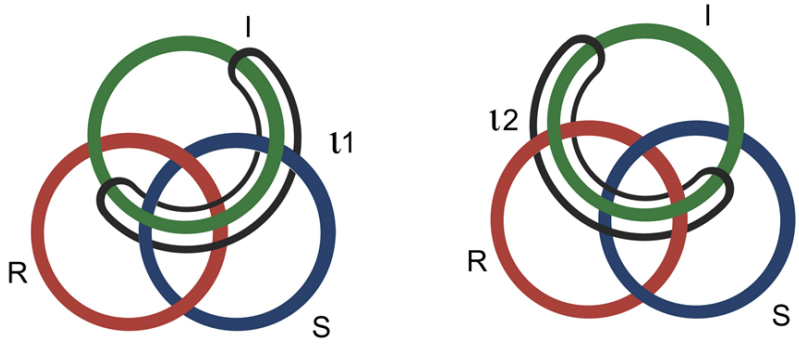
Figura 10 - Nós das duas nominações simbólicas: sintoma-metáfora e sintoma-letra



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 186

Na primeira versão do sintoma (SσIR), o sintoma-metáfora, observa-se que ele está localizado entre o simbólico e o imaginário. Enquanto, a segunda versão (SσRI), o sintoma-letra está localizado entre o simbólico e o real. Como foi discutido anteriormente, no *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito) Lacan introduz esta virada na concepção do sintoma que permanecerá até o final de seu ensino.

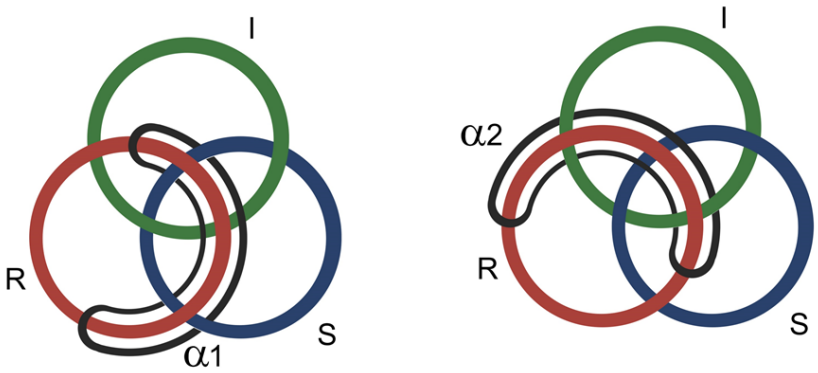
Figura 11 - Nós das duas nominações imaginárias: inibição com efeitos no simbólico e no real



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 186

Na primeira versão da inibição (IιSR), a duplicação do imaginário está no encontro com o registro simbólico e, nele terá seus efeitos, uma imaginarização do simbólico. A outra versão (IιRS) traz a duplicação do imaginário no encontro com o real.

Figura 12: Nós das duas versões da nominação real: angústia-letra e angústia-corpo



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 187

Por fim, temos as duas versões da angústia. Na primeira (RαSI), a angústia suporta-se pela duplicação do real no encontro com o simbólico, e caracteriza-se como uma angústia que não tem suporte na imagem, pois resulta de uma 'realização' do simbólico, uma angústia-letra, na definição de Schejtman (2013, p. 188). A segunda (RαIS) se faz pela duplicação do real no encontro com o imaginário, cuja dimensão traduz a consistência dada ao gozo do Outro, como um imaginário que se realiza, uma angústia-corpo.

Como foi destacado anteriormente, a nominação tem a função de atar borromeanamente os três registros, função que será atribuída também ao *sinthoma*, como se verá a seguir.

2.2.2.3 O Sinthoma

Lacan antecipa, em *RSI*, o nome do seu vigésimo terceiro seminário como *Quatro, cinco, seis* indicando a intenção de continuar o tema das nominações para além das três primeiras, a saber, a inibição, o sintoma e a angústia ligadas, respectivamente, ao imaginário, ao simbólico e ao real. Em 1975, no entanto, o seu *Seminário, livro 23* é chamado *o Sinthoma*. Lacan interessa-se pela obra de James Joyce e a toma como referência para este seminário.

O termo *sinthoma* é apresentado na conferência *Joyce: o sintoma*, em 16 de junho de 1975, no V Simpósio Internacional James Joyce, um mês após a última aula *do Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito) e cinco meses antes do início do seu próximo seminário. Nesta conferência, ele anuncia que *sinthoma* é uma forma antiga de escrever sintoma e que guarda relação homofônica, na língua francesa, com santidade: 'santhomem'. A partir da escrita de Joyce, Lacan indicará a relação entre o Nome-do-pai e o *sinthoma*:

> O pai como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento – evoco aí alguma coisa que somente uma parte dos meus ouvintes poderá considerar – esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real.
> Mas há um outro modo de chamá-lo. É nisso que o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o reviso hoje como o que é conveniente chamar de *sinthoma*. (Lacan, 1975-1976/2007, p.163)

Ele indica que o *sinthoma*, assim como a nominação ou os nomes do pai no *Seminário livro 22: RSI*, tem uma função fundamental como o quarto elo no enodamento de R., S. e I., como anuncia também no *Seminário livro 23: O sinthoma* (1975-1976/2007, p. 50): "[...] o quarto será o que enuncio este ano como *sinthoma*". Alguns dias antes de iniciar as aulas deste seminário, contudo, Lacan faz um outro comentário sobre o *sinthoma* no encerramento das Jornadas da Escola Freudiana de Paris em 1975, assim expresso:

> [...] sob o nome do que vocês me ouviram falar nem mais nem menos, este ano sob o título de *sinthoma*, antiga ortografia, ortografia anterior ao século XV, [...] espero poder expor que o *sinthoma* é sofrer por ter uma alma. Trata-se da psicopatia, para falar com propriedade, no sentido em que uma alma é o que há de mais incômodo." (Lacan 1975, apud Schejtman, 2013, p. 84, tradução nossa).

É digno de nota, citar a leitura que Schejtman faz dessa passagem. Segundo ele, pode-se tomar aqui, a psicopatia como algo generalizado que afeta, de modo estendido, a todos os seres humanos: o *pathos* da psiquê, a paixão ou o sofrimento, justamente por se ter uma alma. Para explicar a relação entre o *pathos* e o *sinthoma*, o autor relembra a aproximação que Lacan faz, no *Seminário 20* (1972-1973/1985, p. 113), entre a alma e o fantasma

> [...] a alma só se poderia dizer pelo que permite a um ser - ao ser falante para chamá-lo por seu nome - suportar o intolerável do seu mundo, o que a supõe estrangeiro a ele, quer dizer, fantasística. O que, essa alma, só se a considera - quer dizer, nesse mundo - por sua paciência e sua coragem em enfrentá-lo.

Schejtman sustenta que a alma, a psiquê, tem um caráter fantasístico a partir do qual se pode suportar intolerável do mundo, o real, indicando aqui a função homeostática do fantasma. O autor relembra que Lacan aproximou realidade psíquica e fantasma em muitos momentos de sua obra e, ainda, que Miller (1998) também sublinhou esta relação, ao dizer que o *sinthoma* é um misto de sintoma e fantasma. Em conclusão, Schejtman diz que o *sinthoma* será herdeiro de ambas as funções: uma promovida pela nominação, enlaçando os registros, e outra promovida pelo fantasma, possibilitando que a realidade psíquica, fantasmática se mantenha estável.

No *Seminário 23* Lacan vai introduzir uma novidade no enodamento borromeano expressa na seguinte passagem:

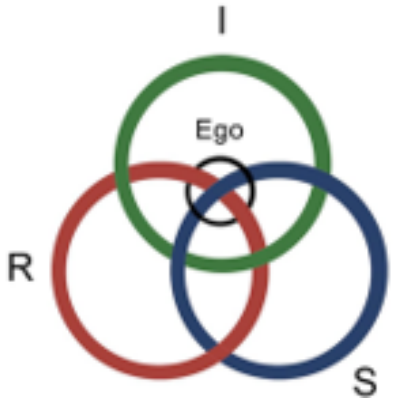
> O que eu disse da última vez fazia alusão ao fato de que o sintoma, o que chamei esse ano de *sinthoma*, é o que permite reparar a cadeia borromeana no caso de não termos mais uma cadeia, a saber, se **em dois pontos** cometermos o que chamei de **um erro**. Ao mesmo tempo se o simbólico se solta, como outrora ressaltei, temos um meio de reparar isso. Trata-se de fazer o que pela primeira vez, defini como o *sinthoma*. Trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que devido **a dois erros**, nenhum mais segure o outro." (Lacan, 1975-1976/2007, pp. 90-91, destaque nosso).

Como se pode concluir, o *sinthoma* não é apenas o quarto elemento que promove o enodamento dos registros como era a nominação. Ele é considerado como o que faz a reparação dos erros no enodamento. O lapso, ou o erro, acontece quando, devendo passar por cima, a corda passa por baixo, ou vice-versa, nos pontos de cruzamento do nó (confira figura 2 anterior). Com o lapso, a característica borromeana se desfaz permitindo que o real, o simbólico e o imaginário se soltem cada um por um lado. Daí a função do *sinthoma*: reparar o erro do nó, para mantê-lo funcionando. O modo como se dá essa reparação será discutido na seção seguinte.

No *Seminário 23*, então, Lacan introduz a ideia de que o nó falha sempre. O caso de Joyce foi considerado por Lacan como um modo de suprir a carência do pai, seu sintoma, e fazer uma amarração de modo a não permitir o desatamento do nó. Para isso, ele forjará um *sinthoma* que Lacan localizará como sendo ou fazendo a função do Ego. A partir de sua obra como escritor, Joyce faz a reparação *sinthomática* do imaginário no nó, compensando a demissão paterna pelo desejo de ser "um artista que fosse assunto de todo o mundo" (Lacan, 1975-1976/2007, p.86). Assim, é possível estabelecer a relação entre o sintoma e o *sinthoma*: o sintoma como efeito do desenodamento e o *sinthoma* como a reparação deste.

Na última lição do *Seminário 23*, Lacan descreve como o imaginário no nó de Joyce se solta do real e do simbólico como resultado da demissão paterna, exigindo uma reparação que impeça essa soltura. James Joyce descreve, em *Retrato do artista quando jovem*, como Stephen Dedalus não guarda rancor e, especialmente, como sente que o seu corpo se destaca como uma 'casca' após levar uma surra de seus colegas. Este 'detalhe' chama a atenção de Lacan que argumenta que é como se Joyce deixasse cair a relação com o próprio corpo, "pois a ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos ego" (Lacan, 1975-1976/2007, p.146). Segundo Lacan, o imaginário se solta, tal como acontece com o personagem após a surra, e a relação imaginária não acontece visto que o corpo se destaca. É preciso que aconteça uma reparação no nó que funcione como um "ego" para que Joyce o mantenha com os três registros juntos.

Figura13 - Nó de Joyce



Fonte: Adaptado de Lacan, 1975-1976/2007, p. 148

A partir da obra joyceana Lacan estabelece a função do *sinthoma* como imprescindível a todos os sujeitos, neuróticos e psicóticos. O *sinthoma* está desde os primórdios da estruturação subjetiva, tal como foi abordado no início deste capítulo, como resposta às falhas do trançamento e enodamento do real, do simbólico e do imaginário. Em última análise é a resposta à inexistência da relação sexual ou à foraclusão generalizada.

> [...] conceitualmente estabilizado como reapração do lapso do nó, ou seja, como um termo adicional que mantém o simbólico, o imaginário e o real conectados, *o sinthoma* é precisamente o que estabiliza a estrutura nodal, de modo que podemos encontrá-lo, para começar, em todo o tempo antes do desencadeamento – se é que este termina por acontecer, já que não é necessário que aconteça - mantendo a estrutura firme, dando ao falasser uma substituição consistente a respeito da relação sexual que não existe. (Schejtman, 2013, p.320, tradução nossa.)

É importante destacar, conforme Schejtman (2013), que para se chegar ao *sinthoma* não é necessário chegar ao final de uma análise, como argumentam alguns autores, já que Lacan forja este conceito a partir de Joyce, que nunca experimentou o dispositivo analítico. Na mesma direção, destaca-se que *sinthoma* não se confunde com a vertente real do sintoma, pois conforme estabeleceu Lacan em 17 de fevereiro de 1976, *o sinthoma* é a reparação dos erros do nó e, logo, o que suporta o enodamento.

2.2.3 Reparação sinthomatica, não sinthomatica e interpenetração

Como observa Schejtman,(2013), no *Seminário 23*, Lacan chega a restringir o termo *sinthoma* exclusivamente para o caso em que a reparação se dá no mesmo ponto do lapso: “O que tomo como suporte do *sinthoma* está aqui marcado por uma rodinha de barbante que

suponho produzir-se no lugar exato em que, digamos, o traçado do nó sai errado." (Lacan, 1975-1976/2007, p. 94). Dessa forma, ele introduz a ideia de que há reparações que são *sinthomaticas* e outras que não são.

Em relação a essa temática, Lacan (1975-1976/2007, p. 95) traz uma importante discussão no seminário em questão. Para ele "[...] o que subsiste devido à intervenção do *sinthoma* é diferente conforme o *sinthoma* seja colocado no ponto exato do lapso ou em outros dois pontos". A partir do nó de trevo - nó que traz os registros contínuos, sem separações - Lacan demonstra os resultados do nó quando as reparações são feitas no mesmo ponto em que ocorre o lapso e quando as reparações ocorrem em pontos diferentes de onde ocorre o lapso. Quando a reparação se dá em pontos diferentes, é possível obter o mesmo nó ou a mesma cadeia, resultando em nós equivalentes. Ao contrário, quando há reparações nos mesmos pontos do lapso, o nó é diferente do original, resultando em nós não equivalentes. Logo, Lacan conclui que quando há equivalência, não há *sinthoma*, e não há relação sexual. Quando não há equivalência, há *sinthoma* e há relação sexual:

> Com efeito, se a não relação deriva da equivalência, a relação se estrutura na medida em que não há equivalência, há, portanto, ao mesmo tempo, relação sexual e não há relação sexual. Há relação na medida em que há sinthoma, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo sinthoma". (Lacan, 1975-1976/2007, p.98).

Essa conclusão causa surpresa já que, desde o *Seminário livro 16: De um outro ao outro* (1968-1969/2008, p. 220), Lacan estabelece que não há relação sexual, mas aqui ele indica que o *sinthoma* pode fazer a existência dela. Lacan abordará essa questão a partir da relação de Joyce com sua mulher, Nora. Ele a anuncia na lição de 10/02/1976: "[...] qual é, portanto, essa relação de Joyce com Nora? Direi coisa singular, que é uma relação sexual, ainda que eu diga que não há relação sexual. Mas é uma relação sexual bem esquisita." (Lacan, 1975-1976/2007, p.81). Lacan lança mão de uma metáfora para explicar tal relação: para usar uma luva da mão direita na esquerda, basta virá-la ao avesso. Para Joyce, Nora era a luva ao avesso, lhe caía muito bem, se ajustava perfeitamente.

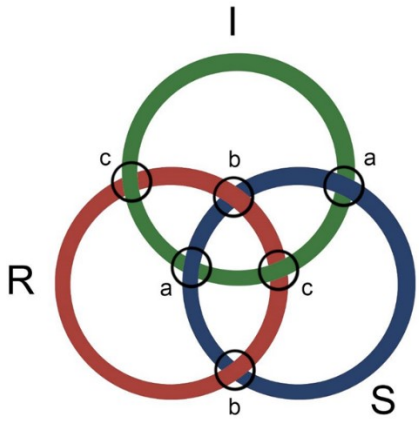
Nessa direção Schejtman destaca o valor *sinthomático* dessa "Nora-luva" (2013, p.110): ela o envolvia, o que é de muita importância já que seu imaginário corporal tendia a desfazer-se por causa do lapso do nó. Assim, vestindo Joyce como uma luva de mão, ela torna-se um *sinthoma* "[...] com seu ego, impede que o imaginário se solte, proporciona-lhe

um limite corporal preciso, ajustado". (Schejtman, 2013, p. 111, tradução nossa). Assim, trata-se de uma relação muito particular, já que não acontece sempre.[6]

Retomando a questão da localização da reparação do nó, Lacan indica que há sempre erros de enodamento que precisam ser reparados. Como se dá o lapso do nó? Mendonça (2018) retoma um ponto inicial do *Seminário 22*, no qual Lacan insistiu na possibilidade de um nó de apenas três elos. O autor destaca, entretanto, que não é possível incluir um quarto elo se os três estão amarrados borromeanamente. Por outro lado, no *Seminário 23*, Lacan dirá que os três registros não se atam naturalmente, o que torna necessário pensá-los desamarrados e incluir o *sinthoma*, que ele grafa com a letra sigma maiúscula (Σ), para fazer a amarração. Para ilustrar como ocorre o erro do enodamento, será apresentado o caminho feito por Mendonça (2018).

Há seis cruzamentos na cadeia de três elos que podem ser organizados pelas letras a, b, c, sendo que as letras 'a' indicam os dois cruzamentos entre imaginário e simbólico; as letras 'b' os dois cruzamentos entre o simbólico e o real, e as letras 'c' os dois cruzamentos entre real e imaginário. Destes seis cruzamentos, três deles se encontram ao centro da cadeia e três na periferia.

Figura 14 - Os pontos de cruzamento do nó

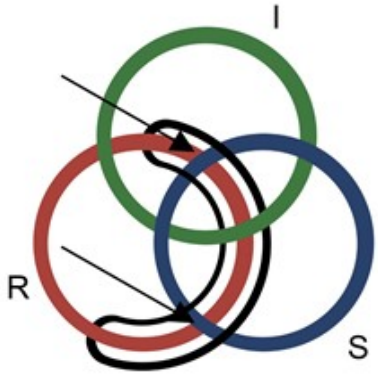


Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 182

[6] Em relação à essa temática, Schejtman coloca como questão, se há alguma outra forma de fazer existir a relação sexual que não seja delirante. Nesse sentido, ele retoma o fato de que, se não há uma forma de inscrever nos seres falantes a relação entre os sexos, é preciso supor a existência de uma foraclusão generalizada e, como consequência, um delírio também generalizado que trata esse buraco estrutural e que leva Miller a falar de clínica universal do delírio.

Os três elos, estão enodados borromeanamente e para que eles se soltem deixando os três elos livres, basta introduzir dois lapsos entre os mesmos registros, ou seja, nos pontos ‘a’, nos pontos ‘b’ ou nos pontos ‘c’. Com os dois lapsos dos cruzamentos ‘b’, por exemplo, a ordem de tais pontos ficará invertida, ou seja, nestes pontos o azul passará por cima do vermelho, deixando todos os elos livres. Para solucionar esta falha produzida pelos lapsos, Lacan propõe o uso de um quarto elo, um dos possíveis Nomes do Pai, as nominações ou o *sinthoma*, que repara estes os lapsos, reconstituindo a cadeia em sua forma borromeana, agora a quatro elos.

Figura 15 – Reparação dos lapsos dos pontos ‘b’ do nó



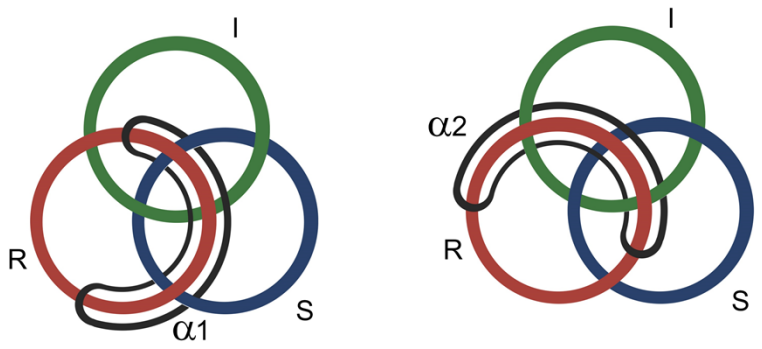
Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 181)

As seis possíveis reparações que, seguindo Schejtman (2013), a partir de Lacan (1975-1976/2007), são chamadas *sinthomáticas*, ou seja, reparações que se localizam e reparam o mesmo local onde se deu o lapso, foram apresentadas na seção anterior. Cada uma representa uma das nominações propostas por Lacan: duas versões do sintoma, duas versões da inibição e duas versões da angústia.

Os nós constituídos pelas nominações e pelo *sinthoma*, quando repara dois pontos do mesmo cruzamento, são considerados nós neuróticos, seguindo o que propõe Schejtman. Assim, a neurose tem seu nó de quatro elos enodado borromeanamente pelo *sinthoma*, a partir das nominações do sintoma, da inibição e da angústia: o quarto elo faz a reparação do lapso que deve ocorrer em dois pontos do nó, exatamente nos cruzamentos entre os mesmos registros, produzindo um *sinthoma* no formato de uma “orelha”. No exemplo, os dois pontos do lapso ocorrem entre os dois cruzamentos real-simbólico produzindo uma nominação-real, ou uma angústia-*sinthoma*, nos dizeres de Schejtman. Se o lapso ocorresse em apenas um ponto do cruzamento entre real-simbólico, a reparação não seria borromeana, logo, não seria

uma neurose. Se a reparação ocorresse em dois pontos localizados em cruzamentos de registros diferentes, por exemplo, entre real-simbólico e real-imaginário, a reparação não seria *sinthomática*.

Figura 16 - Exemplos de nominações reais ou angústias-sinthoma



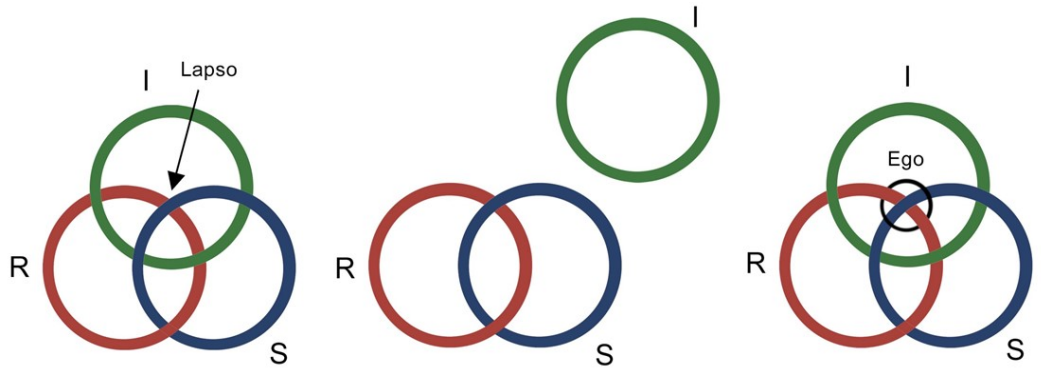
Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 184

A função do quarto elo nas psicoses e nas neuroses tem a função de manter a cadeia em sua forma mais próxima da cadeia borromeana de três elos. Mendonça (2018), entretanto, destaca uma diferença para o quarto elo nas cadeias neuróticas e psicóticas. Segundo ele, nas cadeias neuróticas os Nomes do Pai seriam formas de reparação advindas da própria inscrição do Nome-do-Pai, ou seja, elas apresentariam maneiras borromeanas de reparar uma cadeia que logicamente seria de início borromeana. Enquanto nas cadeias psicóticas o quarto elo teria a função de reparar algo que não foi inscrito. Daí o quarto elo ser a suplência, ou seja, de fazer as vezes de algo que deveria originalmente cumprir a função de distinguir as cadeias, mas faltou, a saber, o Nome-do-Pai. É digno de nota lembrar que quando Lacan propõe esta nomenclatura, ele ainda tem como base o nó borromeano de três elos, sendo o quarto um elemento que auxilia.

Há, entretanto, no nó da psicose uma importante consequência do fato de ele não se constituir por uma amarração borromeana. Como o lapso se dá em apenas um ponto, haverá interpenetração de dois registros, isto é, haverá uma relação entre dois registros que vão se manter enlaçados enquanto o terceiro se solta, ou como estabelece Schejtman: o nó, neste caso, não é borromeano, mas olímpico, como no símbolo das olimpíadas em que os elos usam o buraco do outro para se enlaçarem como uma corrente. O lapso no nó da psicose ocorre em apenas um ponto e o *sinthoma* ocorrerá naquele local, impedindo que o registro se solte. Como exemplo, temos o nó de Joyce apresentado por Lacan no *Seminário 23*. Embora Lacan

não o denomine como psicótico, toda a construção desse seminário é estruturada sobre a hipótese de se tratar de uma psicose estabilizada pelo *sinthoma*.

Figura 17 - Lapso do nó, interpenetração de R e S e reparação do nó de James Joyce



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 101 e 107

Seja na neurose ou na psicose o *sinthoma* tem a função de manter juntos os três registros pela reparação do lapso do enodamento. As soluções *sinthomáticas* permitirão que o sujeito mantenha-se estável a menos que algo novo provoque um novo lapso, exigindo uma nova reparação, ou o próprio *sinthoma* vacile provocando "a falência do nó borromeano" (Maleval, 2017). É assim que Lacan concebe a ideia de desencadeamento na clínica dos nós.

No próximo capítulo serão tratados alguns modos de apresentação neuróticos que fazem uso ou não do *sinthoma*, mas que apresentam variações do nó neurótico trabalhado neste capítulo.

3 DUAS VARIAÇÕES DA NEUROSE A PARTIR DO MODELO BORROMEANO

Como se viu no primeiro capítulo, na clínica borromeana neurose e psicose são modos de responder à foraclusão generalizada da não existência da relação sexual. Na época em que a inexistência do Outro coloca-se de forma tão evidente, mais clara se torna a foraclusão generalizada da não relação sexual, cuja consequência sintetiza a fórmula lacaniana "todo mundo é louco, isto é delirante". Como resultado, cada falasser apresenta sua modalidade de gozo como uma forma de 'delírio'. É esse gozo singular que supre a falta. Nesse registro faz-se necessário pensar a clínica mais além do Pai e do Édipo em duas vias: pela pluralização do Nome-do-pai e pelo *sinthoma* como quarto elemento que vem reparar a falha do nó para cada um.

Ao enunciar que 'Há o um', Lacan (1971-1972/2012) enfatiza a noção de signo, pois "[...] o que distingue o signo de um significante é que o signo não tem estrutura binária." (Leite, 2000, p. 174) e, logo, que o sujeito não procede da cadeia significante. Como consequência, caminha-se a uma nova definição de inconsciente e as referências anteriores de significante, significado e efeito de significação são suplantadas por signo, sentido e efeitos de gozo (Leite, 2000, p. 176). Também a linguagem passa a ter outro paradigma. Para além da comunicação, ela aparece como aparelho de gozo e o inconsciente é como um saber fazer com *lalíngua.* Aqui, rompe-se com a substituição de um significante por outro, pois só existe a referência ao Um, S1 e, como produto, há um gozo fora do sentido. Esse gozo não é negativizado pelo significante fálico. O significante passa a aparelhar o gozo dando-lhe corpo, substância e materialidade. Essa característica material do significante instaura uma nova concepção de "sintoma como acontecimento de corpo". (Lacan, 1975/2003).

Como resultante de uma nova ordem social, o campo da neurose se afeta de modo a não produzir as respostas clássicas à foraclusão generalizada. Dessa forma, parece haver, mesmo para a neurose, certo empobrecimento psíquico, uma tendência à colocação do corpo como suporte do sofrimento, uma repetição de um gozo autístico já que não há abertura discursiva ao Outro. Tais características serão discutidas a seguir a partir das noções de neurose ordinária e histeria rígida.

3.1 O discurso capitalista e seus efeitos

Dado que todo discurso opera sobre o real, é impossível pensar os modos de adoecimento fora da cultura em que estão imersos. A subjetividade atual é marcada por

algumas mudanças culturais apontadas por Lacan, como o declínio da função paterna e a predominância do discurso capitalista. Em relação à primeira mudança, na sociedade contemporânea, observa-se uma escassez de ideais que possam fazer a função de bússola para os sujeitos, a inexistência de alguém que possa fazer a função de exceção, como o Pai e "[...] a própria Lei social é considerada um artifício, uma ficção cultural, que os sujeitos encaram com desconfiança e rejeitam como mero semblante" (Lustosa, Cardoso & Calazans, 2014, p. 202). A norma social não está fundada no Pai que nomeia e há a prevalência do mais de gozar. Tal característica liga-se à primazia do discurso capitalista.

Sobre a ascendência do discurso capitalista constata-se que este trabalha em favor do imperativo do gozo, desmontando o funcionamento do discurso como criador do vínculo social. A instauração desse discurso se dá pela mutação do discurso do mestre. Como se dá essa mudança?

O discurso, para Lacan, é o instaurador do laço social pois constrói relações estáveis e fundamentais a partir da linguagem. Como explica Coelho (2006, p. 109), os quatro discursos – do mestre, do universitário, da histérica e do analista - apresentados no *Seminário 17*, "[...] são quatro configurações significantes - embora nem tudo seja significante na estrutura do discurso - que se diferenciam e se especificam por sua distribuição espacial". Neles vigora o que ordena e regula um vínculo social entre os sujeitos. O discurso é da ordem da estrutura que, para Lacan, é um discurso sem palavras.

> Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 158)

Os discursos são escritos com quatro letras

S1: significante mestre

S2: saber

$: sujeito barrado; sujeito do inconsciente

a: objeto a (causa de desejo; mais de gozar)

em quatro lugares assim estabelecidos

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow // \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

A posição das letras nos lugares deve respeitar uma ordem sequencial (S1→ S2 → a → $), pois é esta sequência que determina o discurso em vigor e que estabelece o laço social, que pode ser entendido como modos de encontro com o outro. Entre as letras há uma barra de divisão que indica a existência do recalque. Os discursos se definem pelo lugar do dominante, isto é, do agente, pois o outro precisa do agente para se constituir. (Coelho, 2006). A produção é o efeito do discurso, aquilo que resta. A verdade é o que sustenta o discurso, mas não é acessível na sua totalidade, há uma interdição (//) entre produção e verdade. Acima da barra está a impossibilidade e abaixo da barra a impotência. Os discursos vão se transformando pela mudança das posições das letras e, logo, pela posição do agente, por ¼ de volta, por ½ volta ou ¾ de volta.

Retomando a operação de alienação e separação na constituição do sujeito, temos que no momento de introdução do significante unário (S1) no campo do outro (A), que é o campo do saber (S2), o sujeito é constituído pela falta ($). Dessa operação há um resto denominado *a*. Tal operação é representada pelo matema:

$$\frac{S_1}{\$} \xrightarrow[//]{} \frac{S_2}{a}$$

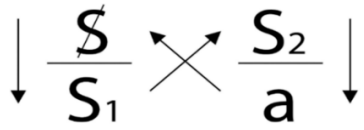
que foi estabelecido como o discurso do mestre:

$$\frac{S_1}{\$} \xrightarrow[//]{} \frac{S_2}{a} \qquad \frac{\text{senhor}}{\text{sujeito barrado}} \longrightarrow \frac{\text{escravo}}{\text{gozo}}$$

O discurso do mestre é o discurso do inconsciente, no lugar dominante está o S1, aquele que representa o sujeito para outro significante. Aqui S2, o saber, ocupa o lugar do outro, o sujeito $ está dividido pelo efeito dos significantes S1 e S2. De onde S1 representa o sujeito para S2 cai um resto, o objeto *a*.

O S1, o significante mestre, é aquele que comanda esse discurso e é sobre ele que o senhor se sustenta, o S2 é o trabalho escravo caracterizado como suporte do saber que faz a cadeia andar. O escravo tem um "saber fazer" que deve se tornar o saber de senhor, este que não sabe o que quer. Saber sobre o que o senhor quer é a função do escravo. O mestre, o senhor que ordena esse discurso, é castrado e exige que o escravo (S2) trabalhe produzindo muitos significantes para recobrir essa falta.

O discurso do mestre, assim como os outros três, opera com a impossibilidade, a impotência, a castração. O discurso capitalista vai aparecer como uma mutação anômala, não como uma mudança que opera naturalmente nos discursos e que os faz passar de um a outro. A mutação do discurso do mestre, que se transforma no discurso do capitalista, produz uma inversão de lugares entre o S1 e o $. Essa inversão não obedece a ordem sequencial das letras, pois há transgressão no modo como acontece a mudança dos discursos por ¼ de volta, resultando no matema:



O sujeito no discurso capitalista não é dividido na relação com os significantes, não é mais o sujeito do inconsciente como no discurso do mestre. Esse sujeito é afetado pela flecha que vem diretamente de "a", e o manipula com fins de gozo, na busca de algum objeto que preencha sua divisão subjetiva. O saber aqui se distancia do "saber fazer" do escravo e desvincula-se do saber inconsciente, para se tornar como uma máquina de produzir objetos. O objeto perde também o seu valor metonímico de se deslizar em outros e ser assim, inacessível. O "a", com a seta indo diretamente para o sujeito, está acessível e pode ser produzido repetidas vezes por essa máquina a que se reduziu o saber. O sujeito ($) se vê capaz de comandar o objeto "mais de gozar", ocupa a posição de consumidor de objetos (*gadgets*) e sustenta um circuito ininterrupto do gozo sem limites. Por isso nesse discurso o que está em questão é a suspensão da castração.

> O que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências de que já falei – rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem, não é pouca coisa, certo? (Lacan, 1972/2011b, p. 88).

O discurso, por sua vez, passa a funcionar de modo novo, desaparece a barra do impossível que existe nos demais discursos, colocando as flechas de modo tal que a relação entre os quatro lugares é circular e contínua. Os discursos são derivações que se tornam possíveis a partir do ponto de impossibilidade que habita o discurso de partida, o discurso do mestre. O discurso capitalista fala uma língua desabitada do impossível.

Por isso, há uma rejeição da verdade nesse discurso, pois ele possibilita que se vá em direção ao gozo mortífero, sem limite. A angústia é acionada, devido à divisão do agente discursivo $, mas, rapidamente, o saber fazer S2 produz um meio de gozo por meio dos *gadgets* encontrados no mercado moderno que fazem um recobrimento da divisão, e o sujeito fica neutralizado em relação à sua falta e sua causa. Abre-se espaço para o esvaziamento do investimento psíquico, por meio de uma passagem nova: uma ligação direta entre o campo da produção e o campo do agente, uma forma de obturar a barreira de gozo e ignorar a verdade do sujeito.

Ao surgir esse novo discurso e esse novo sujeito, que não é mais o sujeito dividido do discurso do mestre - o sujeito do inconsciente - há mudanças nos quadros clínicos, tanto no campo das neuroses quanto das psicoses. Se a época tem sido pensada por muitos a partir da declinação paterna, então os efeitos do pseudodiscurso capitalista parecem colocar em questão os enodamentos clássicos paternos apresentados no capítulo 1. Se antes a civilização estava organizada sob a proibição do gozo, na atualidade a sociedade organiza-se pelo dever de gozar. O discurso capitalista subverte a lógica dos outros discursos cuja função seria refrear o gozo, para alimentá-lo, pois convida o sujeito a negar a castração pela via do consumo, consumo dos *gadgets*. Nesse registro em que o sujeito fica à mercê dos objetos destaca-se algo fundamental do discurso capitalista, o fato de que o sujeito é consumido, mais do que consome, conforme destaca Lacan (1972/1978, p. 48) ao comentar que a inversão no discurso do mestre que dá origem ao discurso capitalista "[...] será suficiente para que isso ande como se estivesse sobre rodas, isso não tem como andar melhor, mas desse modo isso anda rápido demais, isso se consome, isso se consome tão bem que se consuma". Enquanto o termo consumismo denota a ideia de comprar e consumir exageradamente, consumição indica o próprio ato de consumir-se, de mortificar-se como uma forma de gozo.

As mudanças sociais, embora não decidam diretamente a estrutura subjetiva, impactam as formas de apresentação dos fenômenos de cada estrutura, como sustentam Lustosa, Cardoso e Calazans (2014). Eles argumentam que hoje a forma de responder ao discurso prevalente do dever de gozar, mostra sintomas muito diferentes da perspectiva freudiana e lacaniana. Tais respostas situam-se mais no registro do *acting out* e da passagem ao ato, da angústia e da inibição, conforme foram definidas por Lacan (1962-1963/2005b), em detrimento do sintoma.

Do ponto de vista clínico, observam os autores, o que se destaca atualmente são sintomas, ou patologias, que que têm em comum o fato de não se dirigirem ao Outro, que guardam certa aversão à palavra, e à interpretação psicanalítica. É uma espécie de sofrimento

silencioso. É nessa direção que esta dissertação discutirá, a seguir, modos neuróticos de sofrimento que subvertem a lógica das neuroses clássicas.

3.1.1 Neurose ordinária: o caráter inabalável de algumas neuroses

A clínica borromeana e, mais precisamente, a inauguração do ordinário como um campo pertinente à psicose (Miller, 2012b), trouxe a necessidade de se repensar a clínica das neuroses. A utilização do termo "ordinário" como referência para a clínica psicanalítica se deu em 1998 no campo das psicoses, por Jacques-Allain Miller que "[...] o inventou e o pôs em circulação", como destacam Anna Aromi e Xavier Esqué (2017, p.33).

O sintagma psicose ordinária foi estabelecido a partir de três conversações clinicas: a primeira foi *O Conciábulo de Angers* (1996/1999), cujo tema foi "Efeito de surpresa na clínica das psicoses" em 1996; a segunda, *A Conversação de Arcachon* (1997/1999) sob o tema "Casos raros: os inclassificáveis da clínica", em 1997 e a terceira, em 1998, "*A Convenção de Antibes*" (1998/2012b) sob o título de "As psicoses ordinárias". Este sintagma 'psicose ordinária' é uma invenção que Miller criou a partir do último ensino de Lacan. Ela não se configura uma categoria objetiva na psicopatologia psicanalítica, "[...] mas uma maneira epistemológica de abordar a nosografia de acordo com a definição de sujeito que Lacan fornece após os anos 40: 'o louco é o homem normal'." (Tironi, 2010, p 3). A psicose ordinária foi, assim, uma categoria inventada para driblar a rigidez da clínica binária da neurose ou psicose e se constituiu como uma espécie de exigência epistêmica na psicanálise que se seguia.

Miller toma o paradigma *joyceano* para estabelecer a noção de psicose ordinária, a partir dos nós borromeanos e, especialmente, da função do *sinthoma*, para orientar os impasses colocados na clínica contemporânea. O *sinthoma* mostra a relação mais singular do ser com o seu gozo e ajuda a pensar o que pode fazer o sujeito se manter estável.

Segundo Miller (2012a), a partir das psicoses ordinárias, as neuroses não são mais o pano de fundo a partir do qual as psicoses se destacam. O campo do ordinário, ao fazer surgir a necessidade de uma clínica "dos sinais discretos" para a psicose, faz rever critérios também para a neurose. Embora o autor estabeleça que a neurose é "uma estrutura muito precisa" (2012a, p. 6), ele é muito claro ao dizer que não somente a psicose precisa ser provada, mas também a neurose.

O ordinário está em conexão com o sentido de comum, corriqueiro, também guarda certa relação com aquilo que, em sua apresentação, é muito simples. Outro aspecto importante

é que se trata daquilo que está conforme a norma. No que diz respeito à psicose, está em oposição ao extraordinário, ao que está fora do estabelecido e, por conseguinte, ao que é incomum por manter um distanciamento da normalidade. O extraordinário tem relação direta com a noção de desencadeamento, como momento de ruptura com o ordinário. As psicoses extraordinárias, desencadeadas, são ricas em sua forma de apresentação pelos sintomas delirantes e alucinatórios, enquanto a psicose ordinária por estar desatrelada do desencadeamento, pode passar despercebida por vezes, já que seus sintomas não se destacam. Por isso, Miller ressalta a importância dos seus "signos discretos".

Por outro lado, a ideia de ordinário está em consonância com o campo da neurose, pois esta sempre foi o comum, o corriqueiro quando comparada à psicose. Ainda que seja questionada, a ideia de normalidade sempre esteve próxima à noção de neurose. A pertinência da noção de ordinário para a neurose é diretamente relacionada à estranheza da noção de desencadeamento nesse campo: é habitual relacionar ao campo da neurose todo caso que não se apresenta desencadeado.

Como se verá adiante nesta dissertação, o ordinário coloca-se para a neurose seguindo os mesmos critérios da psicose: trata-se daquilo que não é esperado. Se se espera que um neurótico vá teorizar sobre o seu sofrimento, que a transferência seja estabelecida facilmente, que o enredo edípico poderá ordenar a direção de tratamento, o que se apresenta, entretanto, é uma perda do caráter discursivo da neurose e, como consequência, uma dificuldade em responder ao dispositivo analítico. Nesse sentido, o campo do ordinário trata de um certo empobrecimento, certa rigidez subjetiva na forma de apresentação das neuroses.

A proposta de se ampliar o campo do ordinário para as neuroses está assentada na seguinte questão: se as psicoses não existem somente a partir do desencadeamento, pode-se pensar que há, também, neuroses que não se apresentam desencadeadas? É nesse sentido que propor um campo do ordinário para a neurose, tal como para a psicose, implica discutir a noção de desencadeamento e as formas de apresentação neuróticas contemporâneas.

As neuroses ordinárias foram formalizadas pelo psicanalista argentino Fábian Schejtman (2011; 2013; 2015; 2016) a partir da constatação das dificuldades de adequação de algumas neuroses ao modelo clássico. Elas são apresentadas como um modelo topológico de neurose que não obedece à lógica dos nós borromeanos neuróticos, mas que não se enquadram, também, no modelo topológico da psicose. Do ponto de vista "fenomenológico", são neuroses que se apresentam, muitas vezes, associadas aos modos de adoecimentos mais prevalentes na atualidade: depressões, toxicomanias, anorexias, bulimias, obesidade e síndrome de pânico. Análogas às psicoses assim adjetivadas, muitas vezes, elas não

apresentam um desencadeamento franco.

O autor argumenta que os efeitos da prevalência do discurso capitalista e sua globalização deixam espaço, atualmente, às mais diversas respostas a respeito da não existência da relação sexual. Ele faz observar que há, atualmente, um relaxamento da inibição, com o imperativo ao gozar contemporâneo; uma dificuldade da conformação tradicional do sintoma que se apresenta como adições, anorexias, bulimias e ataques de pânico que pouco trazem dos sintomas clássicos; e, por último, um enfraquecimento dos limites da angústia. (Schejtman, 2013, p. 309). Para ele, a declinação paterna, apontada por Lacan (1938), faz interrogar sobre o alcance dos enodamentos tradicionais da inibição, do sintoma e da angústia, discutidas no capítulo 1, abrindo a necessidade de se investigar e supor novos modos de enodar os registros do real, do simbólico e do imaginário.

Assim como Miller forja a noção de psicose ordinária a partir das referências do último ensino lacaniano (Miller, 2012a), Schejtman (2015) também se referencia a Lacan na proposta da neurose ordinária. Segundo o autor, na aula de 11 de dezembro de 1973 do *Seminário livro 21:os não tolos erram*, Lacan faz um importante apontamento ao que chamou neuróticos inabaláveis[7]:

> Há em algum lugar um artigo que diz, *Da Causalidade Psíquica*, um lugar em torno do qual algumas pessoas tem se esgrimido, um lugar onde eu ato, já que é disto que se trata, a liberdade e a loucura, onde digo que uma não se concebe sem a outra... o que, desde sempre, perturba porque pensam que eu digo que a liberdade é a loucura... tenho que não me fazer compreender, porque não, eu me entendo... Nesta ocasião desejo que observem que o interesse de juntar, assim, no nó borromeu, o simbólico, o imaginário e o real, é que disso resulta, não apenas resulta disso senão que deve resultar disso, quer dizer que se o caso é bom, me permitam essa abreviação dada a hora, se o caso é bom, basta que, bastam dois, basta que cortem qualquer um desses anéis de barbante para que os outros fiquem livres, um do outro. Em outras palavras, se o caso é bom - deixem-me reenfatizar que este é o resultado de uma boa pedagogia, a saber, que não se tenha falhado em seu enodamento primitivo - se o caso é bom, quando a vocês falta um desses anéis de barbante, vocês devem estar loucos. E é nisto, é nisto que o caso é bom, é quando se o chama liberdade, o bom caso consiste em saber se há algo aí de normal. E que, quando uma das dimensões lhes arrebenta, por qualquer razão, vocês devem ter, verdadeiramente, enlouquecido. E é aqui queria terminar, para lhes mostrar seu interesse.
> **Suponham o caso do outro nó, que antes chamei de olímpico. Se um desses anéis de barbante lhes arrebenta, por assim dizer, devido a algo que os concerne, vocês não ficarão loucos**. [grifos nossos]. E isto porque, saibam ou não, os outros dois se sustêm juntos, e isso quer dizer que vocês estão neuróticos. Com base nisto, sempre afirmei que não se conhece o suficiente, quer dizer, que os *neuróticos são inabalávies*. [grifo do autor]. (Risos). As únicas pessoas que eu vi se comportando de forma admirável durante a última guerra - Deus sabe que não me causa prazer evocá-la - são meus neuróticos, aqueles a quem ainda não havia curado. Eram absolutamente sublimes. Nada os afetava. Assim, se o real, o imaginário ou simbólico, lhes falta... eles mantêm-se." (Lacan, 1972-1973/inédito, aula proferida em 11/12/73).

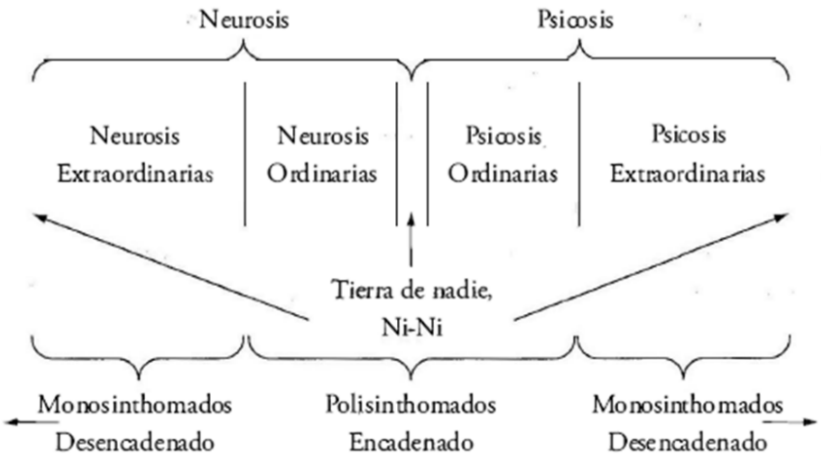
[7] Nas obras consultadas, temos em francês: *les névrosés sont increvables* (Lacan,1972-1973/inédito) e em espanhol *los neuróticos son irreventables* (Schejtman, 2013, 2015, 2016). Optamos pela tradução: *os neuróticos são inabaláveis*, pois esta palavra remete à ideia de não ser tocado, não vibrar ou se abalar.

É importante relembrar que nesse seminário Lacan relaciona os registros real, simbólico e imaginário ao nó borromeano e apresenta a primeira ideia sobre o desencadeamento: ele ocorre pelo corte de um dos elos do nó. Nesse seminário, Lacan ainda aborda as neuroses a partir do nó olímpico, em oposição ao nó borromeano[8]. No nó olímpico, como foi visto no capítulo 1, os elos ou registros estão interpenetrados, isto é, passam pelo buraco do outro. Dessa forma, mesmo ao se cortar um dos elos, os outros permanecem enlaçados. Assim, para Lacan, deve-se ficar louco ao se cortar um dos elos do nó, se isso não acontece é porque trata-se de uma neurose e, esta, é inabalável já que o nó não desata. Para ilustrar essa situação, Lacan lembra os neuróticos de guerra que se mantinham firmes, eram neuróticos e se mantinham bem, em oposição à loucura: aguentavam golpes, não se abalavam, não desencadeavam. Como destaca Schejtman, se Joyce conseguiu se manter inabalável pela sua obra, a partir do apontamento de Lacan, percebe-se que não é necessário ser um artista para se manter estável. Há muitas soluções cotidianas.

Assim, é sobre a noção de desencadeamento que Schejtman propõe a ampliação do campo do ordinário para além das psicoses. Utilizando a referência do *sinthoma* como reparação, esse campo é nomeado, por ele, como *polissinthomado* ou *polireparado*. Da divisão estabelecida por Lacan no seu primeiro ensino, entre neurose e psicose, ele sobrepõe outra divisão para cada um desses lados: aquele do encadeado ou ordinário e, outro, do desencadeado ou extraordinário. Ele estabelece um campo amplo do encadeado incluindo nele o não desencadeado. (Schejtman, 2015, p.162).

[8] Como se viu no Capítulo 1, Lacan mudará essa abordagem no *Seminário 22*, a partir do qual a neurose terá nó borromeano enquanto a psicose terá nó não borromeano.

Figura 18 - Ampliação do campo do ordinário para as neuroses proposta por Schejtman



Fonte: Schejtman, 2015, p.162

O campo do ordinário diz respeito às psicoses e neuroses que estão encadeadas, ou não desencadeadas e o campo do extraordinário para neuroses e psicoses desencadeadas. Schejtman ainda apresenta um campo intermediário, chamado 'terra de ninguém', entre os limites do ordinário (encadeado) e do extraordinário (desencadeado), no qual o diagnóstico, segundo ele, "torna-se complicado" (Schetjman, 2015, p.168). Esse campo, entretanto, não será objeto de nosso estudo.

Por que a insistência na oposição entre desencadeamento e encadeamento? Schejtman relembra que a noção de *sinthoma* é introduzida numa conferência chamada *Joyce o sintoma I*, que antecedeu o *Seminário livro 23:o sinthoma* (1975-76/2007). Nas aulas 5 e 6 desse seminário, entretanto, é que Lacan "[...] estabelece o *sinthoma* como reparação do lapso do enodamento." (Schetjman, 2015, p.166), o que impede o desencadeamento. Segundo o autor, é marcante a pergunta insistente de Lacan a Jacques Aubert, a quem havia convidado para falar sobre Joyce nesse seminário. Ele não pergunta se Joyce era psicótico, no sentido estrutural, mas se estava louco, isto é, se havia desencadeado sem, nem sequer, falar em psicose. Assim, o autor entende que, nesse momento do ensino de Lacan, o acento recai mais sobre a ideia do encadeado/desencadeado do que sobre a distinção das estruturas. A pergunta é: o que mantem o enodamento, o que mantem os sujeitos estáveis?

> Não é necessário ser James Joyce para não desencadear [...] Isso é coisa de todos os dias e mostra que se o fracasso prevalece e vamos começar por lá, as pessoas em geral não cruzam os braços pra ele, mas inventam soluções... mais ou menos estáveis que permitem que a existência não seja um caos (Schejtman, 2015, p. 165, tradução nossa).

O *sinthoma*, como solução, como reparação ao real da não relação sexual, vale para neuróticos e psicóticos, é preciso se virar com isso. Uma neurose pode permanecer bem compensada a depender das contingências da vida do sujeito. Freud em *Conferências introdutórias de psicanálise*, na Conferência XXIV, intitulada *O Estado neurótico comum* (Freud, 1917/1976b), descreve como o neurótico pode ficar impassível diante de uma situação que poderia lhe provocar uma indagação sobre si. Schejtman chama de 'adormecimento generalizado', que segundo ele corresponde ao espaço do encadeado ou ao não desencadeado da figura acima (2015, p.163) esse modo de conduzir-se na vida. Mesmo tendo problemas, dores, o sujeito segue sua marcha. Não há nada, como um sintoma, que se coloque em oposição a essa marcha, tal como indica Lacan "[...] o sintoma é o que se põe em cruz na estrada". (Lacan, 1974/2011a). Então, o sujeito segue sem desencadear, adormecido com suas invenções, com seus *sinthomas.*

Como se verá, o plural acima não é por acaso, pois revela exatamente a particularidade das neuroses que são ordinárias: a existência de mais de uma reparação ou de um *sinthoma*

3.1.1.1 Uma aproximação com o conceito de caráter

O caráter é uma noção que aparece em toda a obra freudiana e foi objeto de estudo de outros analistas como Karl Abraham, Wilhelm Reich e Otto Fenichel. Também foi tema tratado por Lacan, especialmente, no seu primeiro ensino, Diana Rabinovich e de Jacques Alain Milller. Segundo Marinho (2019), a noção de caráter pode ajudar na compreensão de como os sujeitos lidam com a pulsão na atualidade, já que há um aspecto do caráter que demonstra a ausência da pergunta enigmática para o sujeito distanciando-o do sintoma, "[...] o caráter exemplifica, a nosso ver a descrença no inconsciente recalcado que se apresenta em muitos pacientes, talvez com cada vez mais frequência". (Marinho, 2019, p. 41).

Oscar Zack, em *Síntoma e carácter* (2012) argumenta que o sintoma e o caráter são duas formas de satisfação pulsional. Segundo o autor, Freud delineia o que seria o real de sua época ao formular que o sintoma neurótico tem uma dimensão de satisfação sexual, pois "[...] passa a ocupar precisamente o lugar vazio que deixa a sexualidade no sujeito neurótico. É uma satisfação substitutiva." (Zack, 2012, p. 3, tradução nossa). Assim, é necessário considerar que a base de satisfação pulsional que o sintoma porta, o conduz a ser para o sujeito, mais uma solução do que um problema.

Em *La experiência de lo real en la cura psicoanalítica* (2004a) Jacques Alain-Miller discorre sobre o caráter na psicanálise. De início, ele indica que foi pelo conceito de caráter

que a neurose pode ser estendida para além do sintoma, nele encontra-se a dimensão do real e do gozo difícil de suportar e, portanto, há exclusivamente uma vertente de satisfação pulsional. Como tal, o caráter ocupa o lugar do que faz obstáculo à associação livre e ao processo analítico.

A partir de *Caráter anal e erotismo anal* (Freud, 1908), segundo o autor, fica evidenciada a conexão entre o caráter e o comportamento de um órgão, pois conforme estabeleceu K. Abraham, há "uma conexão direta entre zona erógena e do caráter, sugerindo a base pulsional do caráter" (Marinho, 2019, p.65). O caráter não tem a estrutura das formações do inconsciente, pois se está remetido diretamente à pulsão, não se observa o mecanismo do recalque e de seu retorno. Assim, há algo mais arcaico que o sintoma, quando a pulsão se satisfaz na ação. Miller sustenta que é sobre a noção de caráter que se assenta a ideia de pensar a repercussão da satisfação pulsional intricada no corpo sobre a personalidade.

Segundo Zack, (2012) enquanto o sintoma é permeável à abordagem do simbólico, tudo funciona bem. Pode-se, contudo, encontrar uma resistência à experiência analítica, como um obstáculo que se vincula ao Eu. Nessa direção, o autor recupera uma passagem do *O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*, (1953-1954/1993, p. 31) na qual Lacan diz que é comum se ouvir que o eu é um aliado do analista, mas que por outro lado : "[...] o eu está estruturado com um sintoma. Não é mais que um sintoma privilegiado no interior do sujeito. É o sintoma humano por excelência, a enfermidade mental do homem." Logo, conclui que o Eu é um sintoma que resiste a ser abordado pelas coordenadas da associação livre, o que o faz ser solidário ao conceito de caráter. "O caráter adquire uma dimensão de obstáculo que limita as possibilidades de transferência e que sempre se manifesta como rejeição ao inconsciente." (Zack, 2012, p. 6, tradução nossa). Assim, a resistência e o Eu são conceitos vinculados ao caráter.

Miller (2004a) valoriza a abordagem reichiana do caráter ao enfatizar que o que se encontra em muitos sujeitos, em análise, é resistência do caráter, pois o sintoma não é totalmente racionalizado, ao contrário, tem um funcionamento parasitário, enquanto o caráter tem algo de sintônico com o Eu, é algo que não incomoda. Assim, o caráter evidencia uma forma de gozar integrada ao eu e uma fonte de satisfação da pulsão.

Encontra-se no texto de Zack uma afirmação sobre a presença do rechaço ao inconsciente como marca dos modos sintomáticos mais prevalentes na atualidade, em consonância com a proposta de Schjetman sobre as neuroses ordinárias:

> Esta orientação adquire hoje, uma relevância especial; de tal forma que as chamadas novas formas de sintoma (anorexia, bulimia, adições, etc) são manifestações que se apresentam sob a forma de rechaço ao inconsciente. Esta forma de gozar se inscreve na perspectiva do conceito de caráter, sendo uma de suas particularidades que não se constitui como sintoma para o sujeito, mas geralmente é sintoma para o seu entorno. (Zack, 2012, p. 6, tradução nossa).

Schejtman (2013) chama a atenção para um primeiro estatuto do sintoma, que Miller (1982) descreve como um tanto desconhecido, que se identifica à realidade cotidiana, pois este sintoma não se diferencia em nada do que se chama caráter: é parte do eu, é um estatuto egosintônico do sintoma ou, nas palavras de Miller, a vertente imaginária do sintoma. É algo do que se extrai algum benefício, por se constituir menos como um problema e mais como solução. Schejtman sublinha o destaque que Freud faz (1917/1976b) da função do fantasma que, juntamente com o *sinthoma*, estabiliza o estado neurótico comum, como também Lacan estabelece que a função do fantasma é manter o adormecimento subjetivo. Schejtman lembra que Miller (1986-1987) define o *sinthoma* como um composto de sintoma e fantasma e indica que este *sinthoma* do neurótico comum é sustentado por um fantasma que amortece competentemente a dimensão real do sintoma.

Assim pode-se aproximar a noção de caráter como algo primordial que evita que o sujeito se lance à pergunta de seu ser e sobre seu gozo. Nessa direção pode-se indicar a marca do inabalável sustentado pelo caráter e destacada por Schejtman nas neuroses ordinárias.

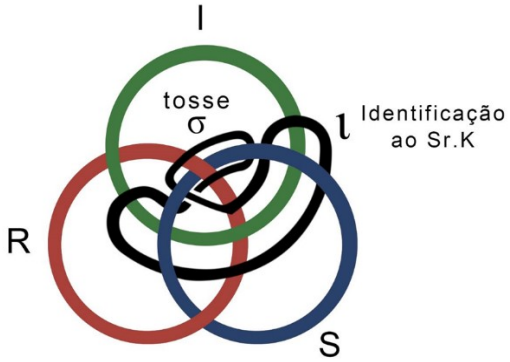
3.1.1.2 A polireparação e a polissinthomatização na neurose

É importante ressaltar que a partir do *Seminário livro 22: RSI* (1974-1975/inédito) Lacan abandona a neurose referida ao nó olímpico e passa a considerá-la com nó borromeano, isto é, sem a existência de interpenetração. Como se viu anteriormente, a característica borromeana deve respeitar duas condições: que não haja interpenetração e, como consequência, que cortando-se um dos anéis, o nó borromeano se desfaça. Para construir a noção de neurose ordinária, Schejtman recupera a ideia lacaniana de que os neuróticos são inabaláveis, vinculando-a apenas à ideia de que os seus anéis não se soltam ao cortar qualquer um deles, mesmo sem haver interpenetração. Dessa forma, ele mantém a referência lacaniana à característica inabalável da neurose, mesmo dentro do campo borromeano. É o que será abordado a seguir.

Schejtman propõe um nó neurótico diferente para a neurose de Dora, em um trabalho publicado na Revista Ancla em 2010, intitulado *Encadenamientos e desencadenamientos*

neuróticos: inhibición, síntoma y angustia, que ele chama "[...] o nó da neurose estável de Dora" (Schejtman, 2015, p. 169, tradução nossa). Este nó é composto pelo real, o simbólico, o imaginário e o *sinthoma*. Este tem uma torsão, como uma espécie de oito, que permite articular a inibição (ι) e sintoma (σ) na função do enodamento.

Figura 19 - Nó com *sinthoma* em Dora, proposto por F. Schejtman.

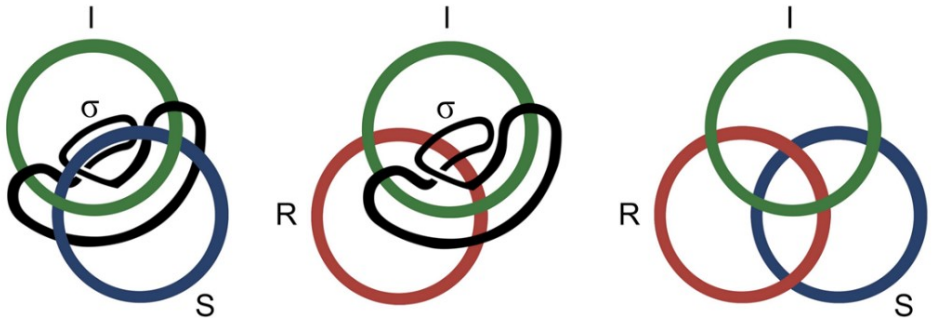


Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 304

Neste nó, *a identificação ao Sr. K* aparece como um *sinthoma*-inibição ou uma nomeação imaginária pois é constituída pela duplicação, ou reforço do imaginário. Ela faz a reparação do lapso entre o simbólico e o imaginário e fixa "a posição egóica de Dora na identificação viril especular" (Schejtman, 2013, p. 349, tradução nossa). Esse *sinthoma* se prolonga fazendo, por uma torsão, um *sinthoma*-sintoma ou nomeação simbólica - a *tosse* - que repara um único ponto do simbólico no cruzamento com o real.

O autor relata que, até àquele momento, estava certo de que o modelo do nó proposto respeitava as duas condições da característica borromeana: não haver interpenetração e 'cortando-se um anel soltam-se todos'. Após a publicação do artigo, ele teve um sonho no qual sua esposa lhe dizia que "[...] há um erro" (Schejtman, 2015, p. 170, tradução nossa). Depois de muito se debruçar sobre o artigo ele nota que, embora não houvesse interpenetração de registros, pois era um nó neurótico, quando se fazia a simplificação deste nó, os registros se soltavam apenas quando se cortava o real, o simbólico ou o *sinthoma*.

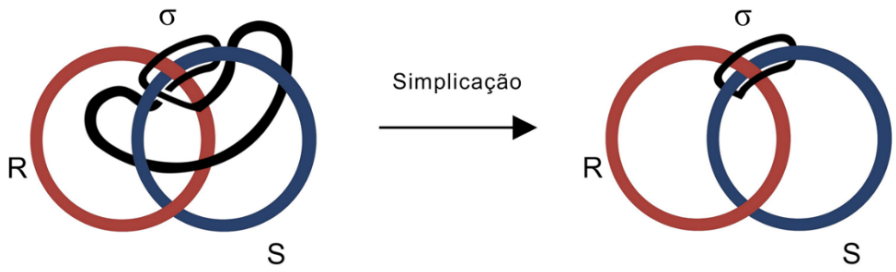
Figura 20 - Soltura dos registros do nó de Dora ao se cortar o registro R, S ou o *sinthoma*, respectivamente.



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 304

O mesmo não acontecia ao se cortar o registro imaginário, pois R e S permaneciam unidos, mas sem haver interpenetração.

Figura 21 - Nó de Dora com o corte do registro do I e sua simplificação



Fonte: Adaptado de Schejtman, 2013, p. 305

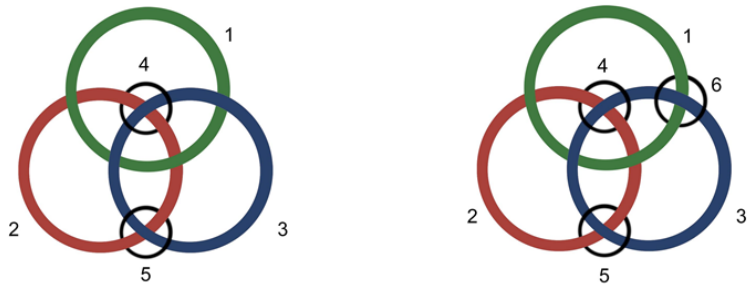
A partir dessa constatação, o autor foi levado a estudar estas cadeias neuróticas em que não ocorre a interpenetração, mas os registros não se soltam com o corte de qualquer um deles. São cadeias que

> […] podemos chamar *pseudoborromeanas*, *semiborromeanas* ou *meioborromeanas*, como queiram, porque são borromeanas no sentido de que não há interpenetração, mas não são borromeanas no sentido de que se soltam todos os elos, cortando qualquer um deles. (Schejtman, 2013, p.171, tradução nossa).

Como indicado anteriormente, após o *Seminário livro 21: os não-tolos erram* (1973-74), Lacan vai reservar a característica borromeana somente para os neuróticos, qual seja, cortando-se qualquer elo soltam-se os demais, pois não ocorre a interpenetração. Assim, Schejtman chama às neuroses ordinárias, *borromeos polireparados*: são cadeias com mais de uma reparação, *sinthomática* ou não, que mesmo não enlaçadas por interpenetração, pois

nenhum anel utiliza do buraco do outro para enlaçar-se, de modo geral suportam golpes do real, (Schejtman, 2016, p. 108), pois as suas reparações ou seus *sinthomas* são tais, que nem sempre permitirão a soltura dos elos pelo corte de qualquer um deles ou pelo aparecimento de um lapso.

Figura 22 - Exemplos de cadeias polireparadas de neuroses ordinárias com 5 e 6 elos, respectivamente



Fonte: Adaptado de Schetjman, 2015, p.37

Pode-se observar que nestes nós os *sinthomas* não têm o formato de "orelha" (confira figura 15 anterior) e ocorrem em vários pontos simultaneamente, funcionando, muitas vezes, como reparações redundantes. Enquanto no primeiro nó, os elos 4 e 5 constituem um *sinthoma*, pois reparam os dois lapsos do nó, o mesmo não ocorre com o elo 6 no segundo nó. Neste, esta reparação não se constitui como um *sinthoma* e, portanto, pode ser considerada, inicialmente, como uma reparação supérflua ou redundante. Sua importância, entretanto, pode se mostrar se, ou quando, os *sinthomas* 4 ou 5 se desfizerem. Este elo 6 é o que impedirá que o elo 1 solte-se dos demais, logo, é o elemento que manterá o enlaçamento.

O nó, ou a cadeia assim formada, tem a característica de ser rígida e, logo, resistente ao desencadeamento. Schejtman destaca que, atualmente, há muitos sofrimentos em que não há um desencadeamento pleno de uma neurose: quando uma contingência traumática produz o fracasso de alguma reparação *sinthomática*, disso não se segue a soltura dos registros, pois outra reparação pode manter estável a estrutura.

> Nesse sentido, é notável a estabilidade - geralmente não menos a rigidez - que certas posições subjetivas contemporâneas contribuem simultaneamente, alternadamente ou sucessivamente - mesmo à custa do sofrimento que eles geralmente carregam – com alguns dos chamados sintomas atuais observados acima, mas também algumas características limitadas de perversão, vários fenômenos psicossomáticos ou até - por que não - certos vínculos interpessoais mais ou menos amorosos, mais ou menos familiares, parceiros ou amigos, enfim, todos com a capacidade de reparar os lapsos do nó ou, mais simplesmente, adicionar suportes "redundantes" - como indicado anteriormente - ao nó subjetivo. (Schejtman, 2013, p. 312, tradução nossa)

Nos casos clínicos apresentados pelo autor, (Schejtman, 2013, 2015) ele procura mostrar que o aparecimento de determinado sintoma, inibição ou angústia, nem sempre é sinal de desencadeamento. Ao contrário, são eventos que enodam e, muitas vezes, impedem ou colaboram para o não aparecimento de uma questão ao sujeito que permanece na situação de desconhecimento de seu gozo. É nesse registro que ele indica que esses sujeitos se mantêm estáveis: se o *sinthoma* não funciona mais ou se há um novo lapso do nó, novas reparações são criadas tornando mais difícil a ocorrência do desencadeamento.

Assim sendo, segundo o autor, as neuroses ordinárias devem respeitar duas condições: que haja ausência de interpenetração dos registros, necessária para que seja uma neurose, por mais distante que se pareça das neuroses clássicas, e que apresente uma resistência ao desencadeamento, conforme as psicoses assim descritas, destacando o caráter "inabalável" de alguns neuróticos, descritos por Lacan.

Ao final de uma entrevista concedida a Sebastian Lhaneza, na qual discorre sobre a noção de neurose ordinária, Schejtman (2016) coloca duas questões. A primeira, se a rigidez e estabilidade dessas subjetividades 'ordinárias' explicariam a impermeabilidade desses sujeitos ao dispositivo analítico. A segunda, se a histeria rígida, apresentada por Lacan no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007) poderia ser um exemplo de neurose ordinária já que se diferencia da histeria clássica formalizada por Freud.

Segundo Schejtman, os motivos que levam um neurótico *polissinthomado* a um analista são muito variados. Muitas vezes ele não chega à análise movido pela própria angústia, mas pelas angústias de seus parceiros ou familiares. Pode ocorrer também, que se achem tomados pelo peso da rigidez de suas defesas, mas ainda não decidiram colocá-las em questão. A direção de tratamento, para cada caso, segundo ele, coloca uma questão ética ao analista: "[...] quem somos nós, finalmente, para questionar essas invenções com as quais o sujeito mantém estável sua existência [...] o psicanalista não é um fanático pelo desencadeamento, nem a psicanálise!". (Schejtman, 2015, p. 176, tradução nossa)

Se a resposta ética se coloca como guia para a condução do caso a caso, é possível indicar que a presença do analista e sua função deverão constituir-se como bússola para a direção do tratamento. Ainda que a transferência seja um dos problemas na clínica desses casos em que o desencadeamento está em questão, a presença do analista é, talvez, a única possibilidade de que o sujeito seja tocado num ponto de seu gozo. Fica então a pergunta: se o analista como suposto saber está esvaziado na contemporaneidade, pode-se pensar em outros modos de sua função?

Antes de tratar essa questão, a histeria rígida será objeto de análise tendo em vista a segunda colocação de Schejtman na entrevista citada. Ele se pergunta se a histeria rígida poderia se configurar como uma neurose ordinária por apresentar-se como uma forma diferente da histeria clássica.

3.2 Histeria rígida: a histeria pelo avesso

A histeria rígida teve sua apresentação, por Lacan, no *Seminário livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007), no capítulo intitulado "De uma falácia que testemunha do real". Ali, Lacan dá algumas indicações do que ele chama histeria rígida, mas não aprofunda em sua elaboração. É Eric Laurent quem retoma essa passagem de 1976 e passagens do *Seminário livro 24: L'insu que sait de l'une bevue s'aile à mourre* (1976-1977/inédito), para sustentar uma formalização do conceito.

Em julho de 2012 aconteceu um encontro na Suiça cuja proposta foi a leitura do *Seminário 23* e dos *Estudos sobre a histeria,* em que Laurent faz uma conferência sobre a histeria intitulada *O Sinthome*[9]. Nessa conferência, Laurent indica que nos anos dos *Seminários 23* e *24* - entre os dias 9 de março de 1976 e 26 de fevereiro de 1977 - "[...] Lacan enuncia uma série de proposições novas sobre o inconsciente. Dentre elas, a reformulação da histeria é crucial" (Laurent, 2013, p. 12), destacando que após o seminário sobre Joyce, a proposta lacaniana é ler os *Estudos sobre a Histeria* "pelo avesso", pois que o trabalho sobre Joyce seria uma "reescritura sobre os Estudos sobre a histeria". (2013, p. 12)

Sobre o termo 'avesso' Rosa (2019) retoma a fala de Lacan no *Seminário livro 17: o Avesso da psicanálise*, cujo projeto era pegar a psicanálise pelo avesso o que necessitaria "[...] virar ao avesso um certo número de lugares" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 10). Segundo a autora, dessa forma, tomar a histeria pelo avesso resulta em desalojar alguns conceitos e suas funções, tal como formulados por Freud. (Rosa, 2019, p.120). No projeto freudiano, a histeria sustenta-se nos pressupostos edípicos e no Nome-do-pai e a identificação e o amor ao pai desempenham funções cruciais no modo de apresentação do sintoma histérico. Por seu lado, Lacan fará valer a vertente do real na histeria "[...] daquilo que, inscrito no modo de um traço, insiste e retorna sempre ao mesmo lugar." (Rosa, 2019, p. 120), mostrando o avesso do estabelecido. Souto (2013, para. 2) ao tratar sobre o que histeria, na atualidade, pode ensinar

[9] O trabalho original de Eric Laurent foi escrito em 2012 e publicado posteriormente em 2014 na Revista Consecuencias. Neste trabalho, será usado o texto apresentado no VI Enapol no ano seguinte que é o texto da conferência de 2012 com pequenas alterações.

sobre o sintoma, se utiliza da histeria rígida e propõe que se pode tomar a ideia de ‘avesso’ fazendo o caminho inverso de Freud: enquanto este apresentou a histeria fazendo um percurso do significante ao pai, a partir de Lacan, deve-se lê-la do pai ao significante como causa de gozo.

No *Seminário livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) Lacan questiona por que Freud teria substituído o saber das histéricas pelo complexo de Édipo preservando, assim, a ideia de um pai amoroso. Para Lacan, bastava a Freud se guiar pela experiência da histérica para perceber que o Édipo não esgotaria tudo do sintoma. Segundo Souto (2013, para. 4) a partir dessa colocação de Lacan pode-se supor que “[...] desde Freud, a histeria nos ensina algo sobre o sintoma que não passa pelo pai, algo que teria sido encoberto pela importância dada por Freud ao complexo de Édipo: o significante como causa de gozo”.

Laurent (2013) postula que a questão da nossa época é que o amor ao pai não se constitui mais como o eixo em torno do qual gira a constituição do sintoma histérico. O pai não porta mais o sentido que resolve os enigmas do gozo e a histeria não faz existir o pai real pela via do seu amor. É o que a histeria rígida faz ver com muita clareza.

3.2.1 O retrato da histeria de Dora por Hélène Cixous

Hélène Cixous é a autora da peça *O retrato de Dora* que Lacan comentará brevemente no *Seminário 23* a propósito da histeria rígida. Como esclarece Vitale (2014), Cixous é de origem argelina, filha de família judia. Viveu seus primeiros anos sob o domínio colonial e antissemita francês o que, segundo ela, deixou marcas no seu modo de escrever e pensar. Em 1974, inaugurou em Paris VIII o Programa de Doutorado sobre Estudos femininos, o que a colocou como uma referência do pensamento feminista contemporâneo. É conhecida por estabelecer o termo ‘escrita feminina’. Rosa (2019) destaca que a peça foi encenada em 1975, enquanto o atendimento de Dora, por Freud, ocorreu em 1900 sublinhando a importância de considerar a diferença da presença do analista e das intervenções nessa época, momento de nascimento da psicanálise. A propósito dos diálogos entre Freud e Dora, Rosa diz que é “[...] impossível desconhecer que temos aí uma escritora feminista questionando o falocentrismo e o patriarcalismo da psicanálise freudiana. Isso está claramente posto no modo como Dora lida com as intervenções de Freud.” (Rosa, 2019, p.103). É digno de nota, relembrar que Cixous era amiga de Lacan e, juntos, chegaram a estudar James Joyce por dois anos.

Conforme se verá adiante pelo comentário de Lacan, na peça de Cixous a histeria da personagem Dora é diferente daquela que Freud apresentou ao mundo em 1905. Para exemplificar alguns pontos da discussão lacaniana, serão apresentadas pequenas passagens da peça que foram destacadas por Rosa em *Por onde andarão as histéricas de outrora? Um estudo lacaniano sobre as histéricas* (2019) e por Vitale em *Histeria sin nobre del padre – Segunda noche* (2014), seguidos de alguns de seus comentários.

A relação de Dora com a Sra. K. é um dos pontos destacados por Rosa. A autora sublinha que na peça de Cixous, Dora aparece "[...] totalmente arrebatada pela Sra. k e, tal como Lacan observa nos seus comentários de 1969, supondo-lhe um saber sobre a mulher", como pode-se ver na seguinte fala:

> **Dora:** Me diga mais, me diga tudo. (reclinando-se sobre a Sra, K) Me diga tudo que as mulheres sabem: como fazer geleia, como fazer amor, como se maquiar, como fazer patê, como adotar bebês, como cozinhar carne, como se vestir. Eu vi minhas avós fazendo essas coisas quando eu era pequena, mas será que eu saberia fazê-las? Eu tenho que aprender. (Rosa, 2019, p. 100, tradução da autora)

Seguindo com Rosa, no caso de Freud o interesse de Dora pela Sra. K. sustenta-se na medida em que ela detém um saber na relação com o Outro, o homem. Este lhe interessa apenas como 'testa de ferro', como conector de seu apego fascinado pela Sra k. Já em Cixous, esse elemento tão fundamental do caso Dora, está ausente. Como falta essa mediação feita pelo homem, aparece um empuxo à homossexualidade e a uma atuação da fantasia histérica.

> **Dora**: [sobre a Sra. k]. ela é uma mulher inteligente, superior aos homens em torno dela, uma mulher de uma beleza requintada. Quão branca são suas costas e sua pele! Oh, meu Deus, eu te amo! [um sussurro e um som fraco de um beijo]. Posso? E aqui, também, logo abaixo ...
>
> Você pode imaginar o quanto eu te amo? Se eu fosse um homem eu me casaria com você, eu a levaria para longe e me casaria com você e eu saberia como fazê-la feliz.
>
> **Sra K**.: Dora!
>
> .....
>
> **Sra. K**: Venha, me diga o que você tem feito.
>
> **Dora**: Não tenho nada para te dizer, eu nunca faço nada.
>
> **Sra. K**: Diga-me alguma coisa sobre você.
>
> **Dora**: Você não poderia me amar um pouco, pelo menos um pouquinho?
>
> **Sra. K**: Sim, claro! Eu poderia amar você um pouquinho. Mas o que significa amar?
>
> **Dora**: Você não me ama de modo algum, então?
>
> **Sra**.K: Nunca me passou isso pela cabeça! Você é adorável! Alguém vai lhe amar. Eu amo muito tudo o que você é...
>
> **Dora**: Não tem nada que eu possa dar a você? Não tem nada que você possa precisar de mim?

Sra K: Eu não preciso de nada, nem de ninguém. Isso não significa que você não seja nada.

Dora; então você continuará me encontrando?

Sra K: Por que não?

Dora: Um dia eu gostaria de estar deitada ao seu lado. Não assentada – eu quero me deitar contra o seu corpo. Eu fecho os olhos e eu vejo. Haveria sangue por todos os lados. Haveria sangue no meu rosto.

Sra. K: Que sangrento! Eu vejo você em pé, bastante viva, se preparando para uma viagem...

Dora: E eu vejo você morta. Eu gostaria de ver você morta. E ninguém teria permissão para tocar você, para te ver.

Sra. K: Uma menina de dez anos tem pensamentos como esse?

Dora: Uma pessoa muito apaixonada tem pensamentos como esse.

Sra. K: Quanto mais amedrontador, mais desejável.
(Rosa, 2019, p. 102, tradução da autora)

Na ausência da interposição do homem, na peça, Dora aborda a Sra. K. direta e sexualmente. Segundo Rosa, a leitura da peça permite perceber que a suposição de saber desloca-se de Freud para a Sra K., e, com isso, a Dora retratada por Cixous surge como uma histérica totalmente capturada pela Outra à qual ela se endereça de modo viril. Sem a mediação desses Outros, ela corteja e assedia direta e passionalmente a Sra. K. (Rosa, 2019, p.102). Vitale (2014), por sua vez, destaca que nesta passagem é possível perceber um funcionamento do imaginário corporal, que passa do amor ao ódio absoluto e indicam momentos de completa indistinção com o outro.

Os trechos seguintes tratam-se de diálogos entre Dora e Freud:

Freud: Se é a sua bolsa que você está procurando, ela está aí no seu colo. Você n:ão parou de brincar com ela na última meia hora. Por falar nisso, ela é bem bonita.

Dora: [*Com tom de supeita*] É a primeira vez que você a notou?

Freud: É a primeira vez que vejo você com ela. Aqui, de qualquer modo.

Dora: eu levo minha bolsa comigo para todo lugar que vou. Sempre [angustiada]. A bolsa está muito presa, olhe aqui. Eu estava brincando com ela porque eu não conseguia abri-la. Aqui: olhe como o fecho está apertado. É impossível abri-la.

Freud: você não acha que suas palavras podem estar se referindo a alguma outra coisa que não a sua bolsa?

Dora [*com ódio*]: Sim, se você quer assim. Isso é o que os homens gostam de pensar.

Freud: Aquele cuja língua é silenciosa, fala com seus dedos. Palavras ambíguas são como agulhas no espaço da associação livre.

Dora: picar, perfurar, costurar, desvendar. Este é mesmo o trabalho das mulheres.

(Sobre o sonho do incêndio e a questão de salvar a caixa de joia)

Freud: O segredo está com a sua mãe. Qual papel sua mãe desempenha aqui? Ela foi em um certo momento, sua rival em relação ao amor de seu pai.

Dora: eu 'sabia' que 'vocês' iriam dizer isso.

[A frase está no plural, pois todos os personagens em jogo insistem em desacreditar a denúncia que ela faz sobre o assédio do Sr. K. sobre ela].

Freud: Então você agora sabe quem representa quem.

Dora:[com cansaço]: saber, saber, mas ninguém sabe nada. O que quer dizer saber? Eu sei o que eu sei, eu o sei? Tudo significa nada. Se houvesse um deus. (Rosa, 2019, p**.**123, tradução da autora)

Rosa destaca que, nestas passagens, se pode ver Freud usar interpretações alusivas ao sexual, pois há uma certa expectativa social relacionada à psicanálise, reveladas pela fala de Dora de que ela já esperava que Freud dissesse aquelas coisas. Há, também, a utilização de referências clássicas ao Édipo como chave de leitura do sonho.

.....

Freud: ali onde os lábios calam ...

Dora: Sim, sim, eu já sei. Aquele que fala com os dedos? Por que você gira a caneta sete vezes antes de falar? Por quê?

Freud [*desconfortável*]: Deve-se respeitar as regras!

.....

Freud: te vingas de mim como queria vingar-se do Sr. K e me abandona como ele abandonou.

Dora: você não compreende nada. Isso não impedirá você de existir. Aqui está minha vingança. Eu irei sozinha. Ninguém pode nada. Estou sozinha em uma vila estrangeira .. (Vitale, 2014, p. 33, tradução nossa).

Nessa passagem, Vitale sublinha o rechaço à função de intérprete que Freud tenta ocupar e suas tentativas de destacar a significação fálica dos sintomas de Dora. O autor também destaca uma passagem em que Dora trata do trauma sexual ocorrido aos 14 anos, na loja do Sr. K. Segundo o autor, no seu relato ela parece tentar acessar algo indizível daquilo que se produz no corpo.

> **Dora**: Teria sido inútil esperar por isso. Você poderia, se quisesse. Eu já tinha visto isso em sonhos. Ele era um homem doce e bonito que não tirava seus olhos de mim, mas não era ele. É ele quem está agora atrás da porta? Nunca se sabe. Há um homem na sombra. Eu não vejo sua cabeça. Sei de sua intenção. Eu seguro a porta. Não tenho dúvidas de que ele pretende forçá-la. Sinto sua ereção. Sinto o cheiro do tabaco. Como tudo é simples e mortal. É ele ou eu. A carne fictícia que força a porta me deixa doente. Será necessário matar. É uma lei. Ele quer me matar, eu sei. Eu quero matá-lo, ele sabe disso. Eu gostaria rapidamente que ele me matasse. Mas quem me mata? Não vejo aquele homem atrás da porta. Ele tem uns olhos agitados que não combinam com sua boca. Será necessário ir ao pescoço. Fugindo da morte, coloquei nisso a totalidade de minhas forças. Quando estreito na frente, viro e seguro a cabeça para trás. Seu crânio pesa no meu peito. Eu o seguro firmemente e o degolo. A faca se confunde com a minha mão. Quão difícil é cortar a garganta! Muito tempo depois, ainda sinto a resistência de sua garganta. A dor dele me deixa doente.Me dói a garganta. É difícil para mim falar. Não é minha culpa. Quando alguém não pode falar, ele está morto. (Vitale, 2014, p.33-34, tradução nossa)

Nos trechos acima foram sublinhados, então, a não suposição de saber do analista (Freud) a inutilidade do homem como 'testa de ferro' e como conector em relação à mulher (Sr. K), a abordagem viril de Dora em relação à Outra (Sra. K) e a tentativa de Dora em relatar algo do indizivel relativo ao corpo.

Como Laurent (2013) observa, há no *Seminário 23* apenas uma citação sobre a histeria, localizada na terceira parte "A invenção do real", no capítulo 7 "De uma falácia que testemunha do real". Ao assistir à peça, Lacan surpreende-se com a forma como os atores se apresentam, é o próprio ato dos corpos em cena que o toca. Segundo ele "[...] a peça é realizada de um modo real, quero dizer que a realidade, por exemplo, a dos ensaios, no final de contas, foi o que dominou os atores" (Lacan, 1975-1976/2007, p.102). Assim, Laurent explicita que "[...] não é o texto que dominou os atores, mas a pragmática mesma do dizer" (2013, p. 13).

Lacan ressalta que na peça trata-se mesmo da histeria, ainda que Dora apresente suas manias de histérica, há algo diferente na sua histeria. O personagem Freud, ou melhor, o ator Freud, chama a atenção de Lacan por sua "entonação". Preocupado em não parecer um Freud caricato, ele aparece visivelmente chateado. É essa encenação, com destaque para o corpo, conforme indica Laurent, que fará Lacan observar ali, uma histeria muito particular.

> Daí resulta, no conjunto, alguma coisa curiosíssima, em suma. Temos ali a histeria [..] que eu poderia chamar *incompleta*. Quero dizer que, com a histeria, é sempre dois, pelo menos desde Freud. Ela aparece ali reduzida a um estado que eu poderia chamar de **material** [...] Falta ali esse elemento que foi acrescentado há algum tempo – no final de contas, desde antes de Freud -, a saber, como é que ela deve ser compreendida. É uma espécie de **histeria rígida** (Lacan, 1975-1976/2007, p.102, destaque nosso).

Para Lacan, a Dora de Cixous, seguramente, era uma histérica e trazia os mesmos sintomas e histórias da Dora freudiana: trauma aos 14 anos, sua paixão pela Sra. K, a bofetada na cena do rio. Todos os elementos do caso de Freud estavam em cena, mas a materialidade e

a rigidez eram elementos centrais na descrição desta histeria, identificada na peça, que não se viam na histeria de Dora, apresentada por Freud. Nesta, o elemento fundamental era o amor ao pai, uma identificação ao pai, regulados pelo falo como significante primordial na apreensão do sentido.

Sobre a materialidade da histeria, Lacan indica que esta se assenta sobre a ausência de um elemento, existente desde Freud, que esclarece como ela deve ser compreendida: classicamente o sintoma histérico é endereçado ao outro, um sintoma que fala, portador de um sentido. Na peça, portanto, ela é material por estar disjunta do sentido. Cixous apresenta Dora sem nenhuma aparelhagem de sentido, uma histérica sem seu parceiro, pois quando Lacan diz que a histeria é, desde Freud, sempre dois, ele designa que a histérica é acompanhada de seu interpretante. Na histeria clássica, Lacan estabelece este intérprete como sendo o pai, propondo, inclusive, um modelo topológico da histeria como aquele sustentado pela "armadura de amor ao pai". (Lacan 1976-1977/aula proferida em 14/12/76), que dá estabilidade à histeria.

Sobre a denominação 'rígida', há na sequência do texto, a apresentação de uma cadeia borromeana formada por três retângulos, ao invés de anéis. A rigidez, entretanto, não se apresenta por isso, mas pela falta de um elemento que está sempre presente no nó borromeano.

Figura 23 - Nó borromeano da histeria rígida

Fonte: Adaptado de Lacan, 1975-1976/2007, p. 104

Nesta cadeia não há o quarto elemento, definido por Lacan como Nome-do-pai ou *sinthoma*, pois ela se mantém enlaçada apenas com os registros real, simbólico e imaginário. Segundo Laurent, "[...] aqui está toda a questão: a histeria, apresentada por Cixous, é uma histeria sem este intérprete particular que é o Nome-do-Pai. Esta histeria se sustenta sozinha". (2013, p. 14). É nesse sentido que Jacques Alain-Miller explica, nas *Notas passo a passo* do *Seminário 23*, que se o nó do sujeito se sustenta sozinho, não há necessidade do Nome-do-pai, ele seria redundante. Por outro lado, se o nó não se sustenta "[...] o nome exerce a função de

sinthoma" (1975/76, p. 238), constituindo o quarto elo. O Nome é, em psicanálise, a chave para a resolução do gozo pelo sentido, tal como a Metáfora Paterna: o Nome-do-Pai dá significado ao desejo materno dando-lhe a significação do falo.

Como destaca Lacan o falo está, aqui, relacionado ao real e, logo, para Laurent (2013, p. 13) "fora da metáfora paterna", pois não se apresenta em sua vertente primordial de significação, como descrita em *A significação do falo* (Lacan, 1958/1998a). Para Laurent isso é o que permitirá a Lacan rever a histeria. Tomando os elementos-chave da cadeia rígida, aquela que se mantém inteiramente sozinha, Laurent conclui que "[...] trata-se de uma cadeia tal que nela há uma apreensão do gozo e do sentido sem necessidade de passar pelo Nome-do-pai, pelo amor ao pai, pela identificação ao pai". (2013, p. 14). Assim, para o autor, a partir da histeria rígida, passa-se do sistema falante ao sintoma como escrita. Como se dá essa passagem?

Tem-se o sistema falante presente na histeria clássica que se ordena pela interpretação do Nome-do-Pai, sustentada pela "armadura de amor ao pai" que é aquele que dá sentido ao sintoma histérico, um S1 que se dirige ao S2. De outro lado, a partir da histeria rígida, há uma histeria que rompe com a referência ao pai, sustenta-se sozinha na repetição do significante único, S1, sem a referência ao S2. Aqui o sintoma não se dirige mais ao Outro, mas sustenta-se na repetição do Um, como letra de gozo. Uma vertente organizada pelo simbólico e a outra pelo real do corpo. A passagem do sistema falante, metafórico, simbólico, ao sintoma como escrita, permite que a histeria seja repensada, em termos de enodamento rígido na época do Outro que não existe, como indica Miller em *El Outro que no existe e sus comités de ética* (2005).

Lacan (1975-1976/2007, p.103) destaca que articulou a cadeia rígida conjugando o simbólico, o imaginário e o real, mas que depois de muito discutir sobre os primeiros registros, ele se perguntou sobre o que poderia ser o real nessa conjunção. Ele conclui que o real não seria apenas um dos anéis ou uma das cordinhas de barbante, pois "[...] esta é a maneira de apresentá-las em seu nó de cadeia, que, nela inteira, constitui o real do nó". Assim, ao apresentar a cadeia borromeana rígida, esta que não necessita do Nome do Pai para se sustentar, Lacan diz que nela o importante é o real, pois a cadeia inteira constitui o real do nó, o que para Souto (2013) parece indicar que a histeria rígida evidencia a vertente real do sintoma.

Pode-se perceber, assim, que a ideia de histeria rígida resvala em vários conceitos desalojando-os dos seus lugares clássicos. É o avesso tomando forma. O falo que não está relacionado à significação, a histeria que não se sustenta sobre o amor ao pai, ao sentido que

não aparece mais como um tratamento ao gozo e o sintoma que não é mais o mesmo. Como se articulam esses novos sentidos?

3.2.1.1 Do corpo em cena ao acontecimento de corpo

Lacan toma a peça de Cixous como algo instrutivo sobre a histeria. A Dora apresentada provoca surpresa, pois ali a histeria não pode mais ser compreendida pelos seus elementos clássicos. É o incômodo dos atores, a entonação daquele que representa Freud, Dora que insiste em destituir as intervenções de Freud por não haver nenhum saber suposto e que retoma seguidamente as cenas traumáticas, que torna necessário "[...] estar atentos não somente ao que os atores dizem, mas também a como falam com seus corpos; isto é, como a própria encenação em suas representações afetou os corpos dos atores." (Vitale, 2014, p.30, tradução nossa). O que se apresenta é algo não regulado pelo Nome-do-pai e corpos que falam de um modo real, um incômodo na relação corpo-palavra.

Em *Joyce: o sintoma* (1975/2003), conferência que Lacan proferiu antes de iniciar o *Seminário 23*, encontra-se uma afirmação sobre o sintoma: "Deixemos o sintoma no que ele é: um acontecimento de corpo ..." (Lacan, 1975/2003, p. 565). É a noção de acontecimento de corpo que pode esclarecer o novo que se apresenta pela histeria rígida. Se nesse registro, o falo não se presta somente às significações, mas resulta na repetição de um gozo sempre o mesmo, é imprescindível ler o corpo para além do corpo sintomático da histérica.

O falasser, "corpo vivo" que não passa pela identificação histérica, é o suporte desse corpo e do sintoma. A noção de sintoma como um acontecimento de corpo funda-se no princípio de que o corpo é algo que se tem e se opõe à ideia de ser um corpo. Para o homem, diferentemente do animal, não há identificação entre eu e corpo, pois o homem submetido ao significante "[...] divide seu ser e seu corpo, reduzindo este último ao estatuto do ter" (Miller, p. 2004b, p. 50). Segundo o autor, acontecimento de corpo é uma condensação, pois "[...] trata-se sempre de acontecimentos de discurso, que deixam traços no corpo. E estes traços desorganizam o corpo" (2004b, p. 50), de modo que é um acontecimento do significante no corpo, já que falar com o corpo é o que qualifica o falasser.

Jaques Alain-Miller em *Biologia lacaniana e acontecimento de corpo* (2004b), retoma o texto de Freud *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), para discutir a relação entre as palavras e os corpos. Segundo ele, Freud apresenta o corpo histérico como um corpo em luta pela autoconservação de um lado e, de outro, pelo gozo pulsional fragmentado. No texto de Freud, o olho é o órgão que demanda dois lados: enquanto a visão

responde aos anseios da autoconservação, a cegueira rompe com esse equilíbrio, perturbando o bom funcionamento do corpo. É assim que um órgão pode se desobrigar da autoconservação desligando-se do todo corporal e impor a presença do corpo fragmentado. O órgão interrompe sua obediência ao saber do corpo, do lado da vida, para ser suporte do "se gozar", com acento para o autoerotismo. É uma interrupção do funcionamento regulado do corpo. É o momento em que o prazer que se excedeu à finalidade da vida, é tornado gozo, por não obedecê-lo mais. Segundo Miller, Freud demonstra, assim, que "[...] a verdade e o gozo têm parte ligada, trabalham as duas contra os algoritmos do corpo" (2004b, p.49). Miller conclui que o mesmo organismo deve suportar dois corpos distintos: de um lado, um corpo que sabe o que é preciso para sobreviver, o corpo epistêmico, o corpo que sabe o que lhe é necessário, e de outro lado, o corpo libidinal que concorre com este saber.

Como sublinha Miller (2004b), o acontecimento, que é sempre de discurso, deixa traços que desorganizam os corpos pelos sintomas e afecções. Há signo e significante e a diferença entre eles é que o signo marca a presença do ser, é vida e palpitação, enquanto o significante é falta-a-ser. Na lógica do significante há o sujeito morto e, de outro lado, há o indivíduo palpitante, afetado pelo inconsciente. A hipótese lacaniana, segundo Miller, é que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que faz o que ele chama de sujeito de um significante (2004b, p. 52). A implicação disso é que o significante não tem apenas efeito de significação, mas também, de afetar um corpo, em que afetar trata-se daquilo que perturba e deixa traços no corpo.

> O efeito de 'afetar' inclui também o efeito do sintoma, o efeito de gozo, e mesmo efeito de sujeito, mas efeito de sujeito situado num corpo e não puro efeito de lógica. Quando se trata de efeito durável, efeito permanente, podemos muito bem, situá-los, chamando-os de traços." (Miller, 2004b, p.52).

O acontecimento como evento que produz traços de afetação está relacionado ao trauma que, no sentido lacaniano, não está ligado a um acidente, mas à possibilidade do acidente contingente deixar traços de afetação, isto é, à incidência da língua sobre o ser falante e, precisamente, a incidência da língua sobre o corpo. Dessa forma, Miller sustenta que "[...] não é a sedução, não é a ameaça de castração, não é a perda de amor, não é a observação do coito parental, não é o Édipo que é o princípio do acontecimento fundamental, traçador de afetação, porém a relação com a língua." (2004b, p.53). Tal contexto é traduzido por Lacan pela fórmula "o significante é a causa do gozo", já que traduz exatamente, a afetação do corpo pela língua.

Resta verificar como o significante que é uma estrutura formal e lógica pode ser matéria, ou melhor, como pode se materializar.

> Ele (o significante) se materializa naquilo que suporta o significante, é assim que podemos compreender que o significante possa ter sua matéria, sem dúvida, emprestada do som, mas também do corpo. É bem o que ressaltamos no sintoma histérico: que o significante é suscetível de se materializar no corpo." (Miller, 2004b, p. 64)

A corporização, uma estrutura nomeada por Miller a partir do último ensino de Lacan, é o modo pelo qual o significante torna-se corpo ao afetar o corpo do ser falante. Na corporização o significante fragmenta o gozo do corpo, fazendo aparecer o mais-de-gozar. Lacan chama de afecção o efeito corporal do significante, ou seja, os seus efeitos de gozo, que desarranjam as funções do corpo vivo.

Segundo Indart (2014), a cena em que Dora descreve o seu trauma sexual na loja do Sr. K., é o relato de um acontecimento corporal em que há deslocamentos metonímicos pelo corpo sem nenhuma significação fálica. Dora relata sentir o peso da cabeça do Sr. K. em seu peito, enquanto imaginava uma mão como uma faca, que tentou cortar a sua garganta. Há uma impossibilidade de se saber se a garganta era dela ou do homem e, por isso, ficaram sequelas na garganta de Dora. Para o autor "[...] essas marcas de deslocamento de gozos metonímicos no corpo são sintomas, mas não são metáforas." (2014, p.45, tradução nossa). Dessa forma, estão fora da regência do Nome do pai, pois não podem ser acessadas por intervenções edípicas e fálicas.

Nesta direção, é importante lembrar que Dora construiu uma fantasia sexual, ao colocar em cena o sexo oral como forma pela qual um homem 'sem recursos', ou seja, impotente (seu pai), pôde manter uma relação amorosa com uma mulher (Sra.K.). Tal fantasia, segundo Freud, era expressa pelos sintomas da afonia e da tosse, modos pelos quais Dora se identificava ao gozo paterno, como salienta Laurent (2013, p.15) "A afonia coloca em jogo a sua própria boca nessa participação do gozo do pai".

Souto (2013) retoma a cena destacada por Lacan em *Intervenção sobre a transferência* (Lacan, 1958/1998c) e que Freud coloca como a base somática para a fantasia de Dora:

> Ela lembrava muito bem de ter sido na infância uma 'chupadora de dedo' [...] A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena em sua tenra infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto ao seu lado. (Freud, 1905/1989, pp. 54-55)

Lacan dá à essa cena o lugar de "matriz imaginária" (1958/1998c, p. 220) dos sintomas futuros de Dora. É sobre esse acontecimento que a fantasia e a prevalência do gozo

oral de Dora se fixam. Segundo Souto (2013, para. 9) "[...] essa cena presentifica a via pela qual o gozo vem marcar o corpo de Dora, ou seja o acontecimento pelo qual, para ela, o gozo tem uma consistência e se fixa, um S1 sozinho, um traço que se repete e não se sustenta em sentido algum". É assim, que ao forjar a sua fantasia de sugar o pênis, Dora constrói uma significação do gozo, sustentada pela identificação e pelo amor ao pai, dando sentido para aquele traço sem sentido, marcado na primeira infância.

O que se observa, entretanto, é que o sintoma como acontecimento de corpo está lá, antes que o pai ou o Nome-do-pai lhe dê sentido. Há algo do sintoma que sempre ficará fora da operação paterna. É isso que a histeria rígida ensina, é nisso que ela é instrutiva: uma forma da histeria que se sustenta no Um sem o apoio do pai, como instrumento por meio do qual o gozo poderia ser resolvido pelo sentido.

Conforme se viu, a histeria rígida apresenta-se sem o elemento que lhe dá significação, parceiro interpretante do seu sintoma. Nesse registro, o sintoma histérico parece sustentar-se numa vertente libidinal, traduzido em sua materialidade pela fixação no S1, ou pelo traço que fixa o gozo no corpo, como explicou Miller. Souto enfatiza a cena infantil de Dora com o irmão, na qual há um "[...] traço que asseguraria a conservação de um sintoma mesmo que ele tenha perdido seu significado" (Souto, 2013, para. 12). Se "[...] o material, no fundo, é o sintoma como tal separado do sentido" como explica Laurent (2013), na histeria rígida o sintoma se sustenta no Um-sozinho, do significante em sua materialidade de substância gozante. (Miller, 2011). A iteração do Um, que não se liga a nada, marca sua presença na Dora de Cixous, pelo gozo oral. Sobre isso Rosa conclui que

> se se considera a histeria em sua rigidez, em sua materialidade, toda a sintomatização e fantasmatização que sustentaram Dora estaria ancorada nesse ponto, o qual arrimaria o sujeito e faria a amarração dos três registros. Esse traço geraria uma repetição do real do gozo e não portaria nem demandaria sentido algum". (Rosa, 2019, p.127-128).

A cena infantil é o que amarraria e manteria juntos o real, o simbólico e o imaginário. É a cena onde pode-se localizar "[...] a matriz da sua posição de gozo oral" (p.127), é o que faria as vezes do quarto elemento, ausente no nó da histeria rígida. Pode-se pensar, então, que o corpo, como acontecimento e sintoma, é o que sustenta o nó sem o Nome-do-pai, o nó rígido da histeria.

.2.1.2 O falo: da significação à falácia

Laurent discute o significado da palavra ‘falácia’ indicando que esta se destaca do título por ser tão antiga quanto a palavra *sinthoma* e por ser pouco utilizada na língua moderna. Segundo ele, falácia, no feminino, corresponde para Lacan “[...] ao novo lugar que ele dá ao falo, o falo é o semblante que dá testemunho do real” (Laurent, 2013, p. 13). Este lugar é diferente daquele indicado em *A significação do falo* (1958/1998d) em que ele era testemunha da significação, já que se relacionava aos efeitos da significação. Em 1975, como destaca Rosa, o falo tem “[...] estatuto de um argumento logicamente inconsistente que verifica o real” (Rosa, 2019, p.121), já que falácia se refere a um raciocínio errado com aparência de verdadeiro. Assim, o falo como testemunha, ou como “[...] aquele que atesta a verdade de um fato” (p. 121), pode atestar a verdade da significação (- φ) ou do real (Φ). Segundo Laurent, é a partir desse novo lugar dado ao falo que a histeria pôde ser revista por Lacan.

A histeria está nas origens da psicanálise, época organizada em torno dos ideais, momento em que o Édipo foi o elemento organizador da neurose circunscrita em torno da constatação de uma ausência, a separação entre a menina e sua mãe e o aparecimento do amor ao pai como promessa de restaurar o estado anterior das coisas. Assim, a menina recorre ao pai como aquele que portando o falo/sentido pode lhe dar o substituto daquilo que lhe aparece como ausente.

No texto *A significação do Falo* (Lacan, 1958/1998d) este é apresentado como o estruturador do campo sexual e do campo do desejo. Em 1958, como observa Bonfim (2014), a significação para Lacan é produzida pela metáfora e pela metonímia, já que uma significação remete sempre à outra, como um acréscimo no caso da metáfora e uma diminuição no caso da metonímia. A significação fálica é resultado da metáfora paterna que faz instalar a função do falo como significante especial a partir do qual o sujeito constrói e atribui significado ou sentido aos significantes que o marcam, pois o “[...] significável é aquilo que pode se tornar significado por ação do significante” (Lacan, 1958/1998d, p. 695). É por meio do falo que outros significantes podem ganhar significação.

A função fálica, relacionada ao simbólico, indica uma renúncia ao gozo, cuja marca vem da castração, pois “[...] o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (Lacan, 1958/1998d, p.692). Rabinovich (2005) discute essa assertiva e assinala a dimensão do falo como um significante privilegiado que liga sexualidade e linguagem, deixando uma marca no corpo. O falo vem suprir a perda que o homem tem de tudo aquilo que poderia ter de “natural, biológico, instintivo” na sexualidade, ao ser introduzido no mundo da linguagem “suprirá enquanto marca e, ao mesmo tempo,

como cópula, como o que faz laço entre os sexos" (2005, p. 41). Nesta via, relacionada à castração, o falo atesta a verdade da significação.

Se o significante nomeia a coisa ausente, o falo tem dupla função: aparecer e desaparecer, mostrar e esconder a falta. É por estar velado – nem ausente nem totalmente revelado – que desempenha essa função e pode articular-se ao desejo, (Bonfim, 2014), regulando a novela edípica. Como resultado, temos o amor ao pai e o sentido sintetizado no falo, como categorias referenciais para a histeria. Em todos os casos de histeria apresentados por Freud encontramos o amor ao pai como elemento central.

Souto (2013) esclarece que mesmo sem o recurso para resolver o gozo pelo sentido, demonstrado pela histeria rígida, a histérica não deixaria de portar, em seu corpo, a marca da castração, ou seja, o falo. Este não aparece em sua vertente de significação, como resultado da metáfora paterna, mas como significante do gozo. Neste contexto, como demonstra Miller, a função do significante passaria a ser de aparelhar o gozo, dar-lhe substância e materialidade. Por isso "[...] o sintoma histérico hoje se sustentaria muito mais da materialidade do significante que em sua produção de sentido" (Souto, 2013, para. 4).

O que se vê a partir da Dora de Cixous, aquela que não necessita de sustentar o pai por meio de seu sintoma, criando um sentido para ele, é que ela se sustenta no significante que é marca de gozo. O falo, que aqui está fora da metáfora paterna, isto é, separado de toda significação edípica, aparece como significante do gozo do Um, como semblante que testemunha o real, como Φ e não como – φ. O falo é o que permanece no corpo como resíduo condensador de um gozo incurável, sustentação do gozo do Um.

> Sendo assim, o falo fora da metáfora paterna, é a presença real de um gozo e ao mesmo tempo marca da castração que não está referida à falta paterna e sim ao furo da inexistência da relação sexual. Trata-se 'do real marcado pela falácia'. É desde esse lugar que o falo pode aparecer como passível de verificar que o furo da inexistência da relação sexual é real. (Souto, 2013, para. 16).

Nesta via, o falo atesta a verdade do real. Como ressalta Miller (2004b), a não relação sexual é o acontecimento lacaniano no sentido do trauma, aquele que deixa traumas em cada um. Ele deixa um traço em cada um, não como sujeito, mas como falante. Deixa traços no corpo, que são os sintomas e as afecções. A partir disso, há uma materialidade do significante que se apresenta sempre o mesmo. Se o falo se presta a ser o semblante para lidar com a não existência da relação sexual ele também é a constatação de que a não relação tem efeitos de real.

Esse aparelhamento do gozo que não passa pelo sentido parece ser a marca do nosso tempo não só na clínica da histeria. O modelo edipiano não deixa de ser uma referência: ele é abalado, deixa de ser a única referência, a universal. A partir disso, o inconsciente também se afeta e a forma de apresentação sintomática adquire novas roupagens conforme foi possível apreender na análise da histeria rígida.

Em princípio, considera-se que a questão colocada por Schejtman anteriormente, de considerar a histeria rígida como uma neurose ordinária, pode ser pertinente por ela não se dirigir ao Outro e, por isso, apresentar-se completa. Mais que uma conclusão, fica um questionamento: na histeria rígida há um desencadeamento? Para tentar esclarecer um pouco mais sobre isso, a questão do desencadeamento na neurose será tratada no próximo capítulo.

4 SOBRE O DESENCADEAMENTO NAS NEUROSES

Foi possível acompanhar ao longo do capítulo anterior como nas neuroses ordinárias e na histeria rígida a função do *sinthoma*, como o que garante a estabilidade do nó, traz importantes questões sobre o desencadeamento. Nas neuroses ordinárias a resistência ao desencadeamento é mais explícita pela presença de várias reparações, enquanto na histeria rígida, embora topologicamente não se evidencie a presença de nenhuma reparação, há indícios de que a rigidez de sua cadeia proceda de alguma reparação implícita sustentada na fixação do gozo, o que se pode tomar, também, como uma resistência ao desencadeamento.

Como foi mostrado no capítulo 1, mesmo a angústia, que em última análise é a maior expressão de sofrimento, pode ser ou funcionar como *sinthoma*. Assim, longe de se constituir apenas como sofrimento, o desencadeamento requer um abalo na posição do sujeito e de seu gozo. Nessa direção, a seguir será discutido o desencadeamento no campo das neuroses.

4.1 A pertinência do desencadeamento no campo da neurose

As *Conversações* clínicas que motivaram a criação do sintagma "psicose ordinária" (Miller, 2012b) tiveram como eixo a constatação de que existem psicoses que não se apresentam de forma extraordinária, com delírios e alucinações, marca da foraclusão do Nome-do-Pai, conforme já mencionado. Dessa forma, a questão do desencadeamento da psicose é central nessa discussão. Há, de fato, psicoses que não desencadeiam, há psicóticos que não alucinam e não deliram. Para estes, os critérios diagnósticos devem ser orientados pelas categorias das externalidades social, corporal e subjetiva. Segundo Miller (2012a), por externalidade social deve-se entender qual é a identificação do sujeito com a função social. Às vezes, ele é incapaz de assumir essa função que aparece, muitas vezes, por uma desconexão, ou ele é excessivamente identificado com a sua posição social. Na externalidade corporal, trata-se do corpo como Outro para o sujeito. Na psicose ordinária, o sujeito "[...] é levado a inventar para si laços artificiais para apropriar-se de seu corpo [...] ele tem necessidade de um grampo para se sustentar com seu corpo" (Miller, 2012a, p.17). A externalidade subjetiva diz respeito à experiência de vazio e do vago "de natureza não dialética" (p. 17), e da identificação ao objeto a como dejeto. A clínica das psicoses ordinárias é "dos signos discretos" por não haver desencadeamento franco.

A partir do nascimento do campo do ordinário para as psicoses o que se pode propor em relação às neuroses já que, para estas, a ideia de desencadeamento parece um falso

problema, dada a aproximação entre neurose e normalidade? Muitos poderão opinar que, com o advento da psicanálise, a normalidade não existe, pois a anormalidade foi relativizada. De fato, é uma verdade. Miller (2012a) nos lembra, entretanto, que Lacan, em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958/1998a), faz derivar a estrutura da psicose a partir da estrutura da neurose, ou seja, a neurose é o comum, o normal, e a psicose é uma variação desta.

> Há uma conexão entre neurose e normalidade: o complexo de Édipo. Em Lacan - e também em Freud - o complexo de Édipo, traduzido por Lacan como metáfora paterna, é o fundamento tanto da realidade quanto da neurose. É possível dizer que a neurose é a normalidade. Uma pessoa supostamente normal é um neurótico que não sofre de sua neurose ou não sofre muito de sua neurose, ou ainda, que não trata sua neurose pela análise, que trata sua neurose vivendo-a. (Miller, 2012a, p. 7).

Seguindo essa indicação milleriana, a ideia de desencadeamento parece não ser pertinente ao campo da neurose. Nessa direção, Christian Dunker em *O cálculo neurótico do gozo* (2002) faz uma importante discussão sobre o tema do desencadeamento no capítulo intitulado *Desencadeamento na neurose: um falso problema?* no qual discute a diferença desse tema para Freud e Lacan. Segundo ele, há uma tese lacaniana de que "a neurose é uma estrutura do falasser" (2002, p.111), que cria a necessidade de reinterpretar algumas ideias de Freud contrárias a isso. Acrescente-se à tese lacaniana que a histeria, como modelo de todas as neuroses, nos anos 70 foi elevada à categoria de discurso por Lacan. Essas noções não corroborariam a observação de Miller, de uma proximidade entre neurose e normalidade na teorização lacaniana?

Por outro lado, a clínica psicanalítica, desde Freud, revela momentos em que o neurótico é levado a tratar sua neurose quando a montagem da sua fantasia não é suficiente para enfrentar a realidade. É digno de nota relembrar Freud (1924/1976c) quando postula que a perda da realidade é um problema para psicóticos e neuróticos, pois ambos têm que lidar com a frustração imposta por ela e "[...] tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*." (Freud, 1924/1976c p. 234, destaques nossos). Se é assim, pode-se inferir que estes dois aspectos destacados por Freud envolveriam tanto os modos de rompimento com a realidade ou desencadeamento, quanto as soluções encontradas para esse rompimento. Além das referências freudianas, que destacam a realidade do desencadeamento neurótico, no último ensino de Lacan, com a introdução dos nós borromeanos, a neurose se distancia da norma para se constituir como uma das possíveis respostas ao universal da inexistência da relação

sexual. Assim, a ideia do desencadeamento neurótico não parece mais como um tema apartado deste campo.

Dunker (2002) salienta que Lacan, embora tenha se dedicado à questão do desencadeamento nas psicoses, não se interessou por este tema no campo da neurose. Ele sublinha que neurose e a psicose, como estruturas, já estão postas antes de um momento considerado como desencadeante. Pare ele, a discussão importante é qual o valor a ser dado a tal evento desencadeante pela leitura estruturalista.

> Em outras palavras, se há estrutura neurótica, há sintoma, ou estão dadas as condições para a sua produção. Longe de pensar, portanto, em oposição em termos de ausência ou presença de sintomas, indagamos sobre a consistência ou inconsistência dos mesmos. Uma neurose desencadeada corresponderia nesta medida a uma neurose onde os sintomas fazem inconsistência. O que levanta o problema acerca de quais circunstâncias tornam um sintoma insuportável e em que termos este deixa de ser um artefato subjetivo para a contenção de gozo." (Dunker, 2002, p.113).

Para Freud, o acontecimento desencadeante não se trata apenas de modificações do cotidiano ou da vida amorosa do sujeito, é algo da ordem do encontro. Freud o associou a uma falta na histeria ou a um excesso na neurose obsessiva. Nos dizeres de Lacan, é um encontro, acontecimento e *tiquê*, "[...] compreensível a partir de sua articulação significante e de suas vicissitudes no plano do gozo" (Dunker, 2002, p.113). Segundo Dunker, muitos autores tematizaram esse encontro como o momento do pedido de uma análise. Dentre eles, cita Eric Laurent, que nomeia esse momento como o "[...] equivalente ao reconhecimento de uma certa consistência inefável do gozo, que se oporia ao gozo calculável" e Leguil, como uma "[...] espécie de abalo no fantasma ou de separação entre sintoma e fantasma como algo que aparece no início e no fim de uma análise." (Dunker, 2002, p. 113). Ele ainda destaca que outros autores se referem a esse momento como "encontro com o real", "vacilo do sintoma" ou ainda, "crise de gozo". Tais expressões e a insistência dessa ideia entre os lacanianos contemporâneos, segundo Dunker, indicam a relevância clínica do problema do desencadeamento na neurose. Soma-se a isso o fato de muitos analisantes dedicarem parte do tempo, no início de suas análises, ao que consideram a causa de seu sofrimento.

Segundo Leibson em *Desencadenamientos e locuras en las neurosis* (2012), a prática ensina que o desencadeamento das neuroses é um fato clínico, desde os casos de Freud. Para este, trata-se mais de algo estruturado como uma pergunta que tem consequências, do que de um acontecimento observável. Tal pergunta ajuda a apontar sob quais circunstâncias aparece na vida de um sujeito algo novo que traz a marca do insuportável.

> Freud supõe que o surgimento de um sintoma, uma inibição ou um episódio de angústia, já são uma resposta, a tentativa de solução de um problema que se coloca ao sujeito a partir do qual ele se confronta

> com algo inevitável e, ao mesmo tempo, insuportável. Ou seja, o sintoma não é algo causado pela disfunção de um setor de seu aparelho psíquico nem por um agente externo, mas sim pela maneira em que se forma um conflito que o sujeito foi envolvido, embora não tenha a menor idéia disso" (Leibson, 2012, p.270, tradução nossa).

Assim, não é algo do corpo que não funciona bem, nem basta um acontecimento do mundo externo para fazer eclodir uma neurose. O autor sublinha a existência de uma lógica que articula o contexto do desencadeamento de uma neurose com a estrutura de quem sofre. Cabe ao analista fazer esta leitura, pois o desencadeamento revela algo da ordem da inconsistência, algo que desfaz a limitação do gozo e convoca o sujeito a interrogar a sua posição.

Nesta mesma direção, o autor destaca que há em francês, dois termos usados por Lacan para se referir ao desencadeamento: o primeiro é *déchainement*, literalmente, desencadeamento, dado que *chaine* é cadeia; o segundo é *déclenchement*, que em espanhol, tem a acepção de "por em movimento". Em português o sentido é "lançamento". Segundo Leibson, o último sentido faz desvanecer o valor patológico do desencadeamento já que o coloca como aquilo que ativa questões para o sujeito. É o ponto a partir do qual o sujeito coloca-se em movimento na busca de responder ao seu desejo.

Aqui, a ideia de temporalidade - sincronia e diacronia - se faz importante. Para Leibson (2012, p. 270), é preciso tomar a diacronia para além de uma sucessão de acontecimentos fechados, isto é, como a razão que dirige essa sucessão: importam tanto os momentos de continuidade, como os de descontinuidade pela intrusão de algo que parece vir de "Outro lugar". É neste sentido que é preciso destacar o valor semântico de desencadeamento como 'lançamento'. Ser lançado é mais que colocar-se em movimento, pois denota algo da ordem da intrusão. Quando Lacan chama os neuróticos de sujeitos inabaláveis, ele ressalta que não há nada que os alcance, que os abale. São os efeitos provocados pela descontinuidade que provocam o sujeito a se 'lançar'.

4.1.1 Desencadeamento em Freud

Nos *Estudos sobre a histeria*, conforme ressalta Dunker (2002), Freud traz um estudo da "epicrise" que envolvia cada um dos casos apresentados. Do mesmo modo a delimitação desse momento considerado como desencadeamento, reaparece no Homem dos Ratos como aquilo que o levou ao estado neurótico e no Homem dos lobos, Freud também se preocupa em

fazer o detalhamento das circunstâncias desencadeantes da neurose infantil, nomeada como neurose completa.

Assim, Freud procurou, desde os primeiros casos clínicos, estabelecer as circunstâncias e razões do adoecimento dos seus pacientes neuróticos. Mesmo quando a tônica de seu trabalho não era a clínica, encontramos referências ao tema do desencadeamento neurótico, como essa passagem rápida e concisa de *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939/1975b, p. 99): "Trauma infantil – defesa – latência – desencadeamento da neurose – retorno parcial do recalcado: assim reza a fórmula que estabelecemos para o desenvolvimento da neurose."

Freud trata a neurose, em passagens de algumas obras (Freud, 1894/1994a; 1909/1974; 1918/1976d) como uma conjuntura psíquica que irrompe ao sujeito, algo que lhe acontece sob determinadas condições (Dunker, 2002, p.111) destacando, muitas vezes, que o indivíduo não é neurótico, mas torna-se neurótico. Temos aí, a ideia de que a partir de um ponto a neurose se 'manifesta' e o indivíduo cai doente. Serão destacados três trabalhos de Freud nos quais ele estabelece as bases desse adoecimento.

No trabalho *As neuropsicoses de defesa* (1894/1994a), Freud estabelece uma teoria da defesa, que levaram-no a considerá-la como o núcleo do mecanismo psíquico das neuroses. Ao tratar da neurose obsessiva, em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896/1994b), Freud chama a fase de estabilidade localizada entre a neurose infantil e irrupção da neurose obsessiva propriamente dita, como "[...] período de aparente saúde, mas, na realidade, de defesa bem sucedida." (Freud, 1896/1994b, p.169). Neste período há um processo de defesa que faz acalmar o conflito. O sucesso do mecanismo defensivo deixa como saldo o que Freud chama "sintomas primários de defesa" que são modos de emudecer o desejo configurando-se com uma marca de rigidez e desconhecimento.

Pode haver, entretanto, um momento em que algo faça reavivar o conflito provocando o fracasso da defesa, colocando o sujeito na situação da neurose propriamente dita, com o retorno das lembranças recalcadas. O desencadeamento acontece pelos diversos modos em que o sujeito é interpelado e se vê obrigado a dar uma resposta à realidade.

Na *Conferência XXIII O caminho de formação dos sintomas* (1916/1976e), Freud sustenta que a neurose é resultado de duas séries complementares, compostas por quatro termos: a primeira se compõe pela 'constituição sexual hereditária' e uma 'vivência infantil'; a segunda série composta por uma 'predisposição para a fixação libidinal' e uma 'vivência traumática acidental no adulto'. O primeiro termo, constituição sexual hereditária, define-se como uma predisposição à neurose, que remontaria à história da espécie, inaugurada pelo

momento mítico e originário do processo civilizatório (Dunker, 2002, p.114). Esta pré-condição seria reativada, retrospectivamente, pelo segundo termo "a vivência infantil", que se constitui por experiências organizadas em torno do tema da castração e ligadas ao complexo de Édipo. Aqui entra o terceiro termo, a fixação libidinal, que funciona como efeito da conjunção das duas causas anteriores e como causa auxiliar na construção da neurose. Freud indica, aqui, o ponto de sustentação para a fantasia fundamental, elemento organizador das fantasias secundárias e dos sintomas. Nos primeiros três elementos encontram-se as condições para a etiologia da neurose infantil e, portanto, para a formação de sintomas. Freud ainda acrescenta um quarto elemento, a vivência traumática no adulto, como a causa desencadeante associada, geralmente, à retomada da escolha de objeto na vida adulta. Freud liga essa causa a um 'estado intermediário' entre a retirada da libido da fantasia e seu destino subsequente na formação dos sintomas. (Freud, 1916/1976e, p. 340). Para Freud pode haver ou não formação de sintomas, que dependem da capacidade de resolução de aspecto quantitativo, fazendo menção à proporção, fração ou montante de libido e seu respectivo destino. Segundo Dunker (2002, p. 116) "[...] pode-se dizer que a neurose se desencadeia quando o ciframento ou o cálculo do gozo, ou seja, sua colocação ou aparelhamento pelo discurso torna-se inconsistente. A causa precipitante surge, assim, como uma fração de gozo que não se calcula".

Em *Tipos de desencadeamento da neurose* (1912/1974a), Freud se interroga sobre as condições necessárias para a irrupção de uma neurose, e estabelece quatro possibilidades dessa causa precipitante. Na primeira delas, um fator externo provoca uma frustração pela indisponibilidade do objeto real no mundo externo, com consequente introversão da libido que segue o caminho da regressão até o ponto de fixação, reinvestindo a fantasia e provocando a fuga para a neurose. A segunda forma de desencadeamento relaciona-se às dificuldades em se adaptar e responder às novas exigências da realidade, isto é, de trocar um tipo de satisfação por outra. Aqui, também há uma frustração, mas relacionada ao mundo interno, relacionada às aspirações do eu, ou seja, aos ideais. Um dos exemplos apresentados por Freud é o caso do jovem que se satisfazia com a masturbação e que não consegue se aproximar do objeto de amor quando este se coloca como uma possibilidade real. O terceiro tipo diz respeito a uma inibição no desenvolvimento que Freud localiza na passagem da infância à vida adulta. Trata-se de uma redução da possibilidade, antes tida como ilimitada, de fruição e de realização. No quarto caso, o desencadeamento liga-se a uma variação quantitativa de libido, mas de sentido inverso, no caso, um aumento, frequentemente ligada à puberdade. Trata-se da "[...] relação entre a cota de libido em operação e a cota de libido com

que o ego individual é capaz de lidar – isto é, de manter sob tensão, sublimar ou empregar diretamente." (Freud, 1912/1974a, p. 297).

Freud ressalta que estas quatro formas de desencadeamento não se dão de forma pura, mas que frequentemente aparecem combinados, com o predomínio de uma sobre as outras. O que eles trazem em comum é o fator quantitativo da libido que será tanto mais patogênico, quanto mais aumentado. É digno de nota ressaltar que Freud não aponta diferença entre a quantidade de libido entre os sujeitos sãos e os neuróticos, que ambos lutam para lidar com essa libido, mas os sãos foram os que se saíram melhor nesta tarefa.

Freud sempre associa o fator quantitativo e o fator libidinal como muito relevantes no desencadeamento. A esses dois fatores deve-se somar uma vivência traumática e acidental na vida adulta, de nenhum modo previsível. Estas são as bases sobre as quais Freud sustenta sua teoria do desencadeamento da neurose.

4.1.2 Duas leituras do desencadeamento em Lacan

No ensino de Lacan existem várias referências sobre o desencadeamento, especialmente, aquelas relacionadas ao *Seminário livro 3: as psicoses* (1955-1956/1988) e ao *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958/1998a), base do seu primeiro ensino. O tema do desencadeamento, entretanto, permanece no seu segundo e no seu último com as formalizações da topologia do nó borromeano a partir do *Seminário livro 21: os não tolos erram.* (Lacan, 1973-1974/inédito).

Nas primeiras referências, a leitura do desencadeamento é feita pelo modelo do desencadeamento na psicose. Segundo Guerra (2010, p. 38), nesses anos do ensino lacaniano, o desencadeamento já pode ser considerado um conceito e suas condições se sustentam na teoria estruturalista e no registro da fala e da linguagem. São três as condições para o desencadeamento psicótico: uma condição estrutural, que é a foraclusão do Nome-do-pai; a quebra das identificações imaginárias e uma condição específica, que é o encontro com Um-pai. Assim, o desencadeamento se dá pela associação dessas condições: a contingência dos fatos da vida do sujeito encontra a falha subjetiva da foraclusão que, somado ao desarranjo identificatório, caracterizam a conjuntura dramática que Lacan localiza no momento do desencadeamento. (Guerra, 2010, p.40)

Por sua vez, o desencadeamento na clínica borromeana é estabelecido pelo desatamento dos nós. Conforme esclarece Schejtman (2013), no começo da teorização dos nós, entre os anos de 1971 a 1973, Lacan estabelece que o desencadeamento se daria pelo

corte ou ruptura de um dos elos e a consequente soltura dos outros dois e, posteriormente , entre os anos de 1974 a 1976, o desencadeamento seria ocasionado pelo aparecimento de lapsos no nó. Para Schejtman (2015, p.166) o desencadeamento na clínica borromana pode ocorrer de duas formas: pela cessação da função do *sinthoma* que deixa de funcionar ou pelo aparecimento de um novo lapso na estrutura nodal. Ambas exigem nova reparação, isto é, uma nova estruturação do *sinthoma*.

No *Seminário livro 3:as psicoses* (1955-1956/1988) Lacan estabelece que, para a psicanálise, não há psicogênese, ou seja, não há uma continuidade a partir da qual é possível compreender o curso do psíquico, como queria Jaspers (Lacan, 1955-1956/1988, p. 16)**.** Para a psicose, com Lacan, há uma ruptura que indica que o sujeito não coincide com a unidade imaginária do eu. Seguindo essa lógica, o desencadeamento é colocado em termos de uma "encruzilhada dramática" (Lacan, 1958/1998a, p. 552), momento em que o sujeito que vinha sustentado por uma série de mecanismos imaginários enfrenta uma pergunta para a qual não há resposta, por não dispor no simbólico do significante do Nome-do-Pai. Assim, cai em perplexidade, e a resposta foracluída do simbólico retorna no real como fenômeno alucinatório. Essas circunstâncias não são previsíveis. Resta saber se esta lógica do desencadeamento em relação a uma pergunta que o sujeito não pode abordar vale também para a neurose.

Para Leibson (2012, p. 272, tradução nossa), devemos seguir Lacan e postular que para as neuroses, também, não há psicogênese, "[...] o que há é desencadeamento, ou seja, irrupção, corte, tropeço, desconcerto". O que vinha fixo, organizado, dá mostras de vacilação. Em seu lugar vem algo incômodo sob um traço de prazer, que é ignorado pelo sujeito: "essa ignorância é decisiva no momento de formular uma pergunta. Porque é aí onde "[...] a 'saúde aparente' se revela ser na verdade bastante insalubre, e o sintoma surge como uma tentativa de cura" (p. 272, tradução nossa). Mesmo contando com a função do Nome-do-Pai, o sujeito neurótico, no contexto do desencadeamento, descobre-se impedido de responder ao gozo a partir do que sabe.

Nos anos 70, a partir das formulações dos nós borromeanos, Lacan vai operá-los como a resposta a não existência da relação sexual, isto é, ao fato de que a estrutura em sua origem é falha, necessita de uma reparação, de uma resposta. Tal resposta é tratada em termos de encadeamento (enodamento) e de desencadeamento.

Seguindo com Leibson, encontramos que "[...] toda estrutura é um efeito de um enodamento que supre uma impossibilidade de encontro. O impossível da relação sexual que não há é o que sustenta e, por sua vez, enlaça o nó" (Leibson, 2012, p. 273, tradução nossa). É

próprio da estrutura do ser falante a ocorrência de lapsos, de erros do enodamento. O desencadeamento, então, segue a mesma lógica do encadeamento e passa a não ser algo estranho à estrutura, um acontecimento anômalo. Segundo o autor, o nó permite a retomada da temporalidade, por meio da qual se revelam na pergunta do sujeito novos relevos e modulações, já que mostra a resposta que estava ali, na própria pergunta, mas que nunca havia se apresentado, não fossem os movimentos desencadeados pela pergunta. O desencadeamento nesse momento do ensino de Lacan é ocasionado pela soltura dos registros provocada pelo corte de um deles.

Leibson retoma o desencadeamento como uma experiência de loucura a partir de Lacan: "Uma exigência de ordem simbólica, por não poder ser integrada no que já foi posto em jogo no movimento dialético sobre o qual viveu o sujeito, acarreta uma desagregação em cadeia, uma subtração da trama na tapeçaria, que se chama delirio" (Lacan, 1955-1956/1988, p. 105). A loucura é a perda do enodamento, da trama que implica a dissolução do sujeito, com a perda do sentido e do corpo. O autor frisa que há certas formas de enlouquecimento que não são exclusivas da psicose, podendo ser encontradas nos neuróticos.

Para tratar esse tema, ele recupera um dos sentidos etimológicos da loucura, que a relaciona a *locus*, sugerindo que o louco é aquele que está deslocado em relação aos outros de sua comunidade e, especialmente, deslocado de si mesmo. Leibson retoma os dois modos pelos quais Lacan fala de loucura. O primeiro está relacionado aos desenvolvimentos de Hegel, a loucura como algo 'essencial do homem', que está referenciada à estrutura do eu que é suportada por um desconhecimento de sua falta constitutiva. Assim, a loucura seria a crença no eu, na unidade do eu: "Então, a loucura envolve o desconhecimento do eu e de sua estrutura dependente do Outro e do outro é essencialmente cindida." (Leibson, 2012, p. 280). Crer no eu como completo, sem fissuras, é efeito do desconhecimento de que esta estrutura está sustentada por uma identificação ao outro semelhante e ao efeito da estrutura da linguagem, o que gera uma falta a ser originária, uma clivagem entre o simbólico e o real que faz a estrutura do ser falante ser cindida. Desconhecer essa divisão é o que Lacan chama 'a loucura essencial do homem'.

O segundo modo de referir-se à loucura surge a partir das operações com o nó borromeano. Ali, a loucura aparece como o efeito do rompimento de um dos registros ou elos do nó e o consequente desenlaçamento. A loucura não é somente a dissolução do imaginário, mas do próprio nó, seja pela inoperância do *sinthoma* ou pela necessidade de uma nova reparação, como explica Schejtman (2013, p.199, tradução nossa)

> A clínica – e a vida em geral – ensina cotidianamente que com efeito, o ser falante chega a estes momentos críticos por estas duas vías: ou as soluções a que recorriam deixam de funcionar, caducam, ou se apresentam novos problemas que obrigam a novas invenções.

Leibson sugere que a loucura, como efeito do rompimento do enodamento, é coincidente com o momento do desencadeamento, com a irrupção do diferente, seja na neurose ou na psicose. Ele pondera, entretanto, que loucura e desencadeamento não se recobrem totalmente, pois não são idênticos. Há loucuras que não tomam a forma de desencadeamento, pois também podem se apresentar como uma forma de rigidez subjetiva. "A loucura sempre vinculada ao desconhecimento da falta no Outro mediante certa idealização [...] se articula também com certos modos de encadeamentos caracterizados pela rigidez e estreiteza de movimentos subjetivos" (2012, p.281, tradução nossa). Assim, pode-se tomar a rigidez e a ruptura como duas modalidades clínicas de loucura. Para o autor, embora não haja relação de verso e anverso ou de simetria entre elas, a ruptura pode mostrar o que estava cristalizado como rigidez, e suportava a tensão de uma pergunta ou de um conflito.

4.1.2.1 Dora e o Homem dos ratos revisitados

No *Seminário 3* (1955-1956/1988), Lacan diz que a neurose tem estrutura de pergunta. Assim, se retomamos Freud, percebemos que cada caso clínico consiste em, de um lado, localizar esta pergunta: qual a história da sua constituição, como ela se liga com a neurose infantil, etc, e de outro, localizar as respostas que possam estar incluídas nessa pergunta.

Em *Fragmento de uma análise de um caso de histeria* (Freud, 1901-1905/1989), o caso Dora, vemos que, inicialmente, Dora era apenas uma histérica que tinha sintomas, mas que não foram suficientes para que ela procurasse tratamento. Essa fase inicial de seus sintomas foi o momento da histeria estabilizada, nos dizeres de Freud, da "saúde aparente": algo funcionava como uma sustentação de modo que Dora se mantivesse compensada.

Em Dora, o problema e a pergunta para Freud, é como enfrentar o amor e a sexualidade a partir dos acontecimentos com o Sr. K. Enquanto para Lacan, toda essa trama pode ser colocada sob a questão: "o que é uma mulher"? ou "[…] como Dora podía localizar-se em relação a esse mistério insondável da posição feminina que leva àquele gozo do qual nada se pode dizer?" (Leibson, 2012, p. 284, tradução nossa).

Lacan (1955-1956/1988) frisa que o quarteto formado por Dora, seu pai, a Sra e o Sr. K fez a função de estabilização. Diante das dificuldades de Dora em lidar com o reconhecimento de sua feminilidade, a identificação viril constituiu-se como uma solução

para o sujeito. Segundo Schejtman (2013, p.196), as coordenadas da posição compensada da jovem histérica são: a identificação imaginária ao Sr. K, que dá consistência ao seu eu, e o lugar da versão impotente do pai - a *père version* do fantasma - que lhe dá abordagem à outra mulher, de onde se constrói o sintoma da tosse, que contribui para a sua estabilidade. O objeto de interesse de Dora era a Sra K, amante de seu pai. A afonia de Dora acontece quando o Sr. K não está e ela fica sozinha na presença da sra. K, diante do enigma da feminilidade. Para Dora, a forma de abordar a feminilidade, em função da impotência do pai, é a oralidade traduzida pela felação e expressa no sintoma da tosse e da afonia.

A cena do lago, em que o Sr. K diz à Dora que sua mulher não era nada para ele, marca a ruptura formada pelo quarteto e é apontada, por Lacan, como o momento do desencadeamento da neurose. A fala do Sr, K coloca para Dora a questão: "Então, o que você é para mim?". É digno de nota relembrar que o Sr. K havia beijado Dora em sua loja, quando ela tinha 14 anos, mas esse acontecimento em nada modificou a relação entre os quatro personagens. Isso indica como a fala do Sr. K é fundamental, já que era a sua mediação que permitia a Dora sustentar uma relação suportável com a Sra K. A partir de sua fala, a solução apresentada pela identificação viril se desfaz e o desencadeamento acontece marcado pela bofetada recebida pelo Sr. K. A bofetada é o sinal de que o jogo chegou ao seu fim. Como resultado, temos a loucura, como indica Leibson, descrita por Lacan como "[…] uma pequena síndrome de perseguição tão-somente, aparece em Dora com relação ao seu pai" (Lacan, 1958/1998a, p. 109). Lacan acrescenta que Dora experimenta um fenômeno significativo, interpretativo, até alucinatório, mas que não chega a produzir um delirio e nem se configurar numa paranóia.

É na posição reivindicativa e 'louca' que Freud recebe Dora. Pela análise, ele possibilita que ela construa a sua participação naquilo que é a sua acusação ao pai e pode fazer uma retificação subjetiva para deixar o lugar do desconhecimento de seu gozo. É possível para Dora construir outra solução, organizar outro *sinthoma*. No caso Dora, de acordo com Schejtman (2013), a solução construída anteriormente - o *sinthoma* - deixa de funcionar, caduca, o nó vacila e sobrevém o desencadeamento na forma de loucura, uma posição persecutória em relação ao seu pai.

Em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/1974b), ou O Homem dos ratos, Freud localiza o desencadeamento a partir do seu mito individual. Tal mito revela que o sujeito estava em uma conjuntura de escolha de objeto que se estruturava sob os mesmos termos que a de seu pai, que pode ser traduzida como uma pergunta sobre a morte e a vida.

O primeiro episódio, ao qual Freud remonta o estabelecimento da neurose adulta do paciente, diz respeito à fala de um tio no velório de sua esposa. Ernest tinha remorso por não ter comparecido ao velório de seu pai, a ponto de se achar um criminoso. O tio exclama em tom queixoso que "outros maridos se permitem tudo, e eu vivi somente para esta mulher" (Freud apud, Schejtman, 20113, p. 204). O paciente supõe que o tio se referia ao seu pai. Sua fala coloca o sujeito confrontado com a dívida de amor do pai, pois mesmo não sendo infiel, o pai se casou com uma mulher rica e abandonou a sua amada pobre, casando-se por conveniência. Schejtman frisa que "[…] a falha do pai vista nesse ponto deixa lugar à resposta obsessiva: o sujeito se encarrega de dis-culpar o Outro carregando sobre suas costas o peso do remorso" (Schejtman, 2013, p.204, tradução nossa). Temos aqui que o sintoma é uma tentativa de tratar o que poderia ser um desencadeamento, pois por mais terrível que fosse o remorso, este exercia uma função *sinthomática* enlaçando a estrutura.

O segundo episódio se dá quando a sua mãe lhe comunica o plano de fazê-lo se casar com filha de um primo rico, logo que ele terminasse os estudos de direito. Assim, ele deveria se decidir se ficaria com a mulher que amava ou se casaria com a mulher rica, nos moldes do que seu pai fizera. Ernst adoece, pois é confrontado, uma vez mais, com a dívida de amor do pai e, novamente, encontra na doença o tratamento para essa situação. Neste caso de Freud, a inibição tem uma função encadeadora, estabilizante: em face do conflito entre a sua escolha amorosa e o efeito continuado da vontade do pai, sobrevem uma inibição que o impede de estudar ou trabalhar, mas que o faz escapar do enfrentamento de seu desejo.

O terceiro episódio, uma série de acontecimentos ocorridos na época em que fazia serviços militares, é o que provoca a ruptura dessa estabilidade e leva o paciente a procurar tratamento com Freud. O encontro com o "capitão cruel" marca o início de seu tormento, pela narrativa da tortura com os ratos, com um tom de sadismo. As identificações paternas se reavivam e trazem o fantasma atualizado nos personagens da trama: 'capitão cruel' - com o relato do suplício dos ratos - o tenente 'A' e o tenente 'B' – a quem não podia pagar a dívida relativa aos seus óculos. Aqui o sujeito se vê confrontado com outra dívida paterna: a dívida do jogo, já que seu pai fora um jogador e contraíra uma dívida que não pagou. Todo o fantasma se sustenta na ligação dos significantes *Ratten* (ratos) - *Raten* (prestações) - *Verheiraten* (casar) - *Spielraten* (rato de jogo, como o paciente define seu pai).

De acordo com Leibson, com o desencadeamento a inibição dá lugar à angústia, como em Dora, mas com outra apresentação clínica: aqui o desencadeamento toma forma de loucura com delírios obsessivos. Estes colocam o Homem dos ratos em uma série de movimentos que se anulam uns aos outros, com premissas falsamente verdadeiras que lançam

o sujeito à obediência louca e cega de um Pai (do seu pai, na figura do Capitão Cruel) a quem não pode contradizer. (Leibson, 2012, p.287-288).

Nos exemplos de Dora e do Homem dos Ratos, vimos que a neurose é descrita a partir de sintomas, inibições ou angústias que funcionam, ora para estruturar e manter a ordem das coisas, de forma que o sujeito possa viver com sua neurose, ora como sintomas insuportáveis que tomam a forma de loucura, impelindo o sujeito ao tratamento. Em razão disso, Leibson destaca que o desencadeamento e o encadeamento têm a estrutura de uma banda de Möebius, segundo as duas formas de loucura - da rigidez e da ruptura - citadas anteriormente, pois compartilham "[...] a característica de colocar algo e ao mesmo tempo desconhecê-lo, de colocá-lo em cena estrepitosamente e ao mesmo tempo de forma velada" (2012, p.285).

4.1.3 O Sinthoma, o sintoma e suas relações com o desencadeamento.

A introdução dos nós borromeanos aproxima neurose e psicose, pois aquela já não está ligada à ideia de normalidade referenciada ao Édipo e em ambas há a formação do *sinthoma* como resposta aos erros do enodamento. Desse modo, na clínica borromeana a noção de desencadeamento para a neurose é, não só pertinente, como importante para esclarecer alguns modos de sofrimentos neuróticos na atualidade.

Schejtman argumenta que o *sinthoma*, definido por Lacan como a reparação do erro do enodamento, não pode ser reduzido ao resultado do final de uma análise e nem deve ser confundido com a vertente real do sintoma. Nessa direção, do mesmo modo que Leibson mostrou a relação entre encadeamento e desencadeamento como uma banda de Möebius, Schejtman (2013) faz a apresentação de três casos, Marina, Julia e Mariano, nos quais analisa a função da anorexia em cada um deles: como função de sintoma, que indica um momento de desencadeamento ou como *sinthoma*, isto é, como modo de manter o enodamento, pois repara os erros do nó. Será apresentado um breve apontamento dos casos apenas para indicar como o autor localiza essas funções.

No primeiro caso, trata-se de uma jovem psicótica que aos 17 anos passa a consumir apenas líquidos. Para ela, a anorexia faz a função de *sinthoma*, pois é um modo de proteger-se de sensações físicas provenientes da menarca e da ideia delirante de que sua mãe quer 'solidificá-la':

> A restrição alimentar, finalmente, a redução de sua dieta a puro líquido tem uma função precisa na estrutura: forma parte de uma solução, de modo que neste caso se mantém estabilizada uma estrutura psicótica, especificamente, um modo de tratamento daquele raro fenômeno corporal. Isto é, tem função de *sinthoma*. (Schejtman, 2013, p. 286, tradução nossa).

Por se tratar-se de uma psicose e pelo fato de a anorexia fazer a função de enodamento, de um *sinthoma*, o autor destaca que foi preciso tomar muito cuidado para não privá-la desta solução, que poderia provocar uma passagem ao ato. Segundo ele, seria preciso construir a invenção de alguma suplência que esse *sinthoma* fazia na estrutura. A solução veio por acaso. A paciente diz que quando lhe vinha a ideia de que sua mãe colocava sólidos nos seus líquidos, era necessário tomar longos banhos de imersão para prevenir a sua solidificação. Assim, o psicanalista lhe pergunta se nunca pensou em comer sólidos enquanto se banhava, o que a paciente considera uma boa ideia. Ela pôde com isso alimentar-se bem, apesar da bizarra solução que era alimentar-se dentro de uma banheira. Essa saída pôde conduzi-la para a estabilização de seu peso e, posteriormente, construir uma metáfora delirante, em que era filha de Poseidon. No caso Marina, fica claro a anorexia como um *sinthoma*, e como tal, como o que a estabilizava, poderia levá-la à morte. Desse modo pode-se concluir que o *sinthoma* nem sempre evita o sofrimento ou coloca o sujeito a salvo.

No segundo caso, trata-se de uma adolescente neurótica de 16 anos, para quem a anorexia é a marca do desencadeamento de sua histeria. Apesar de ter sido uma ‘gordinha feliz’ na infância, na adolescência Júlia passa a se considerar muito gorda e se incomoda com a sua imagem no espelho. Emagrece excessivamente ao estabelecer dietas muito rigorosas. Esse momento coincide com a proposta de ter relações sexuais com o namorado. Essa situação provoca muita angústia de modo que ela só consegue manter relações com ele praticamente vestida, pois não suportava tirar a roupa diante dele. Para Schejtman, “[...] é evidente que algo desencadeou, isto é, a anorexia aqui é sinal de que um problema foi iniciado. Não é a anorexia-*sinthoma* que encadeia, é a anorexia sintoma que desencadeia.” (Schejtman, 2013, p.291, tradução nossa). O autor destaca que, nesse caso, a função da anorexia é diferente da anterior, não porque tratar-se de um caso de histeria e no primeiro caso, de uma psicose. Aqui a anorexia funciona como sintoma, indicando que algo deixou de funcionar bem, ela já não é mais a ‘gordinha feliz’. A anorexia é solidária ao surgimento de uma angústia.

No terceiro caso, trata-se de um adolescente de 14 anos para quem Schejtman supõe uma psicose ordinária. Na primeira consulta o garoto disse que veio por ter perdido a alegria de viver, pois lhe preocupa a possibilidade de engordar e não poder aproveitar dos alimentos e

guloseimas que tanto gosta. Mariano dizia que, antes, era bastante feliz e praticava esportes, no que se destacava e era respeitado. Os seus amigos o apelidaram de gordo e isso não o incomodava. Sua mãe cozinhava coisas gostosas para ele que tinha uma vontade irresistível de comer a toda hora. Seus pais eram separados desde os seus 6 anos e, aos poucos, o pai foi se distanciando dele. Na última vez que o viu, o pai fora visitá-lo no hospital, já que ele havia passado por uma cirurgia. O pai levou para Mariano uma torta e lhe disse que era do primeiro aniversário de seu irmãozinho. Desde então, Mariano não quis mais ver o pai. A partir desse acontecimento, passou a se impor restrições alimentares, conta de seu esforço para manter-se magro e relata a angústia diante da possibilidade de engordar ou de alguém o chamar de gordo. Parou com a prática de esportes, isolou-se, embora saísse algumas poucas vezes a correr, desenfreadamente, pelas ruas até que sangrassem os seus pés.

Vai regularmente à nutricionista acompanhado da mãe e relata uma grande angústia no momento de se pesar. Chega a ver a mãe e a nutricionista como um par de víboras que querem colocar gordura em sua comida. Sente muita raiva por estar em casa cozinhando para ele mesmo, enquanto deveria estar aproveitando a vida.

Na análise, fala de seu imenso desejo de ter uma namorada, mas sente-se inseguro de aproximar-se das garotas. Ressalta a importância de se manter magro e lembra-se de observar que nenhuma mulher bonita passeia com homem gordinho, a menos que ele tenha dinheiro. Daí constrói uma frase pela modificação de um ditado popular: “homem gordo não goza mulher bonita”. É um momento em que se questiona sobre muitas coisas e interrompe as sessões. Mais tarde retorna contando que a restrição alimentar terminou e que recuperou seu peso, está feliz em poder aproveitar a vida, pois tem tido muitas namoradas. Tem comido de maneira desordenada e vomita para regular o peso, embora diga que não está preocupado com isso.

Num primeiro tempo, anterior ao desencadeamento, Schejtman, propõe uma estrutura enodada e estabilizada pelo nome “Mariano, o gordo”. O segundo tempo é o do encontro com Um pai (Lacan 1958/1998a), essencial nos desencadeamentos psicóticos. No caso, é o próprio pai que ao noticiar o nascimento do irmão, aponta um buraco na estrutura que provoca o desencadeamento. Este não é o de uma psicose clássica, não é o desencadeamento extraordinário: Mariano passa do gordinho que ganha comidas deliciosas da mãe ao início de uma anorexia bastante restritiva. A ideia da cumplicidade da mãe e da nutricionista, ‘um par de víboras’, é um esboço de um delírio, um fenômeno elementar discreto. A anorexia aqui, não tem função de reparação, *sinthomática* ou não, pois “[...] é efeito mesmo do

desencadeamento, efeito disruptivo da foraclusão do Nome-do-pai recentemente vista: sintoma". (Schejtman, 2013, p. 301, tradução nossa).

No terceiro tempo, Schejtman localiza uma construção que permite a Mariano voltar a desfrutar a vida, a construção de um novo nome de gozo na cura: a transformação de um ditado popular que se torna: homem gordo não goza mulher bonita – HGNGMB. É esse nome que liga *sinthomaticamente* os registros. Mesmo relatando a sua felicidade em ter namoradas que gosta de beijar, a nominação não refaz a cadeia borromeana. Mariano faz um sintoma psicótico, uma posição bulímica com vômitos e compulsões para comer que testemunham o retorno do real. Assim, neste caso, a anorexia e a bulimia têm função de sintoma pois trazem a marca do desencadeamento.

A partir desses casos, pode-se perceber a importância de diferenciar o que é do *sinthoma* ou do sintoma para a orientação e intervenção analíticas. A partir dessa localização, poderá o analista decidir se aposta colocar em questão a solução – *sinthomatica* ou não – que o sujeito encontrou.

Nessa direção, o autor destaca que é muito importante diferenciar a noção de estabilidade promovida pelo *sinthoma* do desencadeamento explicitado pelo sintoma. Segundo ele, nem tudo o que se apresenta clinicamente como crise subjetiva corresponde, necessariamente, ao desencadeamento da estrutura em termos nodais. Há de se considerar a possibilidade de que fenômenos clínicos diversos que usualmente se abordam como momentos subjetivos críticos, desestabilizações e descompensações várias ou, até mesmo, angústias que se estendem no tempo, por mais críticos e problemáticos que pareçam, podem supor na estrutura, certa rigidização do enodamento. Assim, é digno de nota relembrar uma passagem em que ele argumenta que o *sinthoma*, por dar estabilidade, não indica uma ausência de sofrimento já que, como afirmou Lacan: "[...] o *sinthoma* é sofrer por ter uma alma". (Schejtman, 2018, p. 709, tradução nossa).

Se é assim, eventualmente, uma psicanálise pode pôr em questão, essa rigidez, pois "[...] frente a essas respostas tão certas, a comoção saudável provém de alguma pergunta que ali pode articular-se. A análise, nesse ponto, honra sua etimologia: desata." (Schejtman, 2012, p.360, tradução nossa). Assim, chega-se à questão do que se pode pensar sobre o lugar e a função do analista na clínica contemporânea.

4.2 Função e lugar do analista na clínica hoje

> A psicanálise tem alguma possibilidade de existência porque algo se desencadeou na vida de alguém – em princípio além do diagnóstico de neurose ou psicose – e então uma demanda se manifesta e é dirigida, eventualmente, para um psicanalista [...]A grande maioria das pessoas não precisa consultar o psicanalista: a compensação, a estabilidade é a regra. O desencadeamento franco é exceção. O ser humano médio se mantém ... dormindo. (Schejtman, 2015, p. 163, tradução nossa).

Foi possível acompanhar ao longo dessa dissertação como a neurose tem se reorganizado em sua apresentação a partir da incidência do discurso capitalista que potencializa o imperativo de gozar, e o sujeito, pela disposição infinita de objetos consumíveis, muitas vezes ocupa o lugar do cliente que tem sempre razão. Como consequência, o estabelecimento de um sintoma analítico não se faz, dada a refratariedade ao inconsciente e, logo, a impossibilidade transferencial.

Soria (2019) apresenta uma vinheta de uma primeira e única entrevista de alguém que lhe solicitou tratamento. Trata-se de um executivo que, por estar muito estressado, passou a ter crises frequentes de pânico, tratadas em atendimento de urgência hospitalar e medicadas com algo para acalmá-lo. Quando de sua quarta crise, lhe sugeriram procurar um psicólogo. Ele disse à analista que a procurou porque o mandaram, já que não acreditava em psicólogos. Então, a condição para continuar ou iniciar o tratamento é que a analista desse a ele a garantia pelo trabalho, isto é, a garantia de que ele não teria mais crises se se tratasse, pois não queria perder tempo nem dinheiro: “E, além disso vou me orientar, porque se você me der a garantia e depois não a cumprir, quero saber se posso processá-la por má prática profissional.” (Soria, 2019, p.180, tradução nossa). A analista interveio dizendo que realmente dava pânico pensar o mundo e senti-lo daquela forma. Apesar de se surpreender com a intervenção, o paciente nunca voltou ao seu consultório. Segundo a autora, a posição daquele sujeito era correlativa ao ataque de pânico, pois estava em uma posição rígida que buscava uma garantia absoluta. Se aparecia algo da castração, o pânico lhe tomava. Se do Outro nada de bom poderia vir, como seria possível o amor nessa posição? Como seria possível uma psicanálise? Se, como anunciou Lacan, nesse discurso não há espaço para as coisas do amor, de que forma pode-se pensar o lugar do analista?

Lacan disse, em 1976, que “[...] quando ... o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente”. (Lacan, 1976/2003 p.571). O que quer dizer o inconsciente aqui? Que ele não é mais concebido como estruturado a partir dos significantes S1 – S2 e, logo, apreendido em torno de um sentido recalcado a ser desvendado. O inconsciente está sustentado pelo signo, pelo fora

do sentido e pelo gozo, está mais próximo do real. As consequências clínicas dessa nova concepção dão

> [...] lugar a uma abordagem mais ordinária da clínica, tanto no campo das psicoses como no das neuroses, tornando perceptível uma variedade de soluções inéditas com as quais, pelo uso do sinthoma, pode-se prescindir do pai, seja para além dele (no caso das neuroses) ou aquém (no caso das psicoses). (Souto, 2017, p 22).

Essa clínica ordinária trata de acolher aqueles padecimentos, se se pode nomeá-los assim, nos quais não houve um desencadeamento indicado pela ausência de uma pergunta, como se pôde acompanhar nas neuroses ordinárias e na caracterologia, ou quando não há uma suposição de saber e de endereçamento ao Outro como ocorre na histeria rígida. Tais características marcam de modo significativo as subjetividades contemporâneas e coloca no centro da clínica, questões éticas ao analista.

Nessa direção, Dunker (2002) ressalta o cuidado na função diagnóstica nas entrevistas preliminares que poderia provocar um desencadeamento nos casos de psicose. O autor argumenta, entretanto, se no caso de uma neurose ainda não desencadeada, a função da análise não seria a de propiciar o desencadeamento. Duas questões se colocam: a de que nem toda demanda ao analista provém de um desencadeamento, e a segunda, decorrente desta, é como proceder diante desses casos?

4.2.1 Perturbar a defesa

Entre o primeiro e o último ensino de Lacan, a ênfase se desloca do simbólico em direção ao real. Por ocasião de sua apresentação do tema do IX Congresso da AMP, Jacques-Alain Miller indicou que "[..] para entrar no século XXI, nossa clínica deverá se centrar na desmontagem da defesa, desordenar a defesa contra o real". (Miller, 2014). Do que se trata quando se fala de defesa?

A defesa é um conceito freudiano que aparece desde o início dos trabalhos de Freud e foi se diferenciando do recalque ao longo de sua obra, de modo que este se reduziu a ser o tipo de defesa ligado à neurose. Lacan também teorizou sobre a defesa desde o seu primeiro ensino. Paula Marinho, em sua tese *Variantes da neurose tipo ou a defesa na atualidade da clínica psicanalítica* (2019), faz um percurso da elaboração deste conceito desde Freud. Em Lacan, ela elege uma de suas leituras sobre a defesa que pareceu mais pertinente ao seu tema de pesquisa que ela nomeou como 'variações da neurose tipo". Aqui, essa mesma leitura lacaniana também parece ser a mais rica e esclarecedora: "[...] é a elaboração de que a

primeira reação diante do real é de uma defesa primária" (Marinho, 2019, p. 103), assim expressa por Lacan:

> A realidade é precária. E é justamente na medida em que seu acesso é tão precário que os mandamentos que traçam sua via são tirânicos. Enquanto guias para o real, os sentimentos são enganadores. Não é de outra maneira que é expressada a intuição que anima toda a pesquisa auto-analítica de Freud sobre a abordagem do real. Seu próprio processo só pode ser feito, primeiro, pela via de uma defesa primária. A ambiguidade profunda dessa abordagem exige do homem para o real se inscrever primeiro em termos de defesa. Defesa que já existe antes mesmo de as condições do recalque como tal se formularem. (Lacan, 1959-1960/1997, p. 43)

Lacan estabelece que, como a defesa é primária na relação com o real, ela está nas origens da constituição do aparelho psíquico. A defesa tem uma diversidade e se coloca como a construção mais genuína e particular do sujeito, pois a defesa contra o real se faz com a linguagem, o inconsciente, o sintoma. Ela é uma construção que vem como resposta ao golpe pulsional que implica o encontro de *lalíngua* e o corpo. Nessa direção, a defesa parece guardar uma estreita relação com o *sinthoma*, tal como foi apresentado no capítulo 1. O nó se constitui como uma estrutura do ser falante a partir da trança que indica os cruzamentos das incidências dos registros do real, do simbólico e do imaginário. *O sinthoma*, como o quarto elo que enoda o nó ao fazer a reparação de suas falhas, também se constitui como uma defesa frente ao real. Como ensina Schejtman: "[...] não há antecedente freudiano mais estrito do *sinthoma* que a noção de defesa" (2018, p.709).

Em 11 de janeiro de 1977, Lacan lança mão do que chamou 'perturbar a defesa' como uma forma de romper com o inconsciente que fala sozinho, o inconsciente autístico:

> O inconsciente é que, em suma, se fala (…) sozinho. Fala-se sozinho, porque fala-se apenas uma única e mesma coisa – exceto se nos abrirmos para dialogar com um psicanalista. Não há meios de se fazer de outra maneira, senão receber de um psicanalista o que perturba sua defesa. (Lacan, 1976-1977, aula proferida em 11/01/1977).

Durante a experiência analítica, ao dialogar com um psicanalista, a defesa inconsciente de cada sujeito deve ser visada, tocada, perturbada pelo analista, essa defesa que faz com que o inconsciente diga sempre uma mesma coisa e de um mesmo modo. Perturbar a defesa não é incomodar a satisfação, mas os modos como ela se dá.

Em *Sutilezas analíticas* (2011) Miller refere-se ao conceito de defesa, como aquilo que qualifica uma relação direta com a pulsão, o que a diferencia do recalque. Assim, o que seria a interpretação, ou a perturbação da defesa, não recai sobre um significante, mas consiste em esclarecer a natureza da defesa do inconsciente, entendido como elucubração de saber sobre *lalíngua*. Desse modo, pode-se diferenciar dois momentos da análise: a exploração do

inconsciente e de suas formações que podem ser decifradas e um momento que dá lugar a um acontecimento de corpo que não tem como referência o sentido, mas o gozo particular que o determina. Por isso, a interpretação entendida com perturbação da defesa, requer que o analista, sustentado pelo sem sentido, coloque o corpo e represente o acontecimento corporal, o semblante do traumatismo. Como explicita Racki (2014, p. 114, tradução nossa) trata-se "[...] de uma clínica habitada pela tensão entre o sintoma mensagem e o sintoma gozo correlativa a uma tensão entre interpretar o recalcado e perturbar a defesa que diz respeito ao não interpretável".

Introduzida a questão da defesa e desse novo lugar do analista, como perturbador da defesa, coloca-se em cena, novamente, a pergunta de Dunker (2002): seria função da análise provocar um desencadeamento diante de neuroses não desencadeadas? O autor considera que sob transferência, pode-se produzir uma espécie de 'crise artificial de gozo' que é necessária ao tratamento analítico. (2002, p.85). Sobre a crise de gozo, o autor se remete à Bruce Fink que sugere que a procura por uma análise é, geralmente, precedida de uma crise de gozo que pode ser traduzida por uma falta de efetividade do sintoma. Dunker ressalta que os indícios dessa crise aparecem, por exemplo, como uma descontinuidade de saber que "[...] pode ser apresentada como uma ruptura dessa unidade imaginária que torna o sintoma 'compreensível' e tolerável pelo sujeito". (Dunker, 2000, p.91). Nesse caso, além de desejar que seu sintoma desapareça, o paciente se queixa de sua súbita inadequação e inoperância. Dessa forma, o autor propõe que se esta crise não se coloca para o sujeito, cabe ao analista provocá-la, sob transferência, produzi-la artificialmente.

De fato, como se viu, a defesa como *sinthoma* deve ser perturbada e desmontada, como completou Miller. Nessa direção a análise deve se orientar no sentido de fazer desencadear, fazer sintoma. Para esclarecer esse lugar do analista, Schejtman retoma a oposição *sinthoma*-sintoma referindo-se a Lacan (1978), quando sublinha esta diferença. Segundo ele, Lacan a indica assinalando que enquanto o sintoma evoca a caída de algo, o *sinthoma*, ao contrário, é o que remedia a caída do sintoma (2018, p.709). Seguindo com o autor, ele destaca que a reparação *sinthomática* supre a marca do encontro traumático da não relação sexual: "todos […] têm como *sinthoma* cada um cada uma. Há um *sinthoma* ele e um *sinthoma* ela. É tudo o que fica do que chamamos a reação sexual. A relação sexual é uma relação *intersinthomática*." (Lacan, 1978, apud Schejtman, 2018, p. 709, tradução nossa.).

Segundo Schejtman, é desse modo que a interpretação analítica, ao apontar a ausência da relação sexual faz sintoma, desencadeando e liberando o *sinthoma*, pode-se dizer, perturbando a defesa. Entretanto, ao sustentar a etimologia de 'análise', que significa desatar,

o psicanalista não deve se eximir de sempre julgar a conveniência, ou não, de colocar em questão a defesa *sinthomática* do falasser. Um analista, já dizia Freud, deve se abster de seu *furor curandis*, assim ele "[...] não perturba a defesa nem libera o *sinthoma* a qualquer preço. Não o faz certamente, sem considerar o que pode vir em seu lugar. É o cálculo mínimo que dele se espera." (Schejtman, 2018, p. 709, tradução nossa). Nessa direção, convém relembrar que Lacan (1975-1976/2007, p. 131), diz que o analista é um *sinthoma* e, nesse sentido, está no lugar de enodar. Portanto, é sempre importante destacar: há defesas a perturbar, a desmontar e novas defesas a construir.

Como se pode concluir, perturbar a defesa é o que faz abalar o modo autístico de satisfazer a pulsão, que o discurso capitalista, articulado com o da ciência, trata de servir e sustentar. Miller (1999, p. 19) sublinha que o real é aquilo que surpreende, pois é da ordem do traumático. Espera-se, contudo, que o analista, por suas intervenções, e aqui deve-se destacar, ao perturbar e desmontar a defesa, possa surpreender o real. Trata-se do analista surpreendedor.

5 CONCLUSÃO

A pergunta que orientou essa dissertação, na qual se discutiu o que a histeria rígida e a neurose ordinária, a partir do *sinthoma*, podem ensinar sobre o desencadeamento da neurose na atualidade, resultou em algumas conclusões, mas também suscitou outras perguntas. A pesquisa nasceu pelo encontro, na clínica, de casos que, embora apareçam no contexto do que se poderia considerar um desencadeamento, os sujeitos não se comovem, não se abalam, não se lançam em questões. Tais sujeitos trazem apenas a existência de um gozo fixado, repetitivo. Nessa direção, a conceituação do *sinthoma* como a reparação dos erros do enodamento, foi o conceito-chave ao longo de todos os capítulos.

Inicialmente foi apresentado o modelo da neurose a partir do nó borromeano para indicar que na segunda clínica a neurose e a psicose passaram a ser possíveis respostas à inexistência da relação sexual e não mais estruturas que se constituem a partir da incidência do Nome-do-Pai. O ponto de partida é a estruturação do sujeito como um nó borromeano que é sempre falho e que, portanto, faz-se necessário que um elemento o repare para que o falasser possa ter uma inserção na realidade. O *sinthoma* se constitui como esse elemento que repara tais erros. Ele é o quarto elo que enlaça os três registros. O nó neurótico foi mostrado por sua característica de amarração, em que o *sinthoma* repara os dois pontos de erro e adquire o formato de uma 'orelha'. Foi fundamental destacar que no nó neurótico não há interpenetração de registros, o que o diferencia do nó da psicose. O *sinthoma* ocupa o lugar do elemento que é a sustentação do enodamento enquanto o sintoma traz a marca do desencadeamento. Nessa direção, o *sinthoma* está desde o início da constituição subjetiva e é anterior ao desencadeamento, embora possa se desfazer e se reconstruir de modos diferentes ao longo da vida do falasser.

A neurose ordinária e a histeria rígida como dois modos diferentes de apresentação da neurose clássica, ambas referenciadas à clínica borromeana, foram discutidas em seguida. As neuroses ordinárias são chave de leitura para muitos modos de adoecimento na atualidade como as adições, anorexias e bulimias, cujo sofrimento, muitas vezes, revela-se não como um desencadeamento, mas como uma espécie de rigidez que dá estabilidade ao sujeito. Assim, ao longo do capítulo foi mostrado como se deu a construção do nó dessas neuroses que utilizam, no mesmo nó, várias reparações *sinthomáticas* e, por isso, recebem a denominação de polireparadas ou *polissinthomatizadas*. Concluiu-se que pela resistência ao desencadeamento, muitos desses sujeitos não chegam a uma análise por si mesmos ou demonstram certa

impermeabilidade ao dispositivo analítico, colocando a questão do lugar e da função do analista.

A histeria rígida foi apresentada a partir da peça *O retrato de Dora*, que serviu a Lacan para a introdução dessa noção. Ao se trabalhar a histeria rígida, pelas características da materialidade e da rigidez, foi possível indicar que nem tudo do sintoma está referenciado ao Édipo e ao Nome-do-pai. Nela aparece uma vertente da histeria que não opera pelos efeitos do falo como significação e que subverte a mostração do inconsciente tido como a ligação de S1-S2, o inconsciente transferencial, no qual o sintoma aparece como uma metáfora. Nessa histeria há apenas a repetição do significante Um sozinho, que não se liga a nada, mas que fixa um gozo ininterrupto que se sustenta por um evento corporal sobre o qual se constitui o sintoma. Foi possível demonstrar que o acontecimento de corpo na infância de Dora pode ser o elemento que faz o enodamento dos registros, um *sinthoma* que não é explícito no nó, mas que dá a essa cadeia a rigidez da operação do significante do Um sozinho. Também aqui, deve-se pensar a função do analista para operar com o que não visa o sentido, mas apenas o gozo.

No terceiro capítulo, discutiu-se a pertinência do desencadeamento para o campo da neurose a partir das referências de Freud e de Lacan. O ponto de partida foi a leitura de que o desencadeamento é um fato clínico desde Freud que o demonstra em seus casos clínicos. A partir de Lacan tomou-se o desencadeamento como um evento que ocasiona mais que um movimento do sujeito. Trata-se de uma espécie de lançamento, pela sensação da intrusão de algo proveniente de 'Outro lugar', no qual o sujeito sente algo de inconsistente no seu sofrimento. Ainda em Lacan, pode-se mostrar uma lógica que liga o desencadeamento à loucura, tomada em duas acepções: loucura como rigidez e como ruptura e que funcionam, muitas vezes de forma alternada e não estanque.

A partir de releituras do caso Dora e do Homem dos Ratos foi possível identificar que os sintomas podem relacionar-se tanto como elementos que sustentam a estabilidade, ou seja, que funcionam como *sinthomas* que enodam ou como sintomas que são índices de desencadeamento. Nessa direção, foram relatadas passagens de três casos clínicos de Fabián Schejtman, cujo elemento central era a anorexia que, em cada caso, pôde servir como sintoma ou *sinthoma*. Conclui-se que caberá ao analista identificar o que enoda e o que deve ser preservado do que enoda, mas que é necessário desencadear. Nesse ponto foi introduzida a questão do lugar e função do analista.

Para discuti-los, retomamos a indagação de Dunker, se diante de neuroses não desencadeadas não seria função do tratamento tornar o desencadeamento possível. Foram

recuperadas de Lacan, a noção de defesa como primeira reação diante do real e a indicação de que o analista deve perturbar a defesa do sujeito, ideias que foram desenvolvidas também por Miller. Para Lacan, a defesa é primária na relação com o real, ela está nas origens da constituição do aparelho psíquico e, como tal, se coloca como a construção mais genuína e particular do sujeito. Ela é uma construção que vem como resposta ao golpe pulsional que implica o encontro de lalíngua e o corpo. Nessa direção, foi possível inferir que a defesa parece guardar uma estreita relação com o *sinthoma* que, como o quarto elo que enoda o nó ao fazer a reparação de suas falhas, constitui-se como uma defesa frente ao real2. Diante do inconsciente que fala sozinho, Lacan lança mão do que chamou 'perturbar a defesa', como uma forma de romper com esse inconsciente autístico. Pela aproximação entre os conceitos de defesa e *sinthoma*, pôde-se concluir que, nesse sentido, o tratamento analítico deve ser o promotor do desencadeamento. Caberá ao analista, entretanto, calcular o que deve ser perturbado ou não, pois esta é uma posição ética.

Como de tudo fica um pouco, parafraseando o poeta Drummond, não há conclusões sem novas perguntas. Assim, diante da proposta dessa pesquisa, restaram algumas questões: pode-se tomar essas neuroses ordinárias e a histeria rígida como *novos* tipos de desencadeamento das neuroses, como o trabalho de Freud de 1912, ou elas poderiam indicar tipos de *não* desencadeamento das neuroses?

Nas neuroses ordinárias discutiu-se exatamente como as neuroses podem se apresentar de forma tão estável, senão rígida, de maneira que a proposta de desencadeamento lhes seja estranha. Na histeria rígida viu-se uma apresentação da neurose histérica sem seu caráter discursivo e sem a suposição de saber no Outro, e um desaparelhamento do sentido para lidar com o gozo. Do ponto de vista topológico, neurose ordinária e histeria rígida são diferentes, posto que na primeira encontramos *sinthomas* e reparações múltiplas, enquanto na segunda, tais reparações estão ausentes, pois não há *pere versión* na histeria rígida

Afora a diferença topológica, é possível conceber que ambas podem ser instrutivas sobre a questão do desencadeamento. Pode-se hipotetizar que o que ambas têm de novo é forma de apresentação, embora possa se reconhecer seus traços desde Freud, com a referência ao neurótico comum presente nas neuroses ordinárias e o seu caráter inabalável e na histeria rígida, com a vertente real do sintoma que já aparecera no caso Dora.

Argumenta-se, então, que o segundo modo da pergunta, tipos de *não* desencadeamento da neurose, pela função e uso do *sinthoma*, é mais pertinente ao tema, se o desencadeamento for tomado como um acontecimento que produz uma pergunta e lança o sujeito a uma questão. Em ambas, essa caraterística não está presente, posto que há apenas a incidência do

gozo fixado na repetição do Um-sozinho. Desse modo, o *sinthoma*, como o que repara os erros do nó e o mantém enlaçado, tanto em sua via de hiperutilização, como nas neuroses ordinárias, ou por estar ausente ou implícito, como na histeria rígida, cria uma espécie de rigidez que dificulta o desencadeamento. Nesse sentido elas ensinam que as neuroses, ainda que se apresentem pela via do sofrimento, podem não se apresentar desencadeadas.

Espera-se que esta pesquisa, pelas questões que levantou, alimente novas propostas de trabalho sobre a clínica da neurose na atualidade.

REFERÊNCIAS

Aromi, A; Esqué, X. (2017, octubre). Las psicosis ordinárias y las otras bajo transferencia. (pp.33-39) *Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano*, 30/31

Bonfim, F. G. (2014, jul/dez). Perspectivas sobre o escrito lacaniano: a significação do falo. (pp.157-182) *Analytica*, *3* (5).

Capanema, C. (2018). A. *Enlaces e desenlaces na adolescência*. Belo Horizonte: Scriptum.

Capanema, C. A. e Vorcaro, A. M. R. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. (pp. 388-405) *Estilos clin. [online]*. *22*(2).

Coelho, M.S. (2006, jun.) Psicanálise e laço social: uma leitura do seminário 17. (pp 107-121). *Mental*, *4* (6).

Dunker, C. I. L. (2002). *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo; Escuta.

Elia, L. (2000). Psicanálise: Clínica e pesquisa. (p. 19 -37). In Alberti, S.; Elia, L. (orgs.). *Clínica e pesquisa em psicanálise.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Freud, S. (1974a). Tipos de desencadeamento da neurose. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 289-299). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1912)

Freud, S. (1974b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 157-252). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1909).

Freud, S. (1975a). Dois verbetes de enciclopédia. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 285-307). Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Publicado originalmente em 1918)

Freud, S. (1975b). Moisés e o monoteísmo. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 13-161). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1939)

Freud, S. (1976a). Inibição sintoma e ansiedade. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 95-200). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1926)

Freud, S. (1976b). Conferência XXVI O estado neurótico comum. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 441-456). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Publicado originalmente em 1917).

Freud, S. (1976c). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 227-234). Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Publicado originalmente em 1924).

Freud, S. (1976d). História de uma neurose infantil. In Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 13-151). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1918)

Freud, S. (1976e). Conferência XXIII O caminho de formação dos sintomas. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 419-439). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Publicado originalmente em 1916)

Freud, S. (1989). Fragmento de uma análise de um caso de histeria. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 12-115). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1905)

Freud, S. (1994a). As neuropsicoses de defesa. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 51-72). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1894)

Freud, S. (1994b) Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: Strachey (Ed.), J. Salomão (Trad.), *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 159-183). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1896)

Godoy, H. C. (2010). A topologia é a estrutura. *Cadernos 5 - A escrita de Jacques Lacan: matemas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia, 5*, pp. 127-138.

Guerra, A. (2010) *A psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Guerra, A. (2017, janeiro, março) Impacto clínico da topologia borromeana no estruturalismo lacaniano. *Ágora: estudos em teoria Psicanalítica [Online]*. (20/1).

Guerra, A. M. C & Vorcaro. (2018) A. M. R. *A teoria da nominação em Jacques Lacan*. Curitiba: Ed. CRV.

Indart, J. C. et al. (2014). *De la histeria sin nombre del padre I*. Olivos: Grama Ediciones

Jeanvoine, M. (1997) *Dicionário de psicanálise: Freud e Lacan/1*, Salvador, BA: Ágalma.

Lacan, J. (1973-74). *Séminaire 21: Les non-dupes errent.* Disponível em: http://staferla.free.fr/S21/S21.htm.

Lacan, J. (1974-75). *Séminaire 22: RSI.* Disponível em: http://staferla.free.fr/S22/S22.htm.

Lacan, J. (1976-1977). *Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Disponível em: http://staferla.free.fr/S24/S24.htm

Lacan, J. (1978). Du discours psychanalytique. In *Lacan in Italia*. Milão; La Salamandra, p. 32-55. Original proferido em 1972

Lacan, J. (1985a). O *Seminário livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original proferido em 1972-73)

Lacan, J. (1985b). *O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original proferido em 1964).

Lacan, J. (1988). *O Seminário livro 3: As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original proferido em 1955-56)

Lacan, J. (1992) *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original proferido em 1969-70)

Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997. (Original proferido em 1959-60)

Lacan, J. (1998a*)*. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In *Escritos*. (pp. 537-590), Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1958)

Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original publicado em 1960).

Lacan, J. (1998c). Intervenção sobre a transferência. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original publicado em 1951)

Lacan, J. (1998d). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original publicado em 1958).

Lacan, J. (2003) Joyce, o sintoma I. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original proferido em 1975).

Lacan, J. (2003) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1976).

Lacan, J. (2005a). *O simbólico, o imaginário e o real* (1953). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1953)

Lacan, J. (2005b). *O Seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original proferido em 1962-63).

Lacan, J. (2007). *O Seminário livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original proferido em 1975-76)

Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original proferido em 1968-69)

Lacan, J. (2009). *O Seminário livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009. (Original proferido em 1970-71).

Lacan, J. (2010, abril). Transferência para Saint Denis? (pp. 31-32). *Correio* Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 65. (Original em 1978).

Lacan, J. (2011a, dez.). A terceira. (pp. 11-35). *Opção Lacaniana*, (62), São Paulo. (Original proferido em 1974).

Lacan, J. (2011b). *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro; Zahar Editores. (Original proferido em 1972).

Lacan, J. (2012). *O Seminário livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original proferido em 1971-72)

Laurent, E. (2013). Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. (p. 10-20). In *Textos do VI Enapol,* 2013. Recuperado de: http://www.enapol.com/pt/Textos.pdf. Acesso em 20 fev. 2019.

Laurent, E. (2014, nov.) Conferencia: El Sinthome. (13-14). *Consecuencias*, Revista digital de Psicoanalisis, Arte y Pensamiento, Buenos Aires, (Original proferido em 2012). Recuperado de http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/014/template.php?file=arts/Derivaciones/Conferencia-El-Sinthome.html. Acesso em 20 fev. 2019

Leibson, L. (2012). Desencadenamientos y Locuras en la neurosis. (pp. 269-294). In Schejtman, F. (org.) *Elaboraciones lacaniana sobre la neurosis*. Buenos Aires: Grama Ediciones.

Leite. M. P. S. (2000) Na segunda clínica de Lacan a palavra não se dirige ao outro. (pp. 169-180). *Estilos da Clínica*, *5* (9).

Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. e Calazans, R. (2014, jul/dec.) "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora: Estudos em Teoria psicanalítica. 17* (2).

Maleval, J-C. (2017) Descontinuidade e continuidade. (pp. 7-9). *Rumo à Barcelona 2018: as psicoses ordinárias, e as outras, sob transferência*. Papers n. 3. Recuperado de: https://congresoamp2018.com/wp-content/uploads/2017/12/PAPERS-7.7.7.N%C2%B03-Portugais.pdf. Acesso em 15 dez. 2018

Marinho, P. D. F. (2019) *Variantes da neurose tipo ou a defesa na atualidade da clínica psicanalítica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade federal de Minas Gerais, Programa de pós graduação em Psicologia, Belo Horizonte.

Mazzuca, R. Schejtman, F. Slotnik,M. (2000). *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*. Buenos Aires: Tres Haches Editorial.

Mendonça, R. L. (2018). *A realidade mostrada à maneira dos geômetras: um estudo topológico sobre o conceito de realidade em psicanálise*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós- graduação em Psicologia, Belo Horizonte.

Miller, J. A. (1999). Los inclassificables de la clinica psicoanalitica. Buenos Aires: Paidós

Miller, J.A. (2002). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Miller, J. A. (2004a). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós.

Miller, J.A. (2004b). Biologia lacaniana e acontecimento de corpo. (pp. 06-67) In: *Opção Lacaniana*, 41.

Miller, J. A. (2005). *El otro que no existe y sus comitês de ética*. Buenos Aires Paidós.

Miller, J.A. (2006) *A arte do diagnóstico: O rouxinol de Lacan*. Disponível em: http://ea.eol.org.ar/03/pt/textos/txt/pdf/el_ruisenor.pdf. Acesso em: 19 mai. 2018.

Miller, J. A. (2011) Sutilezas analiticas. Buenos aires: Paidós.

Miller, J. A. (2012a). Efeito de retorno à psicose ordinária. In: *A Psicose Ordinária*. Batista, M. C. D.; Laia, S. (Orgs). Belo Horizonte, Scripitum. (Original publicado em 2008).

Miller, J. A. (2012b). A convenção de Antibes. In: *A Psicose Ordinária*. Batista, M. C. D.; Laia, S. (Orgs). Belo Horizonte, Scripitum. (Original publicado em 1998).

Miller, J. A. (2014). Apresentação do tema do IX Congresso da AMP. Disponível em: http://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Presentation-du-theme_Jacques-Alain-Miller.html

Porge, E. (1998). *Os nomes do pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Cia de Jesus

Rabinovich, D. (2005), *A significação do falo*: uma leitura. Rio de Janeiro: Cia de Jesus.

Racki, G. (2014, abril). Algunas vibraciones sobre la perturbación de la defensa. (pp. 111-115). In: *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, *9* (16).

Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora: um estudo lacaniano sobre as histerias*. Belo Horizonte: edição da autora.

Schejtman, F. (2011, noviembre). Polisinthomados actuales. *III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Schejtman, F. (2012). Encadenamientos y desencadenamientos neuróticos: inhibición, síntoma y angustia. In Schejtman, F. *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*. (pp. 295-365). Buenos Aires: Grama Ediciones.

Schejtman, F. (2013). *Sinthome, Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Olivos: Grama Ediciones.

Schejtman, F. (2015). Neurosis polisinthomadas o polireparadas. (pp. 295-365). In: Dafunchio, N., *Ni neurosis, ni psicosis*. Buenos Aires: Del Bucle.

Schejtman, F. (2016). Clínica Nodal, fallas y reparaciones, Diversidad de Sinthomes Joyceanos, Neurosis Ordinarias, Letra del Síntoma Preguntas al Doctor Fabián Schejtman. Algunas respuestas. Entrevista a Sebastian Lhaneza. *Revista Conclusiones Analíticas*, 2016. Recuperado de http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/53355/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1. Acesso em 17 jun. 2018.

Schejtman, F., (2018) Interpretación: perturbar la defensa, liberar el sinthome. (pp. 708-709. *X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXV Jornadas de Investigación XIV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Soria, N. (2019). *El Inconsciente hoy*. Buenos Aires: Del Bucle.

Souto, S. (2013). A histeria hoje. In *Textos do VI Enapol*. Disponível em: http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Las-Conversaciones-del-ENAPOL/La-histeria-hoy/Simone-Souto.html. Acesso em 19 nov. 2018

Souto, S. (2017). Descontinuidade do Édipo continuidade do gozo. (pp. 20-22). *Rumo à Barcelona 2018*: as psicoses ordinárias, e as outras, sob transferência. Papers n. 3. Recuperado de: https://congresoamp2018.com/wp-content/uploads/2017/12/PAPERS-7.7.7.N%C2%B03-Portugais.pdf. Acesso em 15 dez. 2018.

Tironi, A. (2010, março). A psicose ordinária e os inclassificáveis das categorias lacanianas. *Opção Lacaniana online nova série,* Ano 1, 1, pp. 105-110.

Vitale, F. (2014). Segunda Noche. In: Indart, J. C. [et.al.]. *De la histeria sin nombre del padre I*. Olivos: Grama Ediciones.

Vorcaro, A. M. R. (2009). Topologia da formação do inconsciente: o efeito sujeito. (pp.45-62). *Rev. Estudos Lacanianos*, v.3.

Zack, O. (2012, abril) Síntoma e carácter. (1-14). *Psicologia em Revista*, 18 (1).